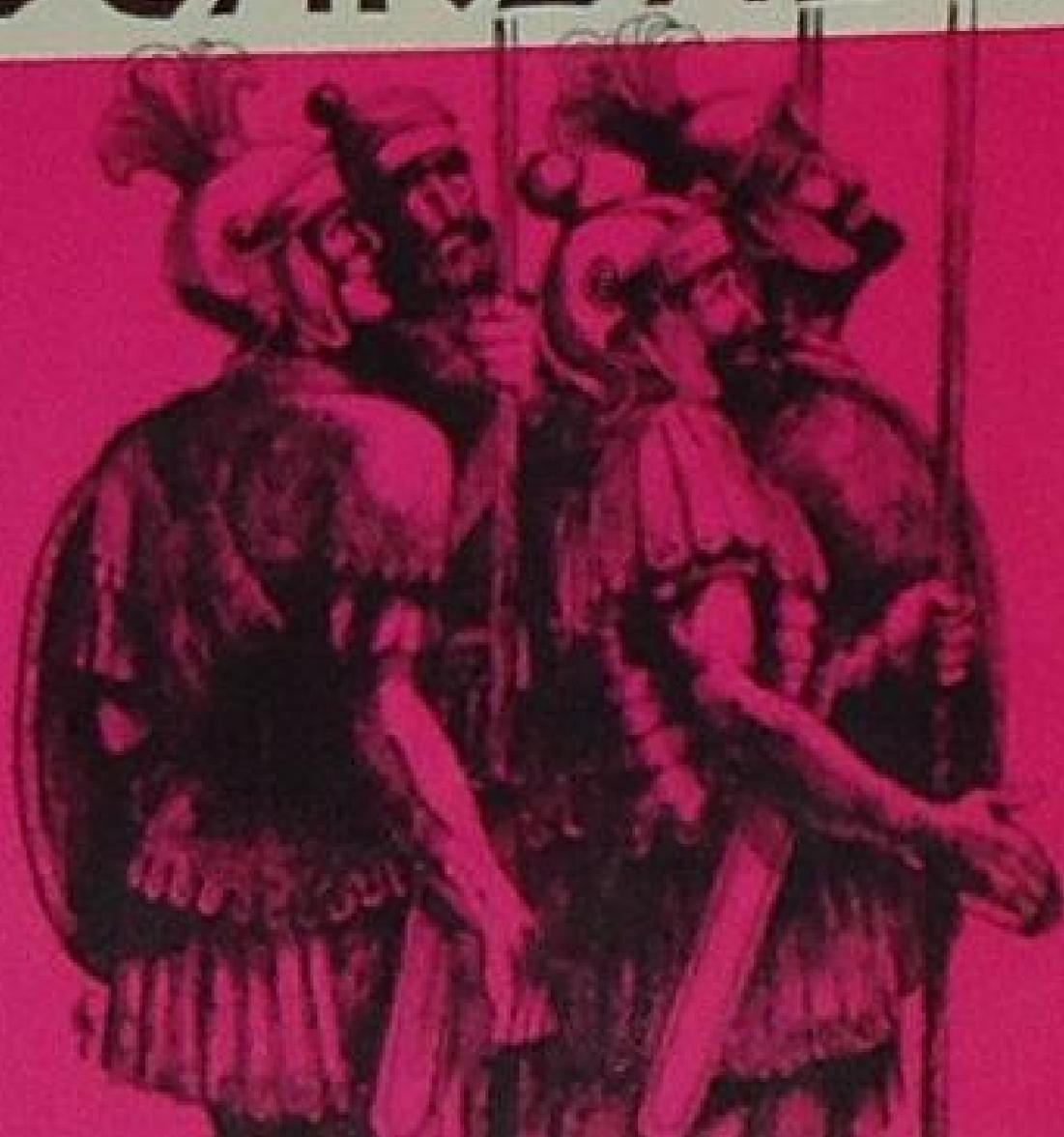


PELO ESPÍRITO
FRANCISCO LEITE DE BITTENCOURT SAMPAIO

FREDERICO PEREIRA
DA SILVA JÚNIOR

JESUS PERANTE A CRISTANDADE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Frederico Pereira da Silva Júnior

Jesus
Perante a Cristandade

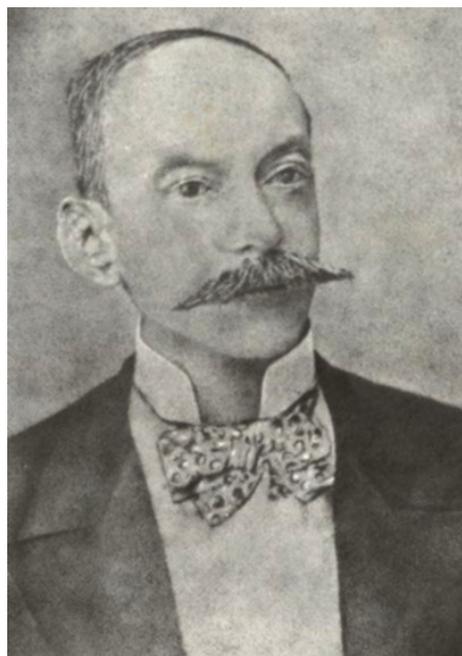
Pelo Espírito
Francisco Leite Bittencourt Sampaio

Toda a planta que meu Pai Celestial não plantou será arrancada pela raiz.
(Mateus, cap. XV, v. 13.)

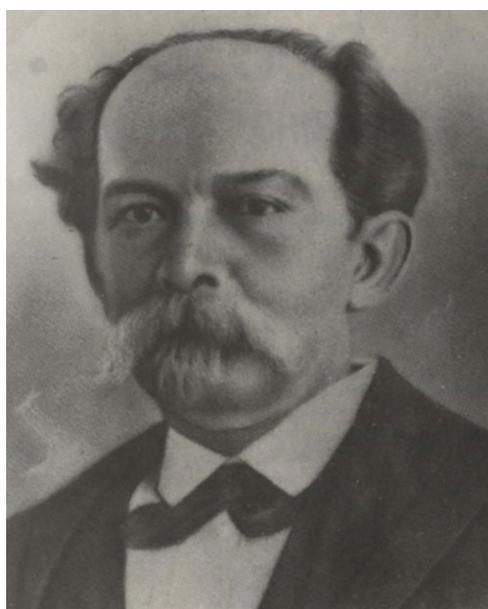
Agosto - 1898



FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17 - ZC-08
e Avenida Passos, 30 - ZC-58
20000 — Rio, RJ — Brasil



Frederico Pereira da Silva Júnior



Francisco Leite Bittencourt Sampaio

Conteúdo resumido

Nesta obra, o admirável Espírito Bittencourt Sampaio analisa a essência da mensagem cristã, enflorando a vida de Jesus desde seu nascimento até sua morte e ressurreição. São 11 capítulos de extrema beleza, onde esse elevado Espírito dá seu aval à teoria do corpo fluídico, que enaltece com lúcidas considerações. É um valioso estudo de muitas particularidades do maior interesse.

Sumário

Advertência / **05**

Prefácio / **06**

I - No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. — O Verbo se fez carne. — Mudez de Zacarias; nascimento de João. — Verdadeiro batismo. — Deus é espírito. — Paraíso, Inferno e Purgatório. — Corpo aparente do Divino Mestre. — Saudação e anunciação do anjo Gabriel à Virgem Santíssima / **09**

II - Nascimento do Divino Mestre. — Cânticos ouvidos pelos pastores. — Moisés atravessa o Mar Vermelho. — Bezerro de ouro. — Moisés ordena a grande hecatombe / **19**

III - Festas da Páscoa. — Jesus entre os doutores. — Batismo de Jesus. — Confissão. — Prisão e morte do Precursor. — Degolação dos inocentes. — Pecado original. — João Batista, reencarnação de Elias. — Tentação do Divino Mestre, no deserto, pelo demônio / **24**

IV - Bodas de Caná. — Jesus expulsa do templo os mercadores. — A feira dos sacramentos. — O Espiritismo é o precursor do Espírito da Verdade. — Pergunta de Nicodemos ao Divino Mestre. — Lei da reencarnação. — O inferno. — Arrendatários da Vinha do Senhor. — Ressurreição do Espírito. — Jesus e a mulher samaritana / **35**

V - Jesus é a ressurreição e a vida. — Cura do paralítico, junto ao poço Betsaida. — O dia de sábado, segundo a lei moisaica. — O verdadeiro jejum. — Multiplicação dos pães e dos peixes / **50**

VI - A carne e o sangue de N. S. Jesus-Cristo. — As promessas e ofertas, segundo a Igreja de Roma. — Parábola da figueira estéril. — O juramento perante o Evangelho. — O Syllabus. — A idolatria. — Sucessão da

cadeira de S. Pedro. — Comércio das imagens. — Aos mortos incumbe o enterramento dos mortos. — Intolerância da Igreja romana / **58**

VII - O Espiritismo à luz dos Evangelhos. — Lei da reencarnação. — Eternidade do castigo, segundo a Igreja de Roma. — O festim do Grande Rei. — Anátemas da Igreja Católica. — Parábolas da mulher adúltera e do filho pródigo. — A oração dominical. — Casamento e celibato / **72**

VIII - A verdadeira morte: a morte do Espírito. — Enfermidade de Lázaro; sua morte aparente e sua ressurreição. — Os escribas e fariseus resolvem dar a morte a Jesus, aconselhados por Caifás. — Entrada do Divino Mestre em Jerusalém / **83**

IX - A Ceia Pascoal. — A Eucaristia. — Jesus lava os pés dos seus discípulos. — Predição da traição de Judas. — As muitas moradas da Casa do Pai. — O Consolador. — Jesus prediz a Pedro que ele o negará três vezes / **88**

X - O ósculo da denúncia. — Pedro fere a orelha de Malco. — As três negativas do apóstolo da fé. — Esforços de Pilatos para livrar o Divino Senhor. — Arrependimento de Judas. — Palavras do Manso Cordeiro às filhas de Jerusalém. — O Calvário. — Palavras de Jesus à Virgem Santíssima e ao Discípulo Amado. — Últimas palavras do Divino Mestre. — Nicodemos e José de Arimatéia depõem no sepulcro o corpo de Jesus / **96**

XI - Visita das piedosas mulheres ao santo sepulcro. — Aparição do Divino Mestre a Maria Madalena. — Madalena, por ordem do Senhor, comunica aos discípulos a sua ressurreição. — Aparição do Divino Mestre aos seus discípulos. — Incredulidade de Tomé. — Manifesta-se Jesus, uma outra vez, aos seus discípulos, na presença de Tomé. — Palavras do Divino Senhor ao Apóstolo da Fé. — Ascensão do Senhor — O Consolador entre os homens — A Doutrina Espírita / **105**
Últimas Palavras / **116**

Advertência

Esta obra representa o doce fruto por humildes trabalhadores colhido na santa vinha do Amado Mestre, por sua divina misericórdia.

Em sessões especiais, que se realizaram no espaço de seis meses e de que fizeram parte os irmãos e amigos que, sob a proteção do bom Guia Ismael, estudam os SANTOS EVANGELHOS, recebemo-lo por intermédio do nosso bom companheiro Frederico Pereira da Silva Júnior, que ao dedicado servo do Senhor que o ditou emprestou o seu aparelho de médium sonambúlico, transmitindo-nos estas páginas esplendentes de luz e de verdade, que vêm trazer à cristandade a fé e a esperança na misericórdia de Nosso Senhor Jesus-Cristo, que baixa sobre os pobres exilados na Terra, permitindo-lhes o conhecimento das verdades que se contêm no Código Divino.

Cabendo-me o encargo de coordenar as comunicações recebidas, para dá-las à publicidade, pela escolha imerecida que de mim fez esse espírito esclarecido que há bem pouco foi também nosso companheiro de trabalhos na Terra, procurei, pedindo o auxílio ao meu bom Guia e aos meus protetores do espaço, e empregando todo o esforço de que era capaz o meu pobre espírito, desempenhar a elevada tarefa que só pela divina misericórdia do Senhor me fora dada.

Beijo a mão generosa e boa que se estendeu até mim, levando-me para o trabalho da santa seara. Que Jesus, o nosso Divino Mestre e Senhor, cumule de graças e de bênçãos ao bom obreiro da sua santa vinha, e que do alto da sua glória lance um olhar de misericórdia e de perdão ao mísero pecador que, vestindo ainda os andrajos da sua pobreza moral e intelectual, procurou servir ao seu fiel discípulo.

E que nestas sublimes páginas encontreis, leitor, o conforto às vossas dores; e, meditando sobre as divinas verdades que elas vos revelam; possais ver a sacrossanta imagem do nosso Divino Redentor, tal qual ela é e como no-la apresentam os SANTOS EVANGELHOS.

São estes os votos do último dos vossos irmãos em Nosso Senhor Jesus-Cristo.

Pedro Luiz de Oliveira Sayão /Agosto - 1898.

Prefácio

A vós, oh Santíssima Virgem! Soberana dos Céus! Rosa Mística, em cujo seio encontra abrigo todo infortúnio; a vós, esperança dos aflitos, alma da caridade, a vós esse primeiro esforço que faço, após a minha passagem, para testemunhar a Nosso Senhor Jesus-Cristo a grandeza da minha gratidão, pelas muitas misericórdias de que me cercou na Terra, fazendo rebentarem no meu seio de homem as sementes do Evangelho, germinarem e amadurarem para a vida eterna.

A vós, oh Virgem Santa, todo o meu empenho em, levantando-me da solidão do túmulo, ressurgido pela graça do Eterno, vir mostrar o vosso Amantíssimo Filho Jesus, Senhor Nosso, perante a cristandade.

Glória, glória a vós, Virgem Mãe Imaculada!

Aos meus irmãos da Terra; àqueles em cujas almas viceja ainda a flor de uma esperança, aos meus irmãos da Terra, cujos Espíritos bracejam ainda nas águas desse tremendo dilúvio de erros, de crimes e de incertezas; aos que assistem, agarrados aos ramos de coral, passar de roldão a sementeira divina, impulsionada por aqueles mesmos que maiores responsabilidades tomaram perante o seu Criador e o seu Divino Mestre; aos meus irmãos da Terra, aos que nesse imenso deserto do mundo perscrutam as vozes do céu procurando, com zelo, o astro que os encaminhe à nova Canaã, este humílimo trabalho que outro intuito não tem a não ser repartir com a humanidade sofredora o pão espiritual que recebi de N. S. Jesus-Cristo, pela graça do seu amor e da sua misericórdia.

Jesus perante a Cristandade

Sim; porque, há vinte séculos, pregada a sua doutrina, selada com o seu precioso sangue, os povos da Terra ainda não conhecem o verdadeiro Jesus, ainda não conhecem a sua verdadeira doutrina, ainda não praticam os seus verdadeiros ensinamentos; porque aqueles que tomaram sobre os seus ombros a tarefa de fazê-lo conhecido da humanidade segregaram-no, fecharam-no em sombras espessas de erros e de crimes, de sorte que o Manso Cordeiro, o Divino Filho de Deus não pode ser visto pelos seus

irmãos da Terra, nem a sua doce e persuasiva palavra pode penetrar as consciências fechadas, trancadas pela mão dos que deviam ser os primeiros a lhes darem toda a expansão, fazendo-as compreender toda a sua verdade.

E como encontrarmos Jesus? Onde sentirmos a vibração de suas palavras sacratíssimas, se nós, pelo Evangelho, o vemos nos tugúrios, nas humildes palhoças, com o seu verbo inflamado, chamando a criatura para o seu Criador, e hoje nos convidam a ver o Nazareno, e a reprodução das suas palavras, na ostentação dos palácios que se levantam em todas as cidades do mundo, e aos quais, por uma ironia ao fundador do Cristianismo, se dá o nome de Igreja de Deus?

Séculos de lutas! E, quando esperávamos ver surgir na consciência humana a compreensão do seu Deus, mister se faz ainda reproduzir o dístico da fachada do templo de Delfos: Homem, estuda a ti mesmo!

O sangue derramado na cruz tornou-se o lago onde a humanidade se afoga em desesperos, sem compreender que ele, caindo em jorros, tinha por fim trazer a paz, o amor, a confraternização humana.

O mundo é um deserto onde não se encontra Jesus e onde ainda Aquiles tem poder sobre as consciências. Jesus continua a ser o aborrecido, e, depois de tantas lutas, o homem ainda não compreende que a Terra é uma estação de inverno, onde o Espírito vem preparar-se para a primavera do céu!

E, depois de tantas lutas, depois de tantos palácios levantados, onde se convida o gênero humano aos sacramentos, a humanidade ainda pergunta, como o grande governador da Judéia: O que é a verdade?

E tem razão, pois a verdade é Jesus, e a humanidade não conhece Jesus!

Mas, aproximam-se os tempos; esse véu espesso com que cobrem a imagem verdadeira do nosso Divino Mestre, vem rasgá-lo a meio o Espírito de Verdade; e então, vós, homens que vos deixastes embalar unicamente pelas coisas do mundo; vós, continuadores de Pedro, que trocastes o seu humilde bordão de peregrino por um cetro de rei; vós, pontífices que transformastes a Casa de Deus em feira das consciências, vereis, em toda a sua grandeza, o aborrecido de todos os tempos, Jesus Nazareno, o primogênito do Altíssimo!

O Espírito de Verdade, fazendo, ele mesmo, descerem à Terra os seus

enviados, para acenderem nas consciências o amor do seu e nosso Deus, o amor para com todas as suas criaturas, terá dito a última palavra às tribos de Israel, que se espalham pelo universo inteiro, chamando-as à redenção e ao arrependimento.

Acompanhando os textos bíblicos, estudando as palavras dos profetas, de Jesus e seus apóstolos, faremos ressurgir na consciência humana o Divino Nazareno; eis o nosso empenho, e, para tanto, oh meu Deus, meu Criador e Pai, peço-vos a inspiração dos meus maiores, toda a luz da vossa infinita misericórdia, a boa-vontade daqueles que têm de acompanhar-me nessa estrada sombria e cheia de abrolhos, até encontrarmos o vosso Amantíssimo Filho, para o mostrarmos, qual ele é; aos olhos da cristandade.

I

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. — O Verbo se fez carne. — Mudez de Zacarias; nascimento de João. — Verdadeiro batismo. — Deus é espírito. — Paraíso, Inferno e Purgatório. — Corpo aparente do Divino Mestre. — Saudação e anunciação do anjo Gabriel à Virgem Santíssima. (1)

(1) João, cap. I; Lucas, cap. I; Malaquias, cap. IV, vv. 5-6; Deuteronômio, cap. XVIII, vv. 15-18; e Isaías, caps. XL, v. 3 e IX, v. 2, cujos textos, na íntegra, o leitor encontrará no seu exemplar da Bíblia, permitindo-nos reduzir, assim, as dimensões deste volume. Nota da Editora (FEB), em 1975.

Moisés, falando a um povo pobre de mentalidade, quanto rico de paixões, para afastar-se do caminho traçado pelo Senhor, e tendo de dar-lhe conhecimento do princípio das coisas, escreveu o Gênesis, que se encontra no Antigo Testamento.

Fracos os homens para os quais legislava, e incapazes de compreender o papel superior que representa a Terra na hierarquia dos mundos, ele, para satisfazer a necessidade das suas inteligências, apresenta-lhes a Terra como o princípio geral de todo o universo.

Palpando e sentindo a fereza dos instintos do homem, escreveu o Levítico, como a porta de um grande dique capaz de conter a onda invasora das suas maldades, que levariam os seus Espíritos ao fundo dos mais tremendos abismos de perdição. Eram leis apropriadas ao meio em que ele agia como juiz, como diretor de um exército de Espíritos caídos da pureza, da inocência de onde tinham partido.

Hoje, porém, que o espírito humano se tem desenvolvido, o homem rasga os seios da Natureza e vai buscar, no espaço infinito, séries de mundos que nele se sustentam pela atração do fluido universal; hoje, que a inteligência melhor compreende a razão das coisas, nós, pela vontade, pela graça de N. S. Jesus-Cristo, podemos, dentro da palavra do seu Evangelho, fazer compreender o seu princípio, muito embora ainda não possamos apreender nem dizer toda a verdade.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

No princípio, isto é, antes da existência do planeta que habitais, Jesus, o Espírito Puríssimo, primogênito do Pai, toma dos elementos dispersos e condensados pelo fluido universal, e forma uma grande esfera incandescente que, obedecendo às leis eternas da gravitação dos corpos, descreve a sua órbita, em volta de um grande astro.

Cercada essa esfera de grandes vapores, pela alta temperatura, sobe aos espaços e, pela ação da sua vontade, ele congrega esses dois elementos que a ciência da Terra chama hidrogênio e oxigênio, produzindo a água.

A esfera, no correr não de seis dias, mas no correr de séculos, vai pouco a pouco se resfriando, e as matérias líquidas que se contêm no seu seio procurando, pela ebulição, rasgar a crosta dessa mesma esfera produzem essas irregularidades que se notam na face do planeta.

As águas, pela baixa da temperatura, vão caindo em chuvas e, obedecendo às leis de gravitação, buscam os leitos baixos da esfera, produzindo os mares.

As matérias corrosivas, juntamente com as águas, corroendo e encaminhando para as grandes bacias os detritos arrancados dos cabeços, formam as camadas sedimentárias; e, após muitos séculos de outras evoluções, pela vontade e pelo governo de Jesus, nessas camadas sedimentárias aparece o humo que, saturado do ácido carbônico, dá lugar ao primeiro florir das açucenas, ao levantamento da primeira palmeira.

Eis organizado, segundo o meu fraco pensar, o exílio da Terra; eis organizado o planeta da expiação, onde os Espíritos desviados do amor do seu Deus vêm tomar corpos para sofrerem, vêm provar a morte para ressurgirem para a vida.

No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.

Entendamo-nos sobre essa palavra.

O Verbo; segundo o Discípulo Amado, na sua Divina Epopéia, não é mais do que a vontade e a palavra do Eterno.

Jesus sentia a vontade do seu Criador e Pai, e era, pela palavra, o transmissor dessa vontade perante toda a Natureza.

No princípio era o Verbo. Sim.

No princípio da criação do planeta Terra, Jesus, podemos dizer, médium de Deus, realizava em toda a criação a vontade do seu Criador. E

o Verbo se fez carne, e habitou entre nós — e o Verbo se fez corpo, e o corpo habitou entre nós —, e Jesus tomou um corpo celeste, na frase do grande Apóstolo dos Gentios, e veio habitar entre os homens, dando cumprimento às profecias, oferecendo-lhes os elementos de salvação, a troco do seu precioso sangue.

Próximos os tempos do seu aparecimento sobre a Terra, existia um grande sacerdote, de nome Zacarias, esposo de Isabel, aquela que se julgava estéril.

Zacarias, achando-se no templo, exercendo o seu ministério, recebeu, como médium vidente e auditivo que era, a manifestação de um grande Espírito, que lhe disse que do ventre de Isabel sairia o grande Profeta do Senhor.

Zacarias, apesar de crente, apesar de ter na consciência que a vontade de Deus faz-se a despeito de todas as circunstâncias, de todas as razões apreciadas pelos homens, duvidou, porquanto a sua infeliz Isabel tinha o sinete da ignomínia, estava avançada em anos, era estéril.

O Anjo do Senhor, para dar-lhe uma prova da verdade do que dizia, acrescentou: Ficarás mudo até o dia em que seja consumado esse fato que te revelo agora; até o momento em que fores chamado para dares nome ao menino, que, de antemão, te digo se deve chamar João.

Atrofiados, pelo fluido magnético, os órgãos vocais de Zacarias, deu-se o fenômeno e, positivamente, só no momento em que se cogitava do nome que se havia de dar ao inocente recobra Zacarias a sua voz, isto é, os Espíritos retiram os fluidos magnéticos atrofiadores, e, ao lhe apresentarem a tabuinha em que se devia gravar esse nome, nela escreveu, dizendo: João é o seu nome.

Esse fato, que encheu de alegria a casa de Isabel; esse fenômeno, segundo a linguagem humana, que levantou da ignomínia a serva do Senhor, foi, no julgar dos homens fortes, uma condenação, foi um sofrimento doloroso para o grande sacerdote Zacarias, visto que, por largo tempo, se viu privado da voz.

E a fé, e o amor das coisas santas?! Pois, porventura, os sofrimentos que experimentamos, pela graça que nos concede o Senhor, serão superiores aos sacrifícios dos idólatras, daqueles que, sem um objetivo de crença e unicamente para agradarem a uma ficção, se deixavam esmagar

debaixo das rodas do grande carro de Siva (2) e de outros ídolos?

(2) Deus hindu, a terceira pessoa da trindade indiana; deus que modifica e cria por meio da morte; que mata para criar. Seus adoradores, os Sivaïtas, consideram-no o maior dos deuses, e houve tempo em que, no Ceilão e no Indostão, o consideravam o deus único e supremo. Tem por morada o monte Kailasa razão por que lhe dão também o nome de Gandhara (o que traz o Ganges na cabeça), visto que o Ganges desce dos flancos do monte Kailasa, morada do deus.

Não, certamente. Aquele sofrimento era um gozo para Zacarias que, cheio de humildade, padecia aquele atrofiamento, aguardando que se cumprisse, em sua casa, a palavra do Senhor.

Estava, pois, no mundo a voz do que clama no deserto; aparecia sobre a superfície da Terra o grande profeta do Nazareno, aparelhando o caminho para a sua passagem evangélica.

João, feito homem, procura os desertos; prepara o seu Espírito, como todos os profetas, no seio da Natureza, e, depois, percorrendo as tribos de Israel, vai levando a palavra da esperança e do arrependimento, convidando os povos à penitência, para receberem o Grande Enviado.

Voz do que clama no deserto, procura as margens do imenso Jordão e convida o povo a vir receber as águas do batismo, isto é, a comungar com ele o Deus que ele anunciava.

Apresentando uma fórmula para substituir, desde logo, uma outra que não tinha mais razão de ser, como fosse a circuncisão, o sinal da aliança de Deus com as suas criaturas, porquanto, aproveitada como sinal de conversão dos Espíritos às leis de Jeová (3), era, no entanto, naquela zona, uma necessidade higiênica, pela natureza do clima ardente que então reinava, João institui o batismo, derramando água sobre a cabeça dos homens.

(3) (O que subsiste por si mesmo); um dos nomes que os israelitas dão a Deus.

Os que ouviam as suas palavras, os que sentiam as verdades que ele proferia, os que se arrependiam aceitando a sua doutrina, isto é, a doutrina de Jesus, esses ele batizava; e, assim, cada um tinha a responsabilidade do seu ato e, sentindo e raciocinando, estava apto para aceitar ou rejeitar a doutrina que se lhe pregava; e, visto que o seu livre-arbítrio era respeitado, podia perfeitamente agir e resolver, por vontade própria. Este é, cristãos em Cristo, o verdadeiro batismo.

E será o batismo de hoje, o que se oferece a toda a cristandade, o

batismo de João?

Não, certamente. Não é o batismo a que se prestou Nosso Senhor Jesus-Cristo, apresentando-se ao grande profeta para, em comunhão com os arrependidos, obedecer à vontade de seu Pai, à vontade de seu Criador.

Pois quê?! Tomais de uma criança que não pensa, tomais de um pequenino que não raciocina e o batizais, e mandais, em pleno século dezenove, que outrem venha resolver da vontade, da religião que deva adotar esse ou aquele dos vossos irmãos? E acreditais que realmente, por uma simples formalidade toda exterior, tendes feito hoje um cristão em Cristo, para amanhã o julgardes um apóstata?

Recolheis, porventura, essa criança ao vosso seio, transfundis no seu Espírito os sentimentos religiosos?

Acompanhais, acaso, os seus passos, guiando-a como um peregrino, para a luz e para a verdade; nunca mais a deixais longe dos vossos exemplos, que devem ser os de N. S. Jesus-Cristo e seus apóstolos?

Onde e quando assim o praticais — é isso o que, no correr do presente trabalho, procuraremos conhecer, não com o intuito de chamar a ira dos fiéis contra vós, antes com o de lhes pedirmos a compaixão, a piedade, por isso que, constituindo-vos representantes de Nosso Senhor Jesus-Cristo sobre a Terra, salvo a exceção feita por ilustres varões que souberam honrar seu ministério, não fazeis obras de Jesus-Cristo, nem procurais seguir o trilho luminoso dos apóstolos, quando iam, em nome de seu Divino Mestre, de tribo em tribo, de cidade em cidade, levar a palavra do amor, da caridade e da salvação.

Se a crença e a fé reclamam a liberdade, a razão e a vontade: liberdade para a ação, inteligência para o raciocínio, consciência para a vontade, nós não compreendemos como se possa tomar de um pequenino ser, sem liberdade, sem razão e sem vontade, e impor-lhe preceitos religiosos e inculcar-lhe na alma a Doutrina Santa de N. S. Jesus-Cristo.

Quando puderdes mostrar-me no texto bíblico alguma coisa que vos autorize a esse procedimento, eu me julgarei em erro e o confessarei publicamente.

Para não fatigar a vossa inteligência na investigação da verdade, basta consultar o cap. XXVIII, v. 19, de Mateus, pois aí encontraremos Jesus mandando que seus discípulos pregassem a sua doutrina, por todas as

gentes, por todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Notai bem que a prédica antecede o batismo.

Vê-se, pois, por esse ensinamento, por esse mandato, que o batismo nada mais é do que um símbolo para confirmação das crenças que o indivíduo tenha esposado, em sua alma, perante seu Criador e Pai. Mas, pregar uma doutrina àquele que se acha ainda envolvido nas faixas da infância, ao Espírito turbado pelo pavor da morte, porque a vida da Terra é a morte do Espírito, poderá ser a satisfação das fórmulas exteriores do batismo, mas nunca o ideal, nunca o espírito, nunca a moral que ele exprime no ensinamento evangélico.

Sei que a intolerância de Roma há de, um dia, lançar o anátema sobre este modesto trabalho. Mas, que importam os anátemas, que importam as excomunhões, quando o meu Espírito sente necessidade de repartir, com seus irmãos, o pouco que aprendeu no espaço, dando, assim, satisfação aos compromissos tomados perante N. S. Jesus-Cristo, em anteriores existências?

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. O Verbo fez-se carne e habitou entre nós. Jesus, tomando um corpo aparentemente material, veio ser na Terra o Verbo de Deus.

Consultai as paráfrases caldaicas e encontrareis, em muitas passagens, o Messias representando o Verbo de Deus na Terra.

Deus é espírito, a sua vontade é o pensamento; o seu pensamento recolhe-se no Espírito puríssimo de Jesus, transforma-se no Verbo e o Verbo vem habitar entre os homens, ensinando a palavra da salvação. E, assim como no homem a palavra é a resultante da sua vontade, sendo em Jesus, pela sua pureza, a resultante da vontade do Pai, Jesus é a palavra de Deus, Jesus é o Verbo.

Mas, o Verbo fez-se carne e habitou entre nós.

Moisés, como já vos disse, falava a um povo pobre de mentalidade, quanto rico nos desvarios da matéria.

Formando um corpo de doutrina, ele teve necessidade de dar um princípio a todas as coisas, ao alcance da compreensão do povo para quem legislava; e, nesse propósito, apresenta Adão como o tronco da família humana.

Mas, esse princípio da criação não podendo satisfazer hoje a inteligência humana, não podendo adaptar-se ao desenvolvimento do espírito do homem, que vai buscar nas investigações da Geologia, da Arqueologia, da Astronomia, da Crônica e da História, o princípio provável de todas as coisas, nós temos necessidade de fazer trabalhar a nossa razão, a nossa inteligência à luz da verdade espírita e, sem destruir os princípios evangélicos, harmonizar todas as coisas, satisfazer a ambição dos homens, tanto quanto eles possam suportar.

Feito o planeta — Terra — nós vemos nele o paraíso, o inferno e o purgatório.

O paraíso para os Espíritos que, emigrados de mundos inferiores, encontram na Terra, podemos dizer, o seu oásis.

O inferno para os que, já tendo possuído mundos superiores ao planeta Terra, pelo seu orgulho, pelas suas rebeldias, pelos seus pecados originais a ele desceram para sofrerem provações, para ressurgirem de novo no paraíso perdido.

O purgatório para os Espíritos em transição, aqueles que, tendo atingido um grau de perfectibilidade, tornaram-se aptos para guias da humanidade.

Fazer a humanidade vir do tronco de Adão é não compreender Deus em toda a sua grandeza.

Nós julgamos que o mundo foi habitado por colônias de Espíritos, reunidos segundo as suas tendências, as suas imperfeições e os seus adiantamentos: daí a diferença das raças, dos tipos, dos costumes, das religiões e dos instintos.

Como se organizaram essas colônias?

Não sabemos; no entanto, parece que aquela que foi dada a Abraão era a mais adiantada, era a que se constituíra de Espíritos mais propensos ao amor do seu Deus, ao amor do seu próximo.

E, se não o explicarmos assim, perguntarão os filósofos, e com toda a razão — por que a preferência de Jesus pela casa de Israel? Por que, existindo outros povos, uns intelectualmente mais adiantados e outros moralmente mais atrasados, por que todos os cuidados de N. S. Jesus--Cristo são para a casa de Jacob?

É, parece-nos, porque dali, daquele tronco abençoado viriam

sucedendo-se famílias de Espíritos preparados para avassalarem o mundo e compreenderem toda a verdade divina.

Só assim podemos compreender, também, a nenhuma razão de ser dessa torre de Babel, para a confusão das línguas. As línguas foram confundidas pelos Espíritos, nas suas próprias colônias.

E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós.

Carne! Mas, há corpos celestes e corpos terrestres.

Jesus, tomando sobre os seus ombros a regeneração da humanidade, tendo de enfrentar muitas sociedades cheias de preconceitos, de erros e de crimes; tendo de destruir o fanatismo de uns, o deísmo de outros, o panteísmo e outras muitas seitas e outras muitas doutrinas filosóficas que faziam profundos sulcos no espírito do homem, na escola de Alexandria, cercado por uma massa de elementos heterogêneos, para a expansibilidade da sua Boa Nova teve necessidade de tomar o corpo aparente de homem e como tal apresentar-se ao mundo.

Nós não conhecemos, em todas as suas evoluções, as leis dos fluidos, mas parece-nos que os Espíritos prepostos, designados a acompanhar o nosso Divino Mestre na sua missão sobre a Terra, foram buscar na flor da vide e na flor dos trigais os elementos que deviam compor o corpo de N. S. Jesus-Cristo.

Para nós, espíritas, já não é isso uma hipótese; é uma verdade perfeitamente confirmada.

O Espírito toma de uma flor, fá-la perder a coesão das suas moléculas, transforma-a em fluidos e, quando a sua vontade assim o quer, reúne os mesmos fluidos, produz a coesão das moléculas e restabelece a mesma flor.

O fluido tirado da flor da vide, da flor dos trigais, foi esse que se concentrou no seio da Santíssima Virgem, dando-lhe as formas da prenhez, formas que tanto molestaram o justo varão José.

Se não é pela vontade do varão, nem da carne, que se forma o Espírito, mas sim pela vontade de Deus; se o papel da mulher, na gestação, é unicamente guardar o corpo que tem de conter o Espírito que se vem apresentar no mundo, logicamente podemos afirmar que a Virgem Maria foi mãe de N. S. Jesus-Cristo, isto é, deu-lhe o corpo, conservando sempre a sua virgindade, por influência do Espírito Santo, a falange dos bons

Espíritos que foram buscar, no coração da própria Natureza, o tênue véu de carne aparente que envolveu o Divino Mestre e do qual ele se desprendia, por ação de sua vontade, quando ainda não era chegada a hora das suas angústias.

Na pequena elevação de um outeiro, dentro de humílima casa, em êxtase, cismava a Virgem Santa, quando vê aparecer ante seus olhos o anjo do Senhor, Gabriel chamado, que lhe diz, saudando-a:

— Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo; benta és tu entre as mulheres; de teu seio sairá o redentor do mundo e por-lhe-ás o nome de Jesus.

Maria, superando o seu doce enleio, responde:

— Como se poderá dar esse fato, se eu não conheço varão?

— Crê, oh! Virgem Santa! Aquele que vai sair do teu seio será chamado Filho de Deus.

— Faça-se na sua escrava a vontade do Senhor.

Estava feito o consórcio da Terra com o Céu; tinha-se estabelecido o pacto da redenção entre a criatura e o seu Deus.

Finalmente, as vozes dos profetas iam tornar-se uma realidade, e as dez tribos de Israel, reunidas por Jeroboão (4) e perdidas pela idolatria, iam de novo reunir-se na comunhão de N. S. Jesus-Cristo, o Verbo de Deus na Terra.

(4) Autor do Cisma das dez tribos. Roboão, filho de Salomão, tendo irritado o povo, dez tribos o abandonaram, elegendo rei Jeroboão, que foi, assim, o 1^a rei de Israel. Residiu em Sicheim; mandou fundir dois bezerros de ouro em Bethel e Dan, cuja adoração ordenou. Sacrificava a esses falsos deuses, quando o profeta Jacto lhe predisse a ruína do seu culto e a morte de seus sacerdotes; Jeroboão estendeu, furioso, a mão para o fazer calar, mas esta se secou imediatamente, e ele só se viu livre desse mal por preces do profeta. Morreu deixando o trono a Nadab, seu filho.

Mas, José, homem severo em seus costumes, encontrando a sua desposada com os sinais de uma prenhez precoce, por isso que ele não a conhecera como mulher, recolhe-se ao seu Deus e, cheio de mágoas, lança um olhar de compaixão sobre a sua noiva e pensa, para não envergonhá-la, em fugir de seu lado, indo buscar, na ausência do seu amor, os lenitivos da religião a seus pesares.

Mal feriu a mente do varão José este pensamento e o anjo do Senhor colocou-se a seu lado, para dizer-lhe toda a verdade em relação à Virgem

Santíssima.

José, Espírito humilde, alma consagrada ao serviço do Senhor, aceita a paternidade aparente de N. S. Jesus-Cristo, considerando a Virgem Santa, para todo o sempre, a esposa de Deus.

Estava Jesus na Terra; estava o holocausto preparado, pelas mãos do Eterno, para receber o Cordeiro sem mácula, que devia remir os homens do pecado.

Como ele desenvolveu a sua doutrina, como foi compreendido, amado e rejeitado pelos homens, como lançou os fundamentos da Igreja Cristã, hoje tão desvirtuada, como encheu as almas dos apóstolos dos fogos da fé, da esperança e do amor, e os mandou pregar, por toda parte, a sua Boa Nova, como virá de novo entre os homens receber deles o produto dos seus labores — é o que nós vamos tentar dizer, pedindo à misericórdia de Deus a luz de N. S. Jesus-Cristo e a assistência dos seus apóstolos.

II

Nascimento do Divino Mestre. — Cânticos ouvidos pelos pastores. — Moisés atravessa o Mar Vermelho. — Bezerra de ouro. — Moisés ordena a grande hecatombe.

Servindo mais aos interesses de uma dinastia que se tornou célebre pela opressão exercida sobre um povo humilde e fraco do que à vontade nacional hebraica, já manifestada por todos os seus departamentos, César Augusto, o imperador romano, houve por bem de sua vontade dividir em três principados o Reino da Judéia, sob o governo imediato dos descendentes de Herodes, chamado o Grande, célebre pela ferocidade de seus crimes perpetrados contra o Código Divino.

Príncipes da Judéia, Arquelau, Filipe e Antipas podiam ser perfeitamente os continuadores do seu antepassado, no massacre do povo judeu, pois tinham para isso carta branca do César, que, abroquelado na força dos seus exércitos conquistadores, jamais consentiria que o povo humilde alçasse o colo, pretendendo sequer o direito de ter uma religião.

A aurora da redenção já recamava das mais fulgurantes cores os horizontes da Palestina, e ainda os déspotas da Terra, cegos pela vaidade e pela ambição, entrincheirados no seu orgulho, atiravam os últimos dardos à imagem da liberdade corporificada no Filho de Maria, no filho do humilde carpinteiro — Jesus, Senhor Nosso.

E, assim como os soldados retalharam no sopé da cruz a túnica do Nazareno, disputando a sua maior porção, assim o César, pretendendo ter nas suas mãos maior número de subservientes, de escravos, mandou proceder a um grande recenseamento nos seus domínios, para conhecer do número exato do povo sobre o qual exercia o seu governo, a sua vontade.

Foi obedecendo a esse edito que o varão José e a Virgem Santíssima, como galileus que eram, procuraram a cidade de Belém, onde devia consumir-se o consórcio divino de Deus com as suas criaturas.

Mas, por isso mesmo que o povo era chamado em massa ao recenseamento, e que a cidade era pequena, José e Maria não encontraram o conforto da estalagem nem da casa de amigos para se recolherem; todos os lugares estavam tomados e os dois santos peregrinos tiveram de se

abrigar na palhoça de um simples estábulo, para fugirem às inclemências da estação.

E assim o homem, julgando coagir um povo livre ao domínio de sua vontade, dava lugar a que se realizassem as profecias, fazendo com que a Virgem Santíssima buscasse, em Belém, dar à luz, segundo o pensar daqueles povos, o Deus menino — o Salvador de Israel.

Começa N. S. Jesus-Cristo, no seu próprio nascimento, dando ao mundo o mais extraordinário exemplo de humildade. Começa ele provocando um grande escândalo na Judéia, indo buscar para lugar do seu aparecimento na Terra uma humilde palhoça, quando o povo judeu, tomando à letra e sempre à letra todas as instruções dos profetas, acreditava que o Messias prometido seria um dos maiores reis da Terra, governando materialmente a Judéia, estabelecendo um reinado tão grande, tão imenso que viesse absorver todos os reinos, todos os impérios.

E assim podia ser!

O Redentor Divino podia ir buscar nos grandes palácios dourados, nas pompas e nas grandezas da Terra o lugar para o seu aparecimento; ele tinha poder para isso; mas, cumpria que os povos recebessem o seu primeiro exemplo de humildade, logo por ocasião de sua entrada no mundo; era mister mostrar à vaidade humana como o grão de areia pode absorver uma montanha, como a gota d'água pode conter em si um oceano.

Distante da Virgem, procurando o mercado de Belém, José ia fazer os seus víveres para si e para a sua companheira.

Inebriada, saturada dos fluidos divinos, a Virgem Imaculada encontrou-se nesse êxtase santo de que só podem gozar os Espíritos puros; quando voltou a si do seu grande enleio, ouviu lá fora, nos campos, onde baliavam as ovelhinhas, cânticos sonoros que se elevavam pelos espaços, dando glória a Deus no mais alto dos céus, e paz aos homens na Terra. Cheia de confusão e de respeito, diante do seu fruto imaginário, encontrou o seu menino Deus entre os braços.

Trocam-se os primeiros sorrisos do Céu com a Terra, transfunde-se na alma humana o próprio Deus, na pessoa de N. S. Jesus-Cristo; e os pastores, que faziam a vigília da noite, entre si perguntavam: o que aconteceu em Israel? Que cânticos são esses pela calada da noite?

E os Espíritos santos, produzindo os fluidos sonoros e luminosos, diziam às almas inocentes dos pastores: É nascido o Rei da Judéia, o Cristo, Senhor Nosso, há tanto tempo esperado!

Sim; fluidos sônicos e luminosos eram os cânticos produzidos pela milícia celestial; esse mesmo fluido formado pela vontade dos Espíritos prepostos para a missão de N. S. Jesus-Cristo, e que foi visto, como simulacro de uma grande estrela, conduzindo os Magos às terras de Belém.

Esse mesmo fluido, imensamente luminoso, produziu a coluna de fogo, no fraguado das estrangeiras terras, dando passagem aos cativos do Egito sobre as águas do Mar Vermelho, fato extraordinário que, no entender dos sábios, não passa de uma fantasia dos povos orientais, visto que eles, até hoje, ainda não puderam conhecer as leis que presidiram a esse extraordinário fenômeno.

O Mar Vermelho, assim chamado pela presença de algas microscópicas, que a ciência hoje conhece sob o nome de protococcus, e que dão às suas águas a sua cor característica, apesar da contradição dos sábios, deu livre passagem ao povo judeu, guiado pelo grande legislador Moisés, em demanda das terras de Canaã.

Vou demorar-me sobre este ponto bíblico, porque desejo que os meus irmãos da Terra compreendam a grande carnificina de que vou tratar em pouco, a degolação dos inocentes.

Moisés, Espírito ilustrado, médium de todas as mediunidades, assistido pela elite celestial, em virtude da alta missão que desempenhava sobre a Terra, conhecia perfeitamente o fluxo e o refluxo das águas do Mar Vermelho.

Ele tentou pela súplica, por mais de uma vez, obter a liberdade dos seus patrícios; pela evocação da peste, procurou apaziguar aqueles ódios concentrados sobre a sua raça, sujeita à mais ingrata das servidões.

Não se comovendo o rei às suas súplicas, não temendo a ira do Senhor, que se manifestava por diversos fenômenos que a linguagem humana considerou pragas, Moisés pediu ao senhor, ao senhor dos seus patrícios, que ao menos consentisse que ele e o seu povo fossem, a distância de três dias, cumprir uma promessa que fizeram ao seu Deus.

Aproximando-se o que na Terra chamamos marés do equinócio, isto é,

esse movimento do planeta em virtude do qual se dá o fluxo e refluxo das águas, o Espírito do rei foi tocado, para que consentisse no cumprimento da promessa feita por Moisés e o povo hebreu, e, então, tomando da grande massa judia com seus rebanhos, seguiu ele o caminho de Canaã, atravessando, exatamente na hora designada pelos Espíritos superiores, a garganta onde se estabeleceu o grande refluxo das águas.

Mas, notai bem: só muito tempo depois da partida de Moisés e do seu povo, o rei, avisado pelos seus ministros, saindo, podemos dizer, desse torpor produzido pelos Espíritos superiores, mandou preparar as suas legiões para irem em perseguição dos judeus, exatamente quando se dava o fluxo das águas, que lhes impediu a passagem, fato de que eles não podiam cogitar e que só era conhecido do médium, do profeta Moisés, pela intuição que recebera dos altos Espíritos do Senhor.

Evitando atravessar diversos reinos onde a política e a religião não eram as mesmas do povo hebreu, Moisés internou-se no deserto; chegando a uma grande esplanada que borda as faldas da montanha do Sinai, ordenou que levantassem as tendas e o esperassem, enquanto ele ia falar com o senhor dos exércitos, com o Senhor Deus de Israel.

As privações, porém, por que passou no deserto o povo libertado levaram-no, mais de uma vez, a fundas queixas contra o seu libertador; mais de uma vez, levantaram-se os espíritos contra Moisés, pedindo que os guiasse de novo à terra do cativo, porque isso lhes fora melhor que morrerem pela fome, pela sede e pela voragem dos animais.

Moisés subiu ao monte Sinai para entrar em comunicação com Melquisedec, o Rei de Salém (5), isto é, com N. S. Jesus-Cristo, pois Melquisedec é apenas um nome de que se serviu o nosso Divino Mestre na aparição tangível que fez a Abraão, como a Moisés.

(5) Salém: antigo nome de Jerusalém.

O povo, porém, impaciente, esperava a volta do profeta; as prédicas do seu libertador, os seus ensinamentos, traduziam, na opinião deles, alguma coisa de verdade, mas, faltava-lhes o essencial, faltava-lhes a imagem do Deus, objeto da sua adoração. E, assim, nesse desespero de crenças, nessa febre de idolatria, obrigaram Aarão ao fabrico de um deus, igual ao dos gentios, para as suas adorações.

Aarão (6), acovardado diante de milhares de homens, mulheres e

crianças que imprecavam a feitura de um símbolo, mandou que todos concorressem com as suas jóias para o fabrico do deus; e, cavando a terra, toscamente fundiu, segundo a arte daqueles tempos, o bezerro de ouro.

(6) Irmão mais velho de Moisés, da tribo de Levi; natural do Egito; auxiliou Moisés na libertação do povo hebreu do jugo de Faraó.

Achavam-se eles na expansão das maiores alegrias; entoavam cânticos, não os da Páscoa, mas os cânticos aprendidos no Egito; e, em volta do símbolo do deus, folgavam, alegremente, cometendo o mais abominável de todos os crimes!

Desce Moisés da montanha com as tábuas da lei; e, ouvindo aqueles cânticos, interroga Melquisedec, de quem recebe intuitivamente a explicação do que se estava passando.

Então, desaparece a figura do profeta, do inspirado, e surge diante do povo Moisés, o homem chocado no seu espírito, no que ele possuía de mais puro e santo — o amor do verdadeiro Deus! Procura Aarão e o interroga; este busca explicar o seu procedimento; mas Moisés, dominando-o com a sua autoridade, faz dele, podemos dizer, o seu ajudante de campo, e ordena-lhe que, percorrendo todas as tendas, com os filhos de Levi, os únicos que não adoraram o bezerro de ouro, proceda à grande hecatombe.

Explicado, em toscas palavras, o que melhor podeis ler e compreender no Êxodo, cap. XXXII, volvamos à Palestina, a encontrarmo-nos com o nosso Divino Mestre, no templo, entre os doutores.

III

Festas da Páscoa. — Jesus entre os doutores. — Batismo de Jesus. — Confissão. — Prisão e morte do Precursor. — Degolação dos inocentes. — Pecado original. — João Batista, reencarnação de Elias. — Tentaçao do Divino Mestre, no deserto, pelo demônio.

Seguindo as leis e os costumes dos seus maiores, o virtuoso varão José, acompanhando a esposa de Deus, fez-se presente nas festas da Páscoa, instituídas pelo grande legislador Moisés, para comemorar o dia da passagem do povo hebreu das terras do cativo para as terras prometidas à sua liberdade.

Obedecendo, também, às necessidades de uma ordem de fatos que se iam desenrolar nos cenários da Palestina, Jesus, acompanhado dos seus primos-irmãos, sob a forma aparente de um menino de doze anos, compareceu às mesmas festas; e, passados os sete dias a elas consagrados, deixou os seus parentes e amigos e penetrou na grande sinagoga, para discutir com os doutores da lei, isto é, com os homens escolhidos dentre os mais competentes para pregar ao povo as leis mosaicas, as profecias e todas essas obras-primas do Antigo Testamento, que formaram o Cânon da Igreja, pelos esforços de Esdras (8) e Neemias (9) em prol do povo judeu, que, dividido, sem orientação religiosa, se entregava então a práticas as mais absurdas da idolatria, fazendo praça de idéias as mais extravagantes que imaginar se possa, comparando-as com os ensinamentos dados pelos profetas.

(8) Doutor judeu; viveu no 5^a século, antes de Cristo. Obteve de Artaxerxes, rei dos persas, reconduzir aos seus pais os judeus e reedificar o templo de Jerusalém. Chegado a essa cidade, Esdras restabeleceu o culto, reuniu os livros canônicos, explicando-os com talento, o que lhe valeu o nome de — príncipe dos doutores da lei.

(9) Judeu, natural da Babilônia; reedificou as muralhas de Jerusalém, a despeito da oposição que teve dos inimigos de sua nação.

Governou o povo judeu com muita sabedoria. Auxiliou Esdras na coordenação dos livros e no acabamento do Cânon.

Jesus entre os doutores!

Mas, onde essa criança de doze anos, sem mestres, sem livros, sem

escolas, foi beber toda essa ciência que assombrava aos mais competentes, aos velhos sacerdotes da lei?

Como podia esse menino, em rasgos de eloqüência, confundir aqueles que se julgavam mestres em todas as ciências religiosas, ele, o humilde filho do carpinteiro, cuja inteligência, na opinião dos que o ouviam, não podia ter essa sabedoria que manifestava?

Eis o fato que naqueles tempos causava assombro aos doutores da lei, e ainda hoje aos que não procuram estudar o Evangelho em espírito e verdade!

Em nós, porém, isso não desperta idêntico sentimento, pois, pela revelação que, graças à misericórdia de Deus, temos recebido, sabemos que naquele pequenino corpo aparente de um menino se encarnara, em toda a sua pujança, a sabedoria do Criador; e, assim, essa criança era o Verbo de Deus, aparentemente humanizado.

Jesus — diz o evangelista Lucas, no seu cap. II, v. 52 — crescia em idade e em sabedoria, diante de Deus e dos homens.

Mas, perguntamos nós: Jesus crescia realmente em idade, em sabedoria e graça, como nos diz o evangelista?

Será essa passagem do Evangelho uma revelação, o raciocínio do Evangelista Lucas, ou apenas o juízo do homem?

Porventura poderia Jesus, Espírito elevadíssimo e puro, viver permanentemente encarcerado no seu corpo, ainda que celeste, na superfície da Terra, para crescer dia a dia, na presença dos homens?

Não, certamente.

E, se estudarmos, com todo o critério, as sagradas letras, chegaremos à conclusão de que o Divino Mestre, pelas suas próprias palavras, declarou que não tinha uma vida permanente na Terra, fazendo-se, porém, visível aos seus parentes e amigos todas as vezes que o julgava necessário.

— Eu deixo a vida para a reassumir de novo, disse ele mais de uma vez, e nós, buscando o espírito da frase, traduziremos: eu deixo esse corpo sempre que me apraz, para entrar nas funções do meu governo celeste.

E eis por que encontramos, na Bíblia, o Divino Nazareno sobre as palhas de uma manjedoura e depois só o vemos, de novo, aos doze anos de idade, sendo que, dessa época aos trinta anos, como que um véu misterioso encobre a sua personalidade, até o acharmos a caminho do

Jordão, em busca de João, de quem devia receber as águas do batismo.

E os parentes e os amigos do Divino Mestre, quando o viam levantando paralíticos, praticando atos da mais estupenda maravilha, exclamavam, diz-nos o Evangelho — não é este o filho de José e de Maria?

E o faziam porquanto, ao passarem, por mais de uma vez, pelo humilde tugúrio do carpinteiro, médiuns videntes que o eram, lá viam o menino nazareno olhando sorridente o penoso trabalho daquele que passava por seu progenitor.

E José e Maria, médiuns também, sempre que o chamavam, pelo pensamento, nos raios puríssimos do seu amor, lá iam buscar o seu Bendito Filho nos páramos da luz; e ele, pelo coração, pela alma dos bons, era sempre presente no lar da sua família.

Assim compreendemos a grandeza do Senhor; assim concebemos a possibilidade de ser ele presente à sua família e aos amigos da sua casa sempre que isso se fazia mister.

E ainda o fato de a Virgem Maria, nossa Mãe Santíssima, notar a ausência do Divino Mestre ao voltar das festas da Páscoa, dá-nos a prova de que nem sempre ele lhes era presente; pois, não podemos conceber que pais amorosos e extremosos, ainda mesmo sem aqueles títulos de nobreza dalma, que possuíam o varão José e a Virgem Santíssima, pudessem esperar três longos dias para darem por falta, segundo o pensar do mundo, do fruto do seu bendito amor.

Mas, Jesus tinha necessidade da censura da Virgem, se censura podemos chamar as explosões do amor. Ele tinha necessidade, digamos, dos queixumes da Virgem Santíssima para, exemplificando aos homens, desde logo ensinar-lhes que lhes cumpria deixar pai, mãe, irmãos e amigos para cuidar, segundo a sua própria frase, das coisas de Deus, das coisas de seu Pai.

Sim, ele o disse: Aquele que não deixar pai, mãe e amigos por amor de mim, por amor de Deus, não é digno de ser meu discípulo!

Sábio e grande ensinamento, que manda o homem desprezar todas as afeições do mundo material, todos os seus interesses pessoais, pelo serviço do seu Criador e Pai, único a quem ele deve todas as misericórdias e todas as graças do mais puro e verdadeiro amor!

No Evangelho de Lucas, cap. III, vv. 21 e 22, encontramos N. S. Jesus-Cristo recebendo as águas do batismo, diante da multidão que cercava o dileto filho de Isabel e Zacarias.

Diz o evangelista que, tendo Jesus recebido o batismo, abriu-se o céu, e o Espírito Santo, na forma de uma pomba, baixou sobre ele, ouvindo-se uma voz que dizia: Tu és aquele meu filho especialmente amado; em ti é que tenho posto toda a minha complacência!

Abriu-se o céu! Não; iluminou-se o espaço, recamando-se dos fluidos mais brilhantes que ornaram os Espíritos puros, e estes disseram: Este é o filho amado, em quem o Senhor tem posto toda a sua complacência!

Nós não podemos compreender que o céu se abrisse, descendo o Criador, na forma de uma pomba, para dizer a N. S. Jesus-Cristo as palavras que foram ouvidas; antes, pensamos que, no momento em que o Divino Jesus iniciava a sua grande missão sobre a Terra, recebendo as águas do batismo, ministradas pelo seu precursor, a falange dos bons Espíritos, dos Espíritos santos que o acompanhavam, desde o espaço, na sua grande missão, revelou-se aos médiuns videntes, afirmando perante a multidão que ele era o filho amado, em quem o Senhor tinha posto toda a sua complacência.

E João, diante daquele de quem não se julgava digno de desatar a correia das sandálias, dele dá testemunho, dizendo: Este é o que eu disse que há de vir depois de mim, e que me foi preferido, porque era antes de mim.

— Arrependei-vos — continua ele —, fazei penitência, porque já o machado está nas suas mãos, e toda árvore que não der bom fruto será decepada; confessai publicamente os vossos crimes, limpai as consciências e as almas, para que possais receber a luz que vem de cima; ornai as vossas casas, as moradas dos vossos Espíritos, para receberdes o Eleito!

E assim procedia o precursor de N. S. Jesus-Cristo! E assim devem proceder, ainda hoje, todos aqueles que tiverem a perfeita orientação dos ensinamentos evangélicos!

A confissão pública, isto é, os rasgos de humildade do Espírito que se confessa diante de Deus, de seus irmãos, prometendo não reincidir nas mesmas culpas, nós a compreendemos; e que nos perdoe a Igreja atual:

mais avisados do que os seus sacerdotes, que se dizem representantes de Cristo na Terra e ministros de Deus, eram os sacerdotes de Buddha (10), quando, nas praças públicas da Índia, não para ouvir o povo em confissão auricular, mas para revelar-lhe as suas próprias culpas e fraquezas, o chamavam, pedindo-lhe o auxílio na missão que lhes pesava sobre os ombros, de propagarem as idéias dos fundadores de sua seita religiosa.

(10) Nome que representa, na religião budista, a razão perfeita, a inteligência absoluta. Este nome aplica-se também às diversas encarnações da razão suprema, cuja principal é Cakyamuni ou Siddharta Gautama; sábio da Índia, filho do príncipe de Bahar, da raça real dos Cakya. Com 29 anos de idade, Cakyamuni retirou-se para o deserto e, adquirindo a ciência perfeita, foi considerado Buddha. Fez grande número de discípulos, subiu a uma árvore e aí morreu, depois de dois meses e meio de meditação.

E esses sacerdotes, de passagem seja dito, guardavam castidade e, cobrindo-se dos farrapos colhidos nos monturos, tudo que do povo conseguiam obter empregavam a bem do mesmo povo, e nunca em proveito próprio.

Perdoe-nos a Igreja se, ainda neste ponto, não a julgamos dentro dos ensinamentos de N. S. Jesus-Cristo.

O ensino dos apóstolos diz claramente: Eu, pecador, me confesso a Deus, Todo-Poderoso; esse ensino não diz: eu me confesso ao homem tão pecador ou mais pecador do que eu; e ainda que o anátema e a excomunhão venham sobre este livro, consenti que a voz do túmulo, clara e positivamente, o diga: a confissão atual da Igreja é um crime perante Deus!

João Batista, sem distinguir personalidades, exprobrando o procedimento dos pequenos como dos grandes, levou a sua coragem de apóstolo de N. S. Jesus-Cristo a censurar os atos de incesto praticados por Herodes com Herodíade, esposa de um dos seus irmãos.

O grande senhor, vendo na censura de João uma ofensa à sua alta dignidade de governador da Judéia, influenciado pelos pedidos e rogos de Herodíade, que se julgava ofendida nos seus brios de mulher honesta, vivendo com outro homem que não o seu marido, e para encher ainda mais a medida dos seus crimes, determinou a prisão do meigo filho de Isabel. A sua vontade foi cumprida; e, no cárcere, estendendo o seu pensamento amoroso à casa de seus pais, ligando-se em espírito a N. S.

Jesus-Cristo, que o visitava constantemente, João, cheio de santa resignação, aguardava a hora do seu desprendimento, a reabilitação das faltas cometidas por Moisés e Elias.

Ele aguardava, no mesmo silêncio do seu cárcere, o dia natalício do rei da Judéia, para presenteá-lo, não com o ouro, não com as preciosas pedras do Oriente, sublimes adornos dos grandes senhores, mas com a sua cabeça, com uma parte do seu corpo que seria, perante a história, o grande testemunho do seu arrependimento, quando, deixando as existências de Moisés e de Elias, ele pôde, como Espírito, compreender que a ninguém é permitido, ainda que o faça em defesa das causas mais justas e sagradas, violar as leis do Senhor, romper os seus mandamentos que acima de tudo colocam o amor do próprio Deus e do próximo.

Em meio das pompas, no seu palácio repleto do que a sociedade tinha de mais escolhido, quanto às posições sociais, Herodes, a pedido de Herodíade, depois de ter prestado o mais pavoroso dos juramentos, interrompe, por um instante, as festas, chama o maioral da guarda que o cercava e manda buscar a cabeça do Batista, o profeta audacioso que, esquecido de que tratava com o maior dentre os homens, no reino da Judéia, ousara, na praça pública, levantar a voz, para fazer-lhe uma censura!

Faz-se silêncio; o tanger dos instrumentos cessa, por alguns instantes, e o escravo de Herodes, partindo do palácio, dirige-se ao cárcere, onde se achava o virtuoso cativo, para cumprir a ordem do rei, separando-lhe do tronco a bela e formosa cabeça!

Mas, antes, Jesus, o divino amigo, o compassivo Jesus, havia entrado nesse cárcere; e, qual pomba de esperança no mar tempestuoso do dilúvio daquelas paixões desordenadas, havia levado, como ramo de oliveira ao filho de Isabel, o sublime perdão de suas culpas cometidas quando, peregrino na Terra, trazia o nome de Moisés, quando, peregrino na Terra, se chamava Elias!

E João, recebendo o perdão do Divino Mestre, dentro da fortaleza que o fazia cativo de Herodes, é tomado da mais extraordinária coragem e, impávido, espera a chegada da ordenança que devia cumprir a ordem imperiosa!

Volvendo em espírito aos tempos passados, lembrando-se dos fatos de

atrocidade por ele cometidos, quando Moisés, exprobrando o povo por ter levantado o bezerro de ouro para a sua adoração; e volvendo aos tempos de Elias, quando, no monte Carmelo, apaixonado crente, mandara trucidar os profetas de Baal, João rende graças a N. S. Jesus-Cristo por permitir que ele resgatasse na pessoa do Precursor todas as faltas do passado, trazendo ainda a grande missão de preparar o caminho do Senhor e de ser a voz clamante do deserto, chamando o povo ao arrependimento e à penitência!

E, recordando o passado, ele rende ainda graças ao Senhor por ter baixado à Terra acompanhado dos filhos da tribo de Levi, os supostos inocentes que deviam, como ele, entregar as suas cabeças, como o mais extraordinário cortejo à vinda do Eleito!

E só assim podemos compreender a justiça de Deus, que se faz, quer se trate da mais mesquinha criatura, quer se trate do Precursor de N. S. Jesus-Cristo.

Degolação dos inocentes!

Mas, hoje, que conhecemos o Evangelho, em espírito e verdade; hoje, que o pecado original, que segundo a Igreja vem de nossos pais, é letra morta nas nossas consciências e no nosso entendimento; hoje, que melhor compreendemos a grandeza, a justiça e a misericórdia de Deus, não podemos admitir que inocentes, segundo a letra dos evangelistas e o pensar do mundo, viessem sofrer essa atrocidade de Herodes, sem que tivessem, em qualquer tempo, cometido crimes dignos de tal punição!

Não; os crimes foram cometidos, nós o vemos, já na passagem a que me referi em outro capítulo, tratando do bezerro de ouro, já no 3.º Livro dos Reis, cap. XVIII, quando Elias teve necessidade de dar uma prova ao povo idólatra de que o seu Deus era o único e verdadeiro Deus.

Mas, dir-me-ão, como tu provas que João Batista fosse a reencarnação de Elias?

Eu nada provo, responderei aos que me lêem; prova tudo, por mim, o Evangelho, ao qual me cinjo e com o qual eu argumento.

É assim que, quando foi anunciada pelo Anjo do Senhor a concepção de Isabel, diz-nos o evangelista que no espírito e virtude de Elias havia de aparecer o Precursor (11); quando o povo interrogava o Divino Mestre sobre a vinda prometida de Elias, ele respondia-lhe que Elias já tinha

vindo e, no entanto, não o haviam reconhecido. (12)

(11) *Lucas, cap. I, v. 17.*

(12) *Mateus, cap. XVII, vv. 12 e 13. Marcos, cap. IX, v. 13.*

E, ainda, o fato da esperança que tinham os judeus da volta de Elias, esperança que repousava na legenda de Eliseu, de que o seu mestre havia sido arrebatado aos céus por um raio, porquanto, médium vidente que o era, ele vira o perispírito do profeta elevar-se ao espaço; tudo isso constitui um conjunto de verdades que hoje se demonstram pela revelação da revelação, o Espiritismo, que estudamos.

Elias tinha de voltar, segundo a esperança dos judeus, e voltou na pessoa de João Batista, não só para o preparo do caminho do Senhor, como para a prova por que devia passar, por faltas cometidas em outras existências.

E, no entanto, peregrino do amor, como N. S. Jesus-Cristo, ele era sobre a Terra o Espírito mais elevado, dentre os varões nascidos de mulher. (13)

(13) *Mateus, cap. XI, v. 11.*

Lucas, cap. VII, v. 28.

Mas, referindo-se ao Divino Nazareno, João diz aos que lhe haviam sido enviados, para lhe perguntarem quem ele era (14). Eu não sou digno de desatar-lhe a correia das sandálias; eu batizo os homens nas águas do Jordão, e o Divino Mestre batiza-os no fogo e no Espírito Santo!

(14) *João, cap. I, vv. 19 a 27.*

Eis aí, leitor, um terrível dilema, ao qual não pode fugir a razão esclarecida, e é: ou N. S. Jesus-Cristo não disse a verdade, o que é absurdo, isto é, ou dentre os varões nascido de mulher João não era o maior, porque estava com Jesus sobre a Terra, ou então — e essa é a verdade —, Jesus não era filho de mulher, mas única e simplesmente o Filho de Deus, apresentado ao mundo na forma aparente de homem igual a nós, repassando o seu perispírito pelo ventre de uma Virgem Pura e Imaculada!

Essa, me parece, é a verdade, como verdade também me parece ser a impossibilidade da tentação de Jesus no deserto, por Satanás, como se vê nos Evangelhos. (15)

(15) *Mateus, cap. IV, vv. 1 a 11. Lucas, cap. IV, vv. 1 a 13.*

A tentação de Jesus!

Mas, para haver tentação, é mister que haja a suscetibilidade de errar;

onde há suscetibilidade de errar não há pureza, e Jesus era puro, nós o sabemos!

Mas, não será essa tentação de que nos fala o Evangelho uma ilação, uma dedução do próprio evangelista?

Se Jesus era, no deserto, tentado pelo demônio, quem nesse deserto ouviu as vozes da tentação e as respostas do Justo?

Ou será uma revelação?

Não o julgamos, e parece-nos que apenas se trata de uma conjetura dos evangelistas, pelo costume, que se observava, de buscarem todos os profetas o deserto antes de iniciarem as suas missões, para se prepararem, pela oração e pela penitência, para os trabalhos e obras da sua fé.

E, tendo sido Jesus, pela palavra de João, apresentado como o Cordeiro de Deus, o Salvador de Israel, desde logo nasceu no povo judeu a intenção de proclamá-lo o seu rei absoluto, a mais alta posição que, segundo o pensar desse povo, lhe poderia ser dada. O Divino Mestre, porém, que lia em todas as consciências, que via na manifestação dessa vontade a influência de forças ocultas, pretendendo desviá-lo do cumprimento da sua santa missão, começa a pregar ao povo sobre a tentação; desse fato tiraram os seus discípulos a ilação de que ele fora tentado no deserto pelo demônio, tanto que vinha preparar os seus Espíritos, pelas prédicas que lhes fazia sobre a tentação, para que eles a pudessem vencer.

Demais, se no próprio Evangelho vemos que os Espíritos inferiores, a grande distância, não resistiam à presença de Jesus, gritando-lhe: O que queres conosco, Jesus Nazareno (16)?... Se a simples presença do Divino Mestre afugentava os Espíritos imundos, dando a paz e a tranqüilidade aos infelizes obsidiados, como poderemos admitir que Satanás, se Satanás existisse, pudesse face a face dirigir a palavra a N. S. Jesus-Cristo, tentando-o com as grandezas da Terra?

(16) Marcos, cap. I, vv. 23 a 27. Idem, cap. III, vv. 11 e 12. Lucas, cap. IV, vv. 33 a 37.

Seria o mesmo que concebermos as trevas turvando o brilho do Sol, tirando da densidade das suas sombras a luz com que deveriam ofuscar o grande astro!

Satanás somos nós, Satanás são todos aqueles que não fazem a vontade de Deus e não seguem a doutrina de N. S. Jesus-Cristo.

Satanás é o nosso orgulho, a nossa vaidade, a nossa avareza; são todos os nossos instintos perversos, que nos colocam numa montanha terrível de tentações, para que sejamos atraídos ao abismo, onde devemos encontrar as sombras de uma morte eterna, se eterna for a dureza da nossa alma, se eternos forem os nossos maus instintos.

Satanás!

Mas, então Deus criou Satanás?! O Bem, na sua maior pureza, tirou de si uma partícula e criou esse ser imaginário, dando-lhe a força da tentação, capaz de tentar até o próprio Cristo?!

E nós, sem podermos resistir-lhe, e nós, sem podermos fugir à sua ação, por que ele tem para o mal quase um poder igual ao que Deus tem para o bem?!

Não; no próprio mal nós encontramos a mais sublime revelação do amor e da misericórdia de Deus.

Meditando sobre a Criação, nada acharemos de mais belo e elevado do que seja o livre-arbítrio, a nossa liberdade. Dela nos vem a possibilidade de sermos deuses, como o disse N. S. Jesus-Cristo. (17)

(17) João, cap. X, vv. 22 a 36.

Dela nos vem a grandeza do nosso mérito, a elevação dos nossos Espíritos, partículas do Criador, buscando pelo próprio esforço, na mais completa liberdade, se encontrarem com o Grande Todo. Isto é sublime, isto é de Deus; mas Satanás, o anjo das trevas, criado ad aeterno, segundo quer a Igreja, para a tentação do homem, é simplesmente o absurdo.

Assim o compreendendo, cristãos em Cristo, devemos dia a dia, instante a instante, momento a momento, buscar descobrir, nas sombras da nossa consciência, esse personagem terrível que nos apavora.

Lá, no coração, nos recessos de nossa alma, devemos procurar essa personalidade que nos pode levar ao inferno, pelo ódio, pelo orgulho, por todos esses sentimentos perniciosos que fazem a corte do demônio.

Aquele que tem amor, que sabe amar ao seu Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; aquele que tem caridade, que é compassivo, que é capaz de seguir a luminosa estrada do Nazareno, repartindo com os seus irmãos os seus afetos; aquele que tem fé, porque verdadeiramente crê e espera nas promessas de N. S. Jesus-Cristo, esse pode dizer de frente erguida, como verdadeiro cristão: Eu estou isento do

demônio, eu tenho a minha casa varrida e ornada, posso, sem turbar-me, receber a visita do meu Guia; posso, sem curvar a cabeça, receber a visita de N. S. Jesus-Cristo, o meu Divino Mestre!

Cristãos em Cristo, tende amor, tende caridade, tende fé e dizei bem alto à Igreja: Para longe, para longe essa pavorosa sombra do demônio!... Em mim existem as virtudes que, em sementes, me foram dadas pelo Criador e que germinaram aos bafejos do Mestre Divino. Elas se desenvolveram e flores desabrocharam, cujos perfumes formam o verdadeiro incenso que me purifica nesta igreja de carne, onde o meu espírito se confessa e ora ao seu verdadeiro Deus!

IV

Bodas de Caná. — Jesus expulsa do templo os mercadores. — A feira dos sacramentos. — O Espiritismo é o precursor do Espírito da Verdade. — Pergunta de Nicodemos ao Divino Mestre. — Lei da reencarnação. — O inferno. — Arrendatários da Vinha do Senhor. — Ressurreição do Espírito. — Jesus e a mulher samaritana. (18)

(18) João, cap. II.

Apavorados pelo ato terrível de Herodes, os discípulos de João vão passar as suas mágoas no manso e amoroso seio de N. S. Jesus-Cristo; juntam-se aos discípulos do Senhor e com eles procuram preencher aquele vazio enorme deixado, em suas almas, pelo desaparecimento do seu amantíssimo Mestre.

Jesus acolhe-os no seu amoroso seio, consola os seus corações aflitos, e, bondoso, deixa que façam parte da comunhão dos seus discípulos, os humildes que ele escolhera para o seguirem na sua acre e doce tarefa.

Em companhia à família de Jesus, foram eles assistir às bodas de Caná, o sublime pretexto com que o Mestre Divino deu princípio aos chamados milagres, manifestando, ainda uma vez, aos homens, que ele não era filho de mulher.

Sentado em seu taburno, tendo escolhido o último lugar na mesa, Jesus tinha a seu lado a Virgem Santíssima, bem como os seus primos-irmãos, os filhos de Maria Cleofas, que para as bodas também foram convidados.

Diz-nos o evangelista que, quase findo o banquete, a mãe de Jesus, vendo que as ânforas estavam vazias, voltou-se para o seu amado filho e, numa doce frase de lamentação, lhe disse: Eles não têm mais vinho; ao que o Senhor lhe respondeu: Mulher, o que me vai a mim e a ti nisso; o que há de comum entre nós?

A Virgem volta-se para os servos dizendo: Fazei tudo quanto ele vos mandar.

Achavam-se na sala do festim diversas talhas, destinadas às purificações de que usavam os judeus; o Senhor mandou que as enchessem de água e, cumprida que foi a sua ordem, a todos foi servido o mais delicioso néctar que se possa imaginar, o que deu lugar a que o

arquitrículo se dirigisse ao noivo, perguntando-lhe porque guardara o melhor vinho para o fim do banquete, tendo primeiro servido o pior.

Nós, porém, que assim não consideramos esse fato, diremos que o Divino Mestre, dispondo de grande poder sobre os fluidos que entram na economia da vida, tanto mineral, como vegetal e animal, impôs à água a coloração do vinho e o seu sabor ao paladar daqueles que havia magnetizado, com a sua presença, nas bodas de Caná.

Nunca houve, pois, naqueles tempos, como não pode haver hoje, nem haverá de futuro, milagres, se, como o querem os ortodoxos, essa palavra significa a derrogação das leis naturais.

Jesus, portanto, concentrou naquelas bilhas, pela sua simples vontade, os fluidos necessários, para satisfazer o desejo da Virgem Maria e, ao mesmo tempo, dar começo à sua grande missão.

Findo o banquete, diz-nos o evangelista, o Divino Mestre dirige-se para Cafarnaum, mas, aproximando-se as festas da Páscoa, pouco aí se demora, seguindo com toda a comitiva para a cidade de Jerusalém.

Aí chegado, entrando no templo, encontra-o convertido em casa do mais vergonhoso tráfico; e, então, devorado pelo zelo, toma de umas cordas e expulsa os mercadores, declarando que a casa de seu Pai é casa de orações e não covil de ladrões. (19)

(19) Mateus, cap. XXI, v. 13. Marcos, cap. XI, v. 17. Lucas, cap. XIX, v. 46.

Mas, perguntamos, será possível que Jesus, a mansidão personificada, o mais extraordinário amor baixado a Terra, Jesus, o compassivo, o piedoso, tomasse de um azorrague e, em ímpetos de cólera, castigasse fisicamente os seus irmãos, ainda que devorado pelo zelo da casa de seu Pai?

Não, certamente.

Colocai nas mãos do Divino Mestre um látego de luz; imaginai-o mostrando-se, em toda a sua grandeza, diante dos profanadores do templo; figurai a turba dos mercadores caindo por terra, atônita e confusa, perante a grande luz que se irradiava do Divino Nazareno, e assim tereis o azorrague de que se serviu Jesus!

E, apesar desse castigo todo moral, e apesar de todos os seus ensinamentos, que vêm de séculos, a feira de Jerusalém arma as suas tendas dentro da Igreja, e da forma a mais ignominiosa e que mais dói aos

espíritos verdadeiramente cristãos, porquanto, se outrora se vendiam as aves, os mansos cordeiros destinados aos sacrifícios dos holocaustos, hoje faz-se a feira dos sacramentos!

Oh! deixai que eu vos diga toda a verdade, pois se Jesus não desce de novo à Terra, para expulsar os mercadores do templo, ele, no entanto, permite que os seus operários, que o mais humilde dos seus discípulos, levantando a laje do túmulo, venha mostrar à cristandade a sua divina e sacrossanta imagem, que não é, certamente, a que apresentais nas vossas catedrais pomposas!

E nem os ouropéis, as grandezas dos vossos templos poderão jamais abafar, nos vossos relicários, a voz da própria consciência, que vos brada, em nome de Jesus, em nome de Pedro, o fundador da Igreja, que isso que hoje praticais não é mais nem é menos do que o que faziam os vossos antepassados, os escravos da idolatria, dentro dos templos de Jerusalém!

Pois quê? Aquele de quem vos dizeis representantes na Terra e que, menos que as feras que habitam as recônditas grutas, não tinha onde reclinar a cabeça (20) — Jesus, o peregrino do amor que buscava, por toda parte, enxugar as lágrimas dos aflitos, derramando nos seus corações doridos os bálsamos do seu amor sem termo — será, porventura, esse o que hoje levais à cabeceira dos enfermos e moribundos, simbolicamente no viático, a troco da vil moeda?!

(20) *Mateus, cap. VIII, vv. 19 e 20. Lucas, cap. IX, vv. 57 e 53.*

Jesus, que entrava na casa de Levi para participar do banquete do publicano e que, quando censurado por isso, dizia que para os enfermos é que tinha vindo ao mundo (21), ele, que sempre deu preferência aos desgraçados, nega-se hoje a subir, simbolicamente na forma de uma hóstia, em nuvens de incenso, às mãos do sacerdote, em súplicas por aqueles a quem faltou a coragem bastante para o lutar da vida?!

(21) *Mateus, cap. IX, vv. 9 a 13. Marcos, cap. II, vv. 14 a 17. Lucas, cap. V, vv. 27 a 32.*

Jesus, que recomendou a oração do arrependido longe da praça pública, para que se não parecesse com os escribas e fariseus que, em grandes brados, faziam ostentação de suas crenças (22), hoje penetra o confessionário para, ainda a troco da vil moeda, dirimir pecados da humanidade?!

(22) *Mateus, cap. VI, vv. 5 a 8.*

Ele, que sempre protestou contra a vontade do povo judeu, que tentava proclamá-lo rei, poderá influenciar os sacerdotes para os domínios teocráticos?

Não, certamente! Não é esse o Jesus que pretendemos apresentar à cristandade no nosso humílimo trabalho.

E, apesar do látego das nossas palavras, lamentamos que vós, sacerdotes, tendeis sobre os ombros a mais tremenda das responsabilidades — a responsabilidade da consciência perante Deus, a responsabilidade do vosso ministério, que por vós mesmos foi pedido, não para o comércio de Jerusalém, não para o comércio dos sacramentos, mas para o levantamento da alma cristã, até se encontrar com o seu Divino Pastor, lá nos páramos da luz, onde habitam os eleitos, os verdadeiros cristãos!

Perdoai-me, se assim vos falo; mas, sobre nós pesam também responsabilidades: temos grandes compromissos que ainda não foram solvidos. E, antes que chegue a hora da colheita, antes que o Espírito de Verdade venha separar o joio do trigo, dando a cada um segundo as suas obras, deixai que os filhos do túmulo, deixai que os vivos venham falar aos mortos, acordando-os dessa letargia de paixões que tem obcecado os espíritos, ao ponto de raramente se encontrar, na superfície da Terra, esse caminho de luz que há tantos séculos foi trilhado pelo Divino Cordeiro, atraindo, qual sol de amor, as almas, que pelo Eterno Ihe foram entregues, para a salvação e para a felicidade.

Deixai que os vivos venham dos túmulos dizer a todos vós: cristãos em Cristo, tomai do Evangelho; meditai sobre essas verdades, fazei penitência, porque o Espiritismo é o precursor do Espírito de Verdade!

Ele é o Consolador prometido por N. S. Jesus-Cristo aos seus discípulos, como a toda a humanidade, para acalantar-lhe as dores, mitigar-lhe as mágoas, amenizar-lhe as aflições nas horas da tribulação e dos grandes sofrimentos!

Ei-lo aí entre vós, manifestando-se, dia a dia, por toda a superfície da Terra, qual a voz clamante de João, chamando o povo ao novo batismo do Espírito Santo — à penitência e ao arrependimento. E como outrora os escribas e fariseus, os doutores da lei, sofrendo o despeito e o ódio, se

acercavam do Amantíssimo Cordeiro, perguntando-lhe com que autoridade rompia ele com os costumes da época e com as leis, por eles mesmos, os chefes da Igreja, estabelecidas, assim vós hoje pedireis também prodígios, grandes milagres, para que possais conhecer da autoridade que nos assiste para perturbar a marcha dos vossos negócios eclesiásticos, interrompendo com a palavra do túmulo a serenidade aparente das vossas consciências.

Aos escribas e fariseus, aos doutores da lei, respondeu Jesus: Desfazei este templo e eu o levantarei em três dias — fazendo alusão, diz-nos claramente o evangelista; ao templo do seu corpo que, cobijado pelo ódio, devia tombar mais tarde, para mais tarde ressurgir; aos modernos doutores da lei, aos novos escribas e fariseus, poderá responder o Consolador prometido, isto é, os Espíritos em missão, ao serviço da vinha do Amado Mestre: Destruí a verdade, se o puderdes, e só assim o Espiritismo desaparecerá da superfície da Terra; convocai novos concílios e nele determinai o desaparecimento da verdade, e, da boca dos túmulos, quais pedras da estrada de Jerusalém (23), bradará a voz dos enviados do Senhor, clamando, por toda parte, pela observância do verdadeiro Evangelho, pelo cumprimento da Doutrina do Crucificado, tão mal compreendida e tão barateada pelas vossas ambições!

(23) *Lucas, cap. XIX, v. 40.*

Nós cumprimos com o nosso dever; não queremos alqueires para encobrir a luz que por misericórdia do Altíssimo recebemos.

De sobre os telhados de vossas próprias casas clamaremos pela verdade, e tão somente pela verdade, que aprendemos. E, humilde planta, talvez nascida em pedregulho, em meio de abrolhos, vicejando pelos orvalhos da misericórdia divina, procuramos, na estreiteza do nosso âmbito terreno, crescer e frutificar, testemunhando, assim, que recebemos, na corola da nossa alma, o rocio divino e sagrado que desce até nós, por amor de N. S. Jesus-Cristo.

Assim procedendo, cumprimos o nosso dever; que a Igreja cumpra o seu, mas que o cumpra com a consciência verdadeiramente cristã!

Jesus, depois de ter-se recusado a fazer prodígios perante os escribas e fariseus que lhos pediam, para que pudessem dar testemunho dele, como se ao Divino Mestre fosse mister outro testemunho que não o próprio,

desceu de Jerusalém à Judéia, onde foi procurado por um dos mestres em Israel, de nome Nicodemos (24), que, envergonhado e temendo a censura que faria o povo, quando soubesse que ele buscava o filho de um humilde carpinteiro, para ouvi-lo sobre assuntos religiosos, aguardou as sombras da noite, como se fora um grande criminoso, para aproximar-se do Divino Cordeiro.

(24) João, cap. III, vv. 1 a 12.

Saudando o Divino Mestre, Nicodemos, que pressentia que ele era um grande Espírito enviado à Terra, por isso que os seus feitos davam testemunho da sua hierarquia espiritual, lho declara, perguntando o que lhe convinha fazer para salvar-se.

Jesus, aproveitando a ocasião que se lhe depara, responde ao velho sacerdote, dizendo, sob o véu da letra, que nenhum Espírito baixado a Terra poderá entrar no Reino de Deus sem renascer de novo da água e do Espírito Santo.

A palavra água, empregada pelo Divino Mestre, revela dois pensamentos, um dos quais apropriado aos conhecimentos científicos daquela época, e outro que, ainda hoje, pode bem servir a todos aqueles que não conhecem a verdade, segundo a doutrina de salvação.

É assim que, entre os judeus, era a água considerada o princípio gerador de todas as coisas, o elemento primitivo, donde tudo se derivava nos reinos orgânicos; e isso para eles constituía um dogma, cuja base encontramos no Gênesis de Moisés, cap. I, vv. 2, 6, 7, 9, 10, 20 e cap. II, vv. 1, 4, 5, 6 e 7. (25)

(25) Gênesis, cap. I, vv. 2, 6, 7, 9, 10, 20 e cap. II, vv. 1, 4, 5, 6 e 7.

Ora, sendo a água o princípio gerador de todas as coisas materiais era, por conseqüência, a geradora dos novos corpos indispensáveis aos Espíritos que, uma vez condenados ao sofrimento, pelos seus desvios do caminho da luz, deles necessitavam para que, progredindo e se purificando, pudessem chegar ao reino de Deus, entrando nessa existência pura e luminosa que é a verdadeira vida do Espírito.

Mas, essa palavra também traduzia, como dissemos, um outro pensamento: o novo nascimento pelas águas do batismo, isto é, pelo arrependimento, pela conversão das almas aos domínios da verdade e do Espírito Santo, chegando à perfeição relativa a que todos nós devemos

atingir, para conhecer Deus, na plenitude da sua graça e do seu infinito amor.

Nicodemos, imbuído dos prejuízos dos seus antepassados, apesar de mestre em Israel, julgava que Jesus se referira à ressurreição, isto é, à entrada do Espírito no mesmo corpo, o que constituía também um dogma entre os judeus. E é assim que eles acreditavam que os profetas voltavam de novo à Terra e por isso aguardavam a volta de Elias, como se vê nos Evangelhos de Marcos, cap. VIII, Lucas, cap. IX e Mateus, cap. XVI.

Jesus, porém, estranhando a ignorância de Nicodemos, que, sendo mestre em Israel, não tinha, no entanto, compreendido as suas palavras, abertamente lho declara: Importa-vos nascer de novo.

E, diante desta afirmação categórica do Divino Mestre, perguntaremos nós àqueles que de boa-fé estudam as coisas santas: poder-se-á explicar as palavras de N. S. Jesus-Cristo, prescindindo da reencarnação dos Espíritos?

Haverá argumentação capaz de demonstrar que o Divino Mestre, dizendo a Nicodemos que lhe cumpria nascer de novo, se referia ao nascimento pelo batismo?

Não, certamente.

Jesus confirmou a lei natural da reencarnação dos Espíritos; e é nessa lei, que exprime todo o amor do nosso Criador e Pai, que as criaturas, ainda mesmo as que pela Igreja são condenadas às fogueiras eternas do inferno, vão buscar a sua salvação; é nessa lei sublime de justiça e de amor que o Espírito arrependido encontra os meios de sua regeneração e felicidade; é por ela que os anjos caídos a Terra voltam ao céu, servindo-se da simbólica escada de Jacob — a graça, o amor de N. S. Jesus-Cristo!

O inferno, o purgatório, o céu, tudo isso se concentra na própria criatura; nas suas paixões, mais ou menos desenvolvidas, ela tem o seu inferno, o seu purgatório, como nas virtudes santificadas pela Doutrina do Amado Mestre ela encontra o seu céu, o seu paraíso, onde frui a sua felicidade.

E que outra lei buscaremos, cristãos em Cristo, que melhor exprima a misericórdia divina do que seja essa da reencarnação dos Espíritos, e que é uma verdade porque foi confirmada pelo Divino Mestre, falando a Nicodemos?

Não será ela preferível, não será ela mais aceitável do que essa outra criação monstruosa de inferno e purgatório, onde só a dor, o martírio eterno podem existir na alma pecadora, no Espírito delinqüente?

Inferno?

Mas, então, Deus, que condena a sua criatura ao sofrimento eterno pela falta de um momento, ficaria abaixo de vós, que o não fazeis! A sua justiça seria inferior à vossa, que se realiza segundo o grau de criminalidade, ao passo que a dele pune sempre com penas eternas!

Não, essa não é a verdade!

Nada de inferno, nada de purgatório! Não há lugares determinados para o sacrifício dos filhos do Criador! Esses lugares, eu vo-lo afirmo, só existem na imaginação dos homens, capazes de atribuir à Divindade as qualidades do seu espírito.

Dir-me-ão, entretanto, os representantes da Igreja Romana: a vossa argumentação é falsa e insubsistente, porque o inferno não é uma criação dessa Igreja, mas uma dedução lógica e indiscutível daquilo que se encontra nos textos bíblicos.

Se, porém, a lógica fosse o elemento preponderante no espírito daqueles que tomaram sobre os ombros a tarefa de difundir, no seio da humanidade, a luz do Cristianismo outro seria, certamente, o estímulo da Igreja, outros seriam os frutos do proselitismo feito há dezenove séculos, em nome de Jesus.

Dirão ainda: a idéia do inferno está consignada nos textos bíblicos, que no-la representam pelos fogos da Geena, pelas trevas exteriores, onde se ouve o ranger de dentes na voragem desse fogo que jamais se apaga. (26)

(26) *Mateus, cap. III, v. 12. Idem, cap. VIII, v. 12. Idem, cap. XIII, vv. 49 e 50. Lucas, cap. XIII, v. 28.*

Mas, precisamos ser lógicos; cumpre, seguindo o conselho de Paulo, tirar da letra' que mata o espírito que vivifica. (27)

(27) *2º Epíst. de Paulo aos Coríntios, cap. III, v. 6.*

Jesus, interrogado por Pedro, o chefe da sua Igreja, que lhe perguntava quantas vezes devia perdoar as faltas dos seus irmãos, se sete vezes seriam bastantes, obteve do Divino Mestre, em resposta, que o devia fazer não sete, mas, setenta vezes sete, como no-lo refere o evangelista Mateus no seu cap. XVIII, vv. 21 e 22.

E, se assim é, como poderemos admitir que Jesus, que aconselhou à criatura pecadora o perdão sem termo, afirmasse em sua consciência divina, a seus discípulos, a existência do inferno, que é a negação do amor e da misericórdia do Altíssimo?

Poderá, porventura, a parte ser maior do que o todo, o amor da Terra superior ao amor do Céu? Excederá a misericórdia da criatura à do seu Criador?

Essa é que é a lógica dos textos bíblicos; e, assim sendo, por que não dizer a verdade?

Por que argumentar, sistematicamente, contra a própria consciência? Pois não está na inteligência, na compreensão de todos, que o Divino Mestre falara uma linguagem apropriada ao povo que o ouvia?

Não está na consciência de todos os que formam o verdadeiro juízo do Criador que esse fogo que jamais se apaga é o fogo do remorso do Espírito; que essas trevas exteriores são as trevas da própria alma embotada no pecado; que essa Geena mais não é do que a própria consciência que devora nos seus íntimos e profundos ditames o Espírito delinqüente?

Essa é a verdade, da qual, no entanto, não convém persuadir os Espíritos, pois mister se faz aterrorizá-los, para que se conserve esse statu quo de dezenove séculos, que aproveita não à verdadeira igreja, mas aos interesses individuais!

Estudar, meditar sobre o Evangelho, dele tirando a essência da doutrina de N. S. Jesus-Cristo, em espírito e verdade, ensinar e, sobretudo, exemplificar é bem difícil; e assim, ou temos, no seio da humanidade, Espíritos simples e ignorantes, obedecendo às leis do Evangelho, não pela essência dessas leis, mas pelo terror que elas lhes inspiram, ou aos Espíritos de eleição, isto é, à parte melhor preparada impõe-se a necessidade de criar novas religiões, novos sistemas filosóficos que melhor venham satisfazer a razão humana.

E, no entanto, sois vós, sacerdotes, os arrendatários da vinha! Sois vós, hoje, os Espíritos da grande parábola (28) do Divino Mestre, por isso que vos achais investidos do mais alto ministério — qual o de representar o nosso Deus, o nosso Criador sobre a Terra!

(28) *Mateus, cap. XXI, vv. 33 a 46. Marcos, cap. XII, vv. 1 a 12. Lucas, cap. XX,*

vv. 9 a 19.

Vieram os profetas falar à humanidade pela inspiração dos seus maiores e, condenando a idolatria, combatendo os instintos, procuraram fazer da Terra o verdadeiro paraíso das lendas de Adão; vós, os arrendatários, os ortodoxos, os padres da Igreja, destes-lhes a morte! Depois destes, outros missionários ainda vêm despertar a vossa consciência, e estes, apedrejados e escarnecidos, são também banidos da superfície da Terra, até que o Criador, pela graça da sua infinita misericórdia, envia o seu próprio Filho! E, ainda a esse, os padres, os ortodoxos, os doutores da lei, temendo que ele absorvesse em suas divinas mãos os poderes que lhes tinham sido dados, levam-no ao alto da Cruz, à ignomínia, ao desprezo, como haviam feito aos Espíritos seus antecessores.

Mas, os tempos se aproximam e o Divino Senhor tem necessidade de saber qual o trabalho dos arrendatários da sua vinha.

Ele precisa conhecer da sua produção, e se nem os profetas, nem o seu próprio Filho, puderam conseguir dos maus trabalhadores o cumprimento do dever, ele tirará das mãos dos arrendatários a vinha que lhes foi entregue para que a cultivassem, dando-a a outros trabalhadores mais dignos e fiéis.

Aí tendes o Espiritismo, por toda a superfície da Terra, palmo a palmo galgando a eira e as sementeiras! Ei-lo aí, o precursor do Espírito de Verdade, disputando a posse das consciências, trazendo aos espíritos a compreensão da verdadeira doutrina do Amado Mestre, e apresentando à consciência humana o manso e amantíssimo Cordeiro do Altíssimo que, no seu amor, no seu afeto, na sua divina misericórdia, não mediu a grandeza dos sacrifícios, para a remissão dos nossos pecados!

Aí tendes o Espiritismo, representantes do clero, que vos vem dizer abertamente, ressalvadas as exceções honrosas a que já me referi em outro capítulo: desvirtuais constantemente a vossa missão sacerdotal, pois os vossos cuidados têm sido dar a César a moeda de César, pouco, bem pouco cuidando do que deveis dar a Deus; e, procurando servir a dois senhores, sem a nenhum deles servirdes, amoldais as letras santas às vossas conveniências e às vossas necessidades individuais!

E, assim, de novo tomais das pedras para o apedrejamento dos profetas, de novo tomais da cruz, para a crucificação de N. S. Jesus-Cristo, de novo

vos apresentais, após dezenove séculos, sepulcros branqueados (29), na ostentação pomposa dos vossos monumentos, das vossas vestimentas talares, sem cuidardes que o Espírito de Verdade perscruta as vossas consciências e, analisando o que de impuro vos vai nos seios dalma, prepara e acelera o momento do vosso afastamento dessa vinha que já vos não pode pertencer, pela vossa indolência, pelo desvirtuamento que fazeis das verdades do Cristianismo, perfeitamente conhecidas da maioria dos Espíritos.

(29) *Mateus, cap. XXIII, vv. 27 e 28. Lucas, cap. XI, v. 44. Atos dos Apóstolos, cap. XXIII, v. 3*

Jesus, depois de falar aos seus discípulos nessa linguagem parabólica da vinha, da qual eu, talvez com alguma aspereza, fiz aplicação aos tempos de hoje, foi procurado pelos saduceus que, não acreditando na ressurreição, lhe apresentaram a questão de saber a quem devia pertencer como esposa, no dia da ressurreição, a mulher que tivesse casado diversas vezes. (30)

(30) *Mateus, cap. XXII, vv. 23 a 30. Marcos, cap. XII, vv. 18 a 25. Lucas, cap. XX, vv. 27 a 36.*

O Divino Mestre aproveitou o ensejo para, ainda uma vez, afirmar que o que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito, respondendo-lhes que os filhos deste século casavam homens com mulheres, mas que no dia da ressurreição não haveria nem homens nem mulheres, visto que no seio de Deus todos seriam Espíritos, todos seriam irmãos.

Por esta resposta simples e concisa de Jesus vê-se, claramente, que o sexo é um mero incidente da carne e que os Espíritos que conseguirem o verdadeiro ressurgimento não terão essas cogitações, que morrem e se acabam nas suas existências terrenas.

Aqueles que outro amor não compreendem além do da carne não compreendem N. S. Jesus-Cristo; os que só nos instintos impuros procuram desenvolver a flor desse sentimento nobre, só esses podem cogitar do casamento além da morte, além da vida, melhor diremos, predominando neles, sempre, as paixões que pertencem exclusivamente às leis da matéria.

Mas, como ressurgir, como não ver a morte eternamente, se negarmos a

reencarnação?

Ou, melhor ainda, como poderá o Espírito provar a morte eternamente e ao mesmo tempo ressurgir, tal como nos afirmam as Sagradas Escrituras?

Eis uma questão que encontrará fácil solução, desde que consideremos a ressurreição, como o fez o nosso Divino Mestre, a simples passagem da criatura dos domínios da carne para os domínios do espírito, passagem essa que se dará tantas vezes quantas forem as suas inconstâncias na obediência às leis do seu Criador.

Os que, porém, conseguirem ressurgir da carne, cheios das virtudes ensinadas pelo Divino Mestre; os que, por seus trabalhos, em cujas almas, bafejadas por N. S. Jesus-Cristo, germinaram as sementes que lhes foram doadas pelo Criador, esses não voltarão mais a provar as leis da morte e, deixando com a carne os instintos das necessidades que a ela pertencem, poderão encontrar-se, não com sete esposas, mas com setenta vezes sete esposas, nelas não vendo senão Espíritos amantes, mas do amor dos anjos, Espíritos fraternos, mas da fraternidade do céu, fraternidade essa da qual temos o mais sublime dos ensinamentos nesse belo poema ditado por N. S. Jesus-Cristo à borda do poço de Jacob, falando à mulher samaritana. (31)

(31) João, cap. IV, vv. 5 a 14.

Como nos relata a História Sacra, depois do reinado de Salomão, ao instituir-se o reino de Israel, tendo como seu primeiro chefe Jeroboão, as tribos de Judá e Benjamin destacaram-se das dez tribos, tomando como seu representante legal Roboão, filho de Salomão.

Estabeleceu-se desde logo entre o reino de Judá e o de Israel uma luta extraordinária sobre princípios religiosos, luta que se prolongou até a chegada dos tempos do aparecimento de N. S. Jesus-Cristo sobre a Terra.

Jeroboão, rompendo definitivamente com as tribos de Judá e de Benjamin, aboliu o culto de Jeová, fabricou novos deuses para a adoração do povo que dirigia; a tribo de Judá, guiada pelo filho de Salomão, conservou, por algum tempo, as leis moisaicas e, naturalmente, principiou a olhar os seus irmãos idólatras com esse férreo desprezo de que nos dão notícia os textos bíblicos, ao ponto de não entreterem absolutamente comércio entre si e nem mesmo se saudarem.

Cada qual se julgava com a verdade: o povo de Israel levantara o seu

templo para as revelações do seu culto; o de Judá, por sua vez, procurara também um ponto determinado para as suas adorações, e assim se estabelecera esse estado de dissidência religiosa, em que predominava, em todos os espíritos, a intransigência absoluta, quando N. S. Jesus-Cristo, provocando a mulher samaritana, lhe pede um pouco d'água, para matar a sede que ele não tinha.

— Dá-me de beber — disse o Divino Mestre; e a mulher, cheia de assombro, pergunta-lhe como, sendo ele judeu, pedia água a uma samaritana.

— Se tu soubesses quem te pede de beber, tu me pedirias, e eu te daria da água viva.

— Como, Senhor — diz a mulher —, o poço é fundo e não tens com que tirá-la! Serás tu, porventura, maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, sua família e seu gado?

— Aquele que beber dessa água terá sede — responde o Divino Mestre —, mas aquele que beber da água que eu dou nunca mais terá sede, e essa água virá a ser nele uma fonte que salte para a vida eterna.

Como se vê, essa cena do Amantíssimo Cordeiro não foi mais do que um pretexto para ensinar aos homens os princípios da verdadeira fraternidade; não foi mais do que um pretexto para dizer aos povos daquele tempo, como aos de hoje, que, para o culto de Deus, não existem lugares determinados, nem na montanha dos samaritanos, nem nos templos de Jerusalém.

Jesus buscou esse ensejo para, sob o véu da letra, dizer a toda a humanidade que o verdadeiro templo, a verdadeira igreja é o coração do homem, sendo os seios da alma o verdadeiro tabernáculo donde a criatura tira o insenso das orações, no aroma da flor dos belos sentimentos, para elevar-se ao seu Criador, a N. S. Jesus-Cristo, o guia, o protetor, o governador deste planeta.

Não; Jesus não compreendia, nem nós podemos compreender, que as criaturas, rendendo culto e homenagem a um Criador, odiassem a seus pares, a seus iguais, por uma simples divergência de exterioridades religiosas. Ele não compreendia que aquele que crê sinceramente em Deus, faltando aos preceitos da verdadeira fraternidade, pudesse, pelas simples fórmulas da sua crença, anatematizar e condenar a seus irmãos,

em vez de se lhes procurar impor pelas virtudes, pela moral evangélica, enfim, por todos esses sentimentos que atraem para a criatura a atenção, a admiração e o respeito dos seus semelhantes.

Jesus, judeu, pediu água à mulher samaritana, isto é, Jesus condenou em absoluto a divergência que existia então entre os dois povos; e assim, logicamente, ele hoje não pode deixar de condenar a divergência das igrejas existentes, porque de duas uma: ou essas igrejas não contam em seu seio com os verdadeiros fiéis que, acima das exterioridades do culto, colocam a santa doutrina de N. S. Jesus-Cristo; ou elas estão vazias do sentimento evangélico e, por conseqüência, tendem a desaparecer, para darem lugar à verdadeira igreja de que falou o Divino Mestre à samaritana, dizendo: Tempo virá em que, nem em Jerusalém, nem no alto da montanha, os povos adorarão a Deus, mas compreenderão que Deus é espírito e que só em espírito é que deve ser adorado.

Deus é espírito, Deus é inteligência, Deus é pensamento, Deus é fluido que domina todos os fluidos que enchem a Natureza. Não corporifiquemos Deus, porque nós não podemos imaginar a sua forma corpórea.

Deus é espírito, e nós, Espíritos, procuremos aproximar-nos desse grande Centro Criador, por essa via-láctea que nos mostrou Jesus na sua peregrinação na Terra, levantando nas nossas almas os belos sentimentos que nos foram doados, para gozarmos essa bem-aventurança, esse paraíso incomensurável que perdemos quando provamos o fruto do pecado.

Deus é espírito, e não nos iludamos: o culto exterior é apenas a máscara que o Espírito fabrica para ocultar as fealdades do seu eu; ele é a cal dos sepulcros que aparentemente embeleza a criatura, deixando, no entanto, lá dentro, no seu íntimo, a podridão, a corrupção, que não escapam ao penetrante olhar de N. S. Jesus-Cristo, a despeito da cal que as não pôde branquear.

Quando o homem compreender, em espírito e verdade, as palavras do Amado Mestre — varrei e ornai as vossas casas; quando ele compreender que a Deus nada é oculto e, sejam quais forem as fórmulas que se inventem, o espírito há de ser sempre aquilo que realmente é; quando ele compreender que o único, o verdadeiro culto que se pode prestar ao Criador é o dos sentimentos bons, e que na praça pública, como no íntimo

do gabinete, ele tem sobre si os olhos de Deus, que está em toda parte, nesse dia, então, nem templos de Jerusalém, nem montanhas dos samaritanos, pois o homem se convencerá de que o seu corpo é a verdadeira igreja, onde o seu Espírito se recolhe na contemplação do infinito, demandando, por seus constantes esforços, a pura essência dos gozos que perdera um dia e que Jesus, bom, meigo e amante, de novo lhe veio trazer, nas promessas santas do seu amor, difundido, com toda a abundância, nas páginas do seu Evangelho.

Quando o homem se convencer de todas essas verdades, terá desaparecido, para sempre, a muralha do orgulho que ainda hoje separa os filhos de Samaria dos filhos de Israel e, então, os verdadeiros discípulos de N. S. Jesus-Cristo irão sentar-se à borda do poço de Jacob para, sem distinção de raças ou de cismas, oferecerem a todos os seus irmãos perante Deus e perante Jesus a flor dos seus afetos.

Eu sou a ressurreição e a vida, disse o Amantíssimo Cordeiro, nesse seu poema de luz e de amor. Eu sou a ressurreição e a vida quer dizer: aqueles que seguirem a minha santa doutrina, os que gostosamente provarem os travos da minha amargura, os que souberem compreender as palavras do meu Evangelho, esses terão o seu ressurgimento para a vida eterna, jamais se sentando às sombras da morte, porque eu sou a luz, eu sou a verdade, eu sou a vida.

E, certamente, JESUS É A RESSURREIÇÃO, JESUS É A VERDADE, JESUS É A VIDA!

V

Jesus é a ressurreição e a vida. — Cura do paralítico, junto ao poço Betsaida. — O dia de sábado, segundo a lei moisaica. — O verdadeiro jejum. — Multiplicação dos pães e dos peixes.

Eu sou a ressurreição e a vida, disse N. S. Jesus-Cristo; a ressurreição e a vida, infelizmente ainda não compreendidas por aqueles que esposaram a sua santa doutrina.

Falando à samaritana, o Amantíssimo Mestre não se referiu à ressurreição da carne, como entendiam os judeus, mas ao ressurgimento da alma pecadora, ao desprendimento do Espírito delinqüente das cadeias da matéria para a vida propriamente dita — a vida do espírito.

É esse o único entendimento que poderemos dar à lição do Mestre Divino, desde que seriamente meditemos sobre as palavras do Evangelho.

Ressurgir, ter vida, progredir, buscando incessantemente o objeto de todas as suas aspirações — tal é o destino da criatura, tal a vontade do Criador, tais os desejos do Divino Mestre!

Ressurgir, não mais provar a morte, isto é, não mais voltar ao sepulcro de carne para depurar crimes e faltas de existências passadas, eis a verdade que ensinou o Divino Cordeiro, dizendo: Eu sou a ressurreição e a vida; quem em mim acredita, quem segue a minha doutrina, exemplificando-a pela prática incessante do amor ao próximo, jamais provará a morte.

E, crendo em Jesus, compreendendo a sua doutrina, esposando-a, enfim, não se terá o homem libertado realmente da morte, remontando ao seu paraíso perdido, onde deve fruir esse gozo santo e indefinido, que é a herança dos bons?

Sim, certamente; mas, como conquistaremos esse bem com que sonhamos nas horas do repouso do Espírito, esquecidos das lutas da vida material; como nos desembaraçaremos das cadeias do pecado para consegui-lo?

Simplemente, tendo fé, tendo esperança e vontade!

Somos quais paralíticos, junto ao tanque das ovelhas — Betsaida —, a cujo fundo aspiramos descer, para a cura dos nossos males (32). Falecem-

nos, é certo, a ação, o movimento; mas, se em nós existir a esperança, se tivermos vontade, se nos alentar a fé, teremos ao nosso lado, como há dezenove séculos, o Divino Cordeiro, para, dando-nos a mão, como fez ao paralítico, dizer-nos: Levanta-te e caminha!

(32) João, cap. V, vv. 1 a 16.

Os que, a todos os momentos, os que, a todos os instantes, sabem ter fé, os que sabem ter vontade, esses estão aptos para, levantando-se da inércia, terem o movimento do espírito, pois a fé, essa força incoercível, essa poderosa alavanca, que, na frase de N. S. Jesus-Cristo, transporta montanhas, reabilita o homem, elevando-o para o seu Deus, seu Criador e Pai!

Mas, Jesus, levantando o paralítico, realizou um milagre, derogou as leis da natureza?

E — perguntarão os livres-pensadores —, então, para restabelecer enfermos de longos anos, basta a simples palavra?

E o que será mais fácil, homens da ciência: formar planetas, com todas as suas propriedades físicas que conheceis e admirais, ou, fluidicamente apenas, atuar sobre organismos resfriados e inertes, dando-lhes a cura, que é o movimento e a ação?

Percorrendo a História Sacra, encontramos Jesus realizando curas pela ação da lei dos fluidos, e nunca obrando milagres pela derrogação das leis estabelecidas pelo Criador; é assim que não o vemos dando membros ao corpo que os tivesse perdido.

O que ele fazia era do domínio da lei dos fluidos, que, por ser desconhecida dos homens, era por eles considerada sobrenatural, e o será até que chegue o momento de lhes serem desvendados os mistérios que o acanhamento da sua inteligência lhes não permite ainda compreender, e aos quais só poderão atingir quando, livres da lepra do pecado, pela prática constante dos ensinamentos do Divino Modelo, puderem receber a luz que se transfunde das páginas do seu Evangelho!

Jesus dava vista aos cegos por atrofiamento da íris; restituía a palavra aos mudos por atrofiamento das cordas vocais, enfim, curava os enfermos, mas de enfermidades curáveis, pela simples imposição dos fluidos, que ele conhecia como governador deste planeta, e dos quais dispunha, pelo seu poder absoluto sobre toda a Natureza.

E esses fatos, de que nos dão notícia os Evangelhos, a serem porventura contestados pelos homens da ciência não o serão sinceramente, porquanto a ninguém é lícito negar as leis do magnetismo, hoje já perfeitamente conhecidas, a ninguém é dado rejeitar a ciência do hipnotismo, que já recebeu dos sábios da Terra a sua consagração.

O fluido é o agente universal e se, como hoje está provado e é incontestável, o homem, simples pecador, pode aproveitá-lo para a cura de certas e determinadas enfermidades, como sinceramente se poderão negar as curas chamadas miraculosas, realizadas por N. S. Jesus-Cristo que, não sendo homem e, menos ainda, pecador, as fazia, dentro dos seus domínios, exercendo, pelo poder de sua vontade, as leis da caridade e do amor, para pôr em prova as manifestações da fé?

Se a simples vontade da mísera criatura, cheia de imperfeições, pode, amparada na fé ardente na misericórdia do seu Criador, chamar fluidos capazes de levar o alívio às dores do seu semelhante, o que não faria a poderosa vontade do puro e imaculado Filho de Maria?

Mas, aos judeus, afigurava-se-lhes o Divino Mestre digno de censura, por escolher o dia de sábado, consagrado ao descanso, para, curando o pobre enfermo, ordenar-lhe que conduzisse o seu leito.

Ele, que tinha poder para levantar o paralítico, como o tinha para, distante do filho do régulo de Cafarnaum, restituí-lo à vida, pela simples determinação da sua soberana vontade (33), ele, pensavam os judeus, não tinha o direito de aproveitar o dia de sábado para as obras da caridade!

(33) *João, cap. IV, vv. 46 a 54.*

Espíritos enfraquecidos na sua mentalidade, sem o desenvolvimento preciso para compreender, em espírito, as disposições das leis moisaicas, até o bem julgaram um crime!

Tais eram as preocupações puramente mundanas; com tal ardor os homens se entregavam às cogitações constantes dos bens da matéria que Moisés julgou necessário determinar-lhes ao menos um dia em que eles, deixando de parte a vida material, as cogitações do vil interesse, pudessem dedicar alguns momentos ao culto de Jeová; e, para que mais força tivesse a lei, deu-lhe como razão de ser o que se encontra no Gênesis, quando afirma que Deus descansara ao sétimo dia da criação.

Hoje, porém, que vem a luz iluminar-nos o Espírito, hoje, que a

verdade, em parte, é já conhecida dos homens, podemos, melhor que os judeus daqueles tempos, compreender que, assim como não há dias determinados para o culto de Jeová, não os há também interditos à prática do bem.

A todo instante, a todo momento, no labutar da sua vida terrena, deve o homem orar, pois se não é o corpo, mas o Espírito que ora, este, seja qual for a atitude da carne que o reveste, deve estar sempre desprendido, buscando o seu Criador, buscando o seu Divino Mestre, a quem ele deve a imensa seara onde colhe os frutos abundantes do amor e da fé, da caridade e da paz.

Hoje compreendemos que todos os dias, a todo instante, a todo momento, devemos fazer o bem, praticando a caridade para com o nosso semelhante, a melhor prece que levamos ao pé do Altíssimo, para que sobre nós derrame, todos os dias, a todo momento, a todo instante, qual bálsamo consolador às nossas dores, as graças da sua misericórdia e do seu infinito amor!

Mas, seriam os judeus sinceros na censura que irrogaram ao Divino Mestre?

Ter-se-iam eles, porventura escandalizado realmente por vê-lo, praticando o bem ao sábado, profanar as leis de Moisés?

Não; havia apenas a necessidade do pretexto para levar o mais amante dos Espíritos à ignomínia da cruz.

Das leis de Moisés, os escribas e fariseus aproveitavam o que de mais duro e severo havia para lançarem sobre os homens, desprezando os ditames do amor, da caridade e da fraternidade, que para eles eram letra morta na lei.

E essa é a razão por que o Divino Mestre, acusado pelos judeus, respondeu-lhes, tal como se encontra no cap. V de João: Se vós acreditásseis sinceramente em Moisés, acreditaríeis em mim, porque ele escreveu de mim; isto é, se vós fôsseis zeladores sinceros da doutrina do grande profeta, não procuraríeis pretexto nem na moeda de César, nem no dia de sábado, para levardes o vosso irmão ao alto da cruz, pelo simples fato da prática do bem!

Hoje, é certo, não mais se condena a quem faz o bem, neste ou naquele dia, mas ainda se censura quem, em certos e determinados dias, não

guarda as leis do jejum.

Encontrará, porém, justificação esse jejum no Novo Testamento, na Boa Nova de N. S. Jesus-Cristo?

Estudando as sagradas letras, procurando, em Mateus, cap. XVII, Marcos, cap. II, Lucas, cap. V, (34) compreender, em espírito e verdade, os ensinamentos que aí se contêm, poder-se-á porventura concordar com a prática que a esse respeito tem estabelecido a igreja hodierna?

(34) Mateus, cap. XVII, vv. 14 a 21. Marcos, cap. II, vv. 18 a 22. Lucas, cap. V, vv. 33 a 39.

Certamente que não.

É assim que, ouvindo Jesus a censura que pelos fariseus e escribas era feita aos seus discípulos, por não cumprirem essa lei, respondeu-lhes que a eles não era necessário então esse jejum, porque tinham consigo o esposo; e, em seguida, para ainda sob o véu da letra dar um ensinamento contrário a essa prática, que já não tinha mais razão de ser, declara que nenhum homem sensato e prudente deveria colocar remendo de pano novo em vestido velho, nem vinho novo em odre velho, para que não se viesse a perder um e outro.

Quando Jesus dizia aos seus discípulos e aos fariseus que não viera destruir a lei, mas apenas dar-lhe cumprimento, ele se referia à lei propriamente dita, à lei de Deus recebida por Moisés, e que, em todas as épocas, se deveria cumprir, visto que emanara de fonte superior e divina. Aquelas leis, porém, que, inspiradas ao legislador hebreu, se adaptavam unicamente aos tempos e costumes dos povos de então, essas, certamente pela evolução natural, deviam ser substituídas, desde que, com o aparecimento de Jesus sobre a Terra, não tinham mais razão de ser.

É assim que o jejum, como a circuncisão, e outras muitas práticas dos ritos daqueles tempos, constituíam no pensamento velado do Divino Modelo o pano velho, o odre velho que não poderia conter o espírito de reforma que trazia a sua Boa Nova, por isso que os Espíritos, obedecendo à lei natural, haviam progredido, e novos horizontes rasgavam-se-lhes ao entendimento, pela palavra do Enviado de Deus; não era possível, portanto, adaptarem-se à sua doutrina, aos seus novos ensinamentos, essas leis que apenas traduziam as necessidades do povo para que foram destinadas. E os seus discípulos não poderiam cumpri-las sem que

incorressem no desvirtuamento daquilo que o Divino Mestre tinha em vista, que era dar novo molde às crenças, novo cimento à fé, concentrando num só foco de luz a humanidade, para conduzi-la nas vias do progresso e da salvação.

Eis por que, sob o véu da letra, ensina claramente o Amantíssimo Cordeiro que o homem sensato e criterioso não deve fazer praça das suas convicções religiosas, dando testemunho da sua verdadeira crença por fórmulas puramente materiais, que ao espírito não podem aproveitar, porque são do domínio da carne.

Aos discípulos que, admirados, se acercavam do Divino Mestre, perguntando-lhe a razão por que não puderam conseguir salvar um infeliz irmão que se achava possesso do demônio, diz-lhes o Divino Cordeiro: Porque essa casta de Espíritos não se afasta senão à força de muito jejum e oração!

E, perguntamos nós, poderá a razão esclarecida admitir, conceberá o simples senso comum que N. S. Jesus-Cristo tivesse dado a seus discípulos um ensinamento em virtude do qual eles se deveriam abster do alimento material, necessário ao funcionamento do seu organismo?

Mas, então, será bastante martirizar o corpo, isto é, roubar-lhe aquilo que ele reclama pela sua natureza intrínseca, para que o Espírito ascenda a essa região culminante da fé, a única que resolve os grandes problemas da caridade?

Basta macerar o corpo para que o Espírito ganhe o sentimento do amor ao próximo, que forma o transunto das preces benditas que sobem aos pés do Senhor, em súplicas de misericórdia pelos desgraçados?

Mas, se é certo que não é o que entra pela boca o que faz a criatura imunda, mas o que lhe sai pelo coração, por que não compreender, em espírito e verdade, que o jejum aconselhado pelo Divino Mestre é todo espiritual? Por que não compreender que ele consiste tão-somente na abstenção da prática do mal que rebaixa o Espírito aos olhos do seu Criador, a fim de que, penitenciando-se a todo instante, não reproduza as faltas e os crimes manifestados pelo seu arrependimento?

E, no entanto, ensina-se à cristandade que, para estar bem com Deus, basta que a criatura se abstenha da sua alimentação material! E, fazendo-se escolha das substâncias de que se deve nutrir o indivíduo, se lhe

proíbem umas, concedendo-se-lhe outras, para tranquilizar consciências que muitas vezes se debatem num círculo de imperfeições e crimes, como se estes se pudessem dirimir pela privação ou escolha dos alimentos, quando é certo que a carne para nada serve, e só os belos sentimentos, as grandes virtudes podem fazer o verdadeiro cristão amar ao seu Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, reverenciando o Santelmo das suas esperanças — O FILHO BENDITO DE MARIA!

Não, cristãos; o jejum que N. S. Jesus-Cristo vos vem pedindo, há dezenove séculos, é a abstenção dos vossos crimes, das vossas faltas quotidianas; é a vossa verdadeira penitência, para que vos conserveis firmes nos vossos sentimentos, quando tiverdes a ventura de abrir os seios dalma para receber, na corola da flor do vosso arrependimento, os orvalhos da misericórdia divina!

Esse é que é o verdadeiro jejum, e bem-aventurado será todo aquele que assim o compreender e assim o puser em prática!

O Divino Mestre, depois de ter dado esse sublime ensinamento aos seus discípulos e ao povo que o cercava, multiplicou os pães e os peixes para satisfazer a fome do corpo e do espírito de uma grande multidão que o procurava, sequiosa de maravilhas e milagres que lhe consolidassem a crença e a fé de que ele era realmente o Messias esperado. (35)

(35) *Mateus, cap. XIV, vv. 14 a 21. Marcos, cap. VI, vv. 34 a 44. Lucas, cap. IX, vv. 12 a 17. João, cap. VI, vv. 1 a 15.*

Mas — dirão os espíritos fortes —, como poderia Jesus multiplicar os pães e os peixes, se os peixes obedecem, na sua formação, a leis preestabelecidas na Natureza? Quão absurda não é essa doutrina que nos pretendem impor os seus crentes e discípulos?!

E, realmente, os sábios, as extraordinárias mentalidades deste século conhecem toda a Natureza!

E se ainda não formaram mundos é, sem dúvida alguma, porque ainda o não quiseram; se não criaram o mais pequenino dos insetos é porque ainda não lhes sobrou tempo para isso!

Eis, cristãos em Cristo, por que se rodeou o Divino Mestre dos humildes pescadores; eis por que ele escolheu, para continuadores da sua grande e extraordinária obra de regeneração, os humildes e pequeninos!

Os doutores da lei daqueles tempos, como os sábios de hoje, não teriam

podido compreender Jesus, pois que para isso lhes falecia o delicado instinto — a pureza da alma que se revela no olhar, apanágio da mansidão dos justos!

Faltam-lhes os estímulos da humildade capaz de soffrear os seus instintos orgulhosos! Vós, porém, cristãos em Cristo, na vossa pequenez espiritual, ainda que cobertos dos andrajos da vossa pobreza mental, podereis compreender, sem serdes sábios, que tudo na Natureza é fluido e que, portanto, a organização dos corpos se realiza pela combinação desses mesmos fluidos; e, se esses corpos, em virtude da lei da decomposição, em tempo dado, voltam de novo ao grande laboratório da Natureza, é claro que N. S. Jesus-Cristo, o Verbo de Deus, o seu pensamento, o seu poder absoluto, tinha em suas mãos os elementos necessários para a sua composição todas as vezes que lhe aprouvesse confundir os homens em seus orgulhos e vaidades.

Tudo é fluido, repito, tudo é magnetismo na Natureza, e se uma única coisa há que prove o contrário daquilo que vos afirmo, perante os textos bíblicos, é a vossa ignorância !

Não houve, portanto, milagre, se, como querem os ortodoxos, o milagre é a derrogação das leis naturais.

E, demais, como podereis julgar derogadas leis que vós não conheceis? E como conhecê-las, se o orgulho vos venda os olhos?

Quereis compreender essas verdades? Descei do alto da vossa ciência até à humildade dos pescadores de almas; só assim o conseguireis!

Estudai a revelação nova, vinde ao encontro do Espírito de Verdade e, dando repouso ao cérebro, fazei trabalhar o coração. Meditai no dia de amanhã que vos pode surpreender, pois disse o Discípulo Amado, na sua Divina Epopéia: o espírito é tudo e a carne para nada serve. E vós, que sois Espíritos, e não podeis prescindir do alimento necessário à vossa qualidade espiritual, antes que vos surpreenda o futuro que descurais deveis pedir hoje, como sempre — **O PÃO DA VIDA, QUE É O CORDEIRO IMACULADO, O NOSSO BENDITO MESTRE!**

VI

A carne e o sangue de N. S. Jesus-Cristo. — As promessas e ofertas, segundo a Igreja de Roma. — Parábola da figueira estéril. — O juramento perante o Evangelho. — O Syllabus. — A idolatria. — Sucessão da cadeira de S. Pedro. — Comércio das imagens. — Aos mortos incumbe o enterramento dos mortos. — Intolerância da Igreja romana.

Eu sou o pão da vida, e se dele comerdes, jamais tereis fome; cumpre que a minha carne e o meu sangue sejam o vosso alimento, porque a minha carne verdadeiramente é comida e o meu sangue verdadeiramente é bebida.

Nessas palavras, sob o véu da letra, o Divino Mestre confirma a verdade do que, sobre o seu corpo, eu disse, no cap. I deste humilde trabalho.

— O meu corpo verdadeiramente é comida, o meu sangue verdadeiramente é bebida; se não comerdes do meu corpo, e se não beberdes do meu sangue, não sereis salvos.

Ouvindo estas verdades, muitos dos que cercavam o Divino Cordeiro murmuraram: duro é este discurso e não o podemos compreender! (36)

(36) João, cap. VI, vv. 47 a 61.

E por que não o podiam compreender?

Porque buscavam nessas palavras a letra e tão-somente a letra, quando deviam procurar interpretá-las em espírito e verdade, desprezando o objetivo material que elas absolutamente não tinham.

A carne de Jesus, o sangue de Jesus eram a sua doutrina; e o homem, faminto de amor e sequioso de fé, devia comer dessa carne e beber desse sangue!

E esse corpo aparente de homem, cumpria que ele o entregasse à sanha dos escribas, para que, das suas dores, dos seus martírios, rebentasse, na superfície da Terra, as grandes sementeiras das quais os seus irmãos iriam colher os doces frutos do amor, da fé e da caridade.

Era duro o seu discurso e, porque não o compreenderam muitos dos que o ouviram, afastaram-se do Mestre Divino, deixando-o com os seus doze apóstolos, os amigos sinceros, aqueles com quem ele podia contar para a

obra grandiosa da regeneração humana, espalhando, por toda parte, as luzes da sua Boa Nova, que um dia se traduziria na sublime apoteose da sua glória, pela concreção dos sentimentos apurados no cadinho da sua divina doutrina; o que nos tempos vindouros constituirá a maior prova, o maior testemunho da verdade por ele ensinada, de que tudo sobre a Terra passaria, menos as suas palavras!

A confraternização humana tal é o desiderato da doutrina de N. S. Jesus-Cristo! Mas, para alcançar esse resultado, cumpre que o verdadeiro cristão conheça e pratique os ensinamentos do Amado Mestre, e, para consegui-lo, importa-me buscar nas refulgentes páginas do Evangelho esse espírito glorioso, que nelas se concentra, para apresentá-lo à cristandade, como orientação segura aos seus destinos.

E, ainda que suspeitem que este humilde livro tem por único escopo combater o Catolicismo, prosseguirei até o fim, ferindo mesmo consciências, pois que, nos meus irmãos, em cujos ombros pesa a árdua tarefa de guiar os povos pelos caminhos da religião de N. S. Jesus-Cristo, vejo algo de desvirtuamento dos sãos princípios da moral evangélica; noto que, dia a dia, eles vão perdendo o terreno precioso que os seus antepassados souberam conquistar na consciência do homem. E, na vertigem, no delírio do espírito que se não pode acomodar às fórmulas rituais, eu observo o empenho de um surto mais grandioso ao pensamento, determinando a criação de escolas filosóficas de uma extravagância inconcebível, que são aceitas pelo Espírito sequioso, que busca encontrar nelas alguma coisa que satisfaça à sua razão e à sua inteligência.

Não tenho o firme propósito, deixai que o diga, de combater o Catolicismo, nem as práticas romanas; mas, tão-somente, abrindo aos olhos da cristandade o Evangelho de N. S. Jesus-Cristo, mostrar-lhe o que é o erro, o que é a verdade, onde encontrar a luz que se irradia dos verdadeiros ensinamentos do Mestre Divino e como evitar as trevas a eles lançadas pelos enxertos que lhes fizeram os homens.

Combati o jejum; censurei o batismo que, pela forma por que é celebrado, não pode significar a aceitação da doutrina de N. S. Jesus-Cristo por aquele que o recebe. Combati a feira dos sacramentos, como hei de combater as promessas, pois que tudo isso é pura e simplesmente o desvirtuamento da doutrina do Amado Mestre.

E se essas fórmulas exteriores, essas práticas da Religião Católica Apostólica Romana satisfazem às almas menos apercebidas, elas, no entanto, cavam no espírito do homem pensador um abismo profundo, o que dá em resultado surgirem escolas filosóficas que, combatendo o que temos de mais sagrado, vêm ferir aquilo que mais precioso e santo é para o nosso espírito — o Evangelho de N. S. Jesus-Cristo, a quem devemos a nossa salvação.

Dizendo aos seus discípulos — Eu sou o pão da vida, e oferecendo o seu corpo e o seu sangue para a salvação das criaturas, o Divino Mestre exortou-os a que não ofendessem o seu semelhante, pela mais leve palavra que fosse; insistiu nisso, dizendo mais: Concilia-te com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho no mundo, para que não suceda que, partindo, ele te vá denunciar ao juiz, vindo tu a sofrer a condenação imediata dos teus instintos de ódio e de rancor! E, quando fores fazer a tua oferta, antes de depô-la no altar, consulta a tua consciência e, se ela te disser que um dos teus irmãos tem motivo de queixa contra ti, procura-o, reconcilia-te com ele, para que então possas cumprir o teu dever. (37)

(37) Mateus, cap. V, vv. 22 a 26.

Desse sublime e divino conselho de Jesus, vê-se que melhor oferenda não pode levar a criatura ao seu Criador que o amor que ela dedica ao seu semelhante; que a fraternidade é o maior testemunho que a Deus pode o homem dar da crença e da fé que na sua alma pecadora desperta a doce e misericordiosa palavra do puro e imaculado Filho de Maria.

No entanto, ainda se levam oblatas aos altares; hoje, ainda, o ministro da Igreja consente que as ovelhas penetrem no aprisco sem que ouçam a voz da própria consciência, simplesmente porque trazem alguma coisa de material para oferecerem a Deus!

E, assim, os ministros da Igreja, os representantes de Jesus sobre a Terra, perdoem-me a frase, permitem o suborno da Divindade para a obtenção de milagres que só a verdadeira fé pode produzir!

E a fé é letra morta, pois basta entrar numa convenção com os bons Espíritos para que com eles permutemos serviços que, tranqüilizando a consciência, obtenham aquilo que pretendemos do Criador!

Mas, quão absurdo não é tudo isso?!

E a nós, espíritas, não correrá a obrigação de profligá-lo, em nome dos princípios verdadeiramente evangélicos?

Sim, certamente!

Unamo-nos, pois, num só pensamento e, formando uma legião verdadeiramente cristã, firamos grave e profundamente esses abusos que deturpam a doutrina do Amado Mestre; e fazendo-o, em nome de N. S. Jesus-Cristo, seremos de novo, dentro dos templos de Jerusalém, a voz que protesta, evocando os Santos Evangelhos, contra essa feira que traduz o desvirtuamento dos sãos princípios da moral cristã!

Enganam-se os que julgam obter os pretensos milagres por meio de ofertas!

Enganam-se, sim, porque, se a misericórdia de Deus não se faz esperar àqueles que a ela recorrem, acolhendo-se ao divino manto do seu bendito Filho, não o é, decerto, pelo valor da oferenda que levam ao altar mas, unicamente, pela pureza da intenção da alma pecadora que nas asas da prece fervorosa se evola aos pés do Criador, pedindo o bálsamo para as suas dores, o conforto para as suas amarguras!

É a fé e só ela que, embora velada por esses prejuízos materiais, ascende aos páramos da luz, conseguindo as graças e as misericórdias que Deus sabe distribuir por todos os seus filhos, ainda os mais pecadores. Só assim, pela pureza dos sentimentos da alma, se comove o espírito puro, santo e divino de Deus!

Procurai, cristãos, desenvolver a todo o transe, em vossas almas, a flor desses puros sentimentos que vos impressionarão para a verdadeira vida, para essa felicidade almejada pelos vossos Espíritos; deixai de parte essas fórmulas materiais que não têm razão de ser perante o Código divino — a Boa Nova do Amado Mestre.

E se, até hoje, tendes sido a figueira estéril do Evangelho, aproveitai, é tempo, mais este ano que vos concede o Senhor, para chamardes às raízes da vossa alma a seiva dos ensinamentos que o Espiritismo hoje vos traz, para que conquisteis a vossa salvação.

Lede o Evangelho de Lucas, cap. XIII, e à vossa individualidade aplicai a parábola da figueira. (38)

A vinha é a mísera Terra em que vos arrastais, reparando as faltas e as culpas das vossas existências passadas; sois a figueira que deve produzir

frutos — os frutos do amor, da fé e da caridade. E, se o planeta, obedecendo às leis do progresso, tem de tomar novas formas compatíveis com as suas condições, vós, se não conseguirdes produzir os frutos que o Senhor exige do vosso Espírito, sereis transplantados para mundos inferiores, verdadeiros infernos, verdadeira geena, de onde chorareis o paraíso que relativamente perdestes!

(38) Lucas, cap. XIII, vv. 6 a 9.

Jesus permite que o Espírito de Verdade ilumine as vossas almas, abalando as vossas consciências; e, por intermédio dos seus santos mensageiros, chama-vos à prática do amor cristão.

Ouvi-o; ele é o pão da vida — alimentai-vos dele; ele é a fonte que jorra da eternidade — bebei, matai a sede, concentrando em vossas almas esse tesouro incomensurável que, por graça do Pai, Jesus ditou aos homens!

Eu sinto que doloroso é o encargo que me pesa sobre os ombros. Compreendo o profundo abalo que nas consciências produzirão as verdades que me cumpre dizer à cristandade, no fervoroso empenho de chamá-la à meditação séria dos ensinamentos de N. S. Jesus-Cristo; ensinamentos — quem sabe? — até hoje propositadamente velados por aqueles a quem melhor do que a mim cabia o dever de, em toda a sua luz, desdobrar aos olhos da humanidade as páginas desse livro sagrado, a que chamamos a Boa Nova, e que pelo mais amante dos Espíritos foi à Terra trazido, por amor dos homens.

Mas, se os tempos são chegados; se é certo que a figueira tem de forçosamente produzir os frutos que justifiquem a sua permanência na vinha, e se a todo o cristão em Cristo corre o dever de repartir com os seus irmãos a luz que porventura tenha recebido, para que os esclareça no caminho da sua salvação, eu me sinto perfeitamente justificado, perante a minha consciência, ao tocar, ainda que de leve, nesses pontos, ferindo e abalando os espíritos menos apercebidos da verdade.

As práticas da religião que não têm sanção no Evangelho não pertencem à doutrina de N. S. Jesus-Cristo.

E, assim sendo, os que se dizem seus representantes na Terra, ou se julgam superiores ao Divino Modelo para alterarem na letra e no espírito os seus ensinamentos, o que é inaceitável, ou sistematicamente enxertam na santa doutrina preceitos que desvirtuam a sua essência, cometem um

crime, pois que não foi decerto para isso que o Criador e Pai os investiu do sagrado ministério e sim para guiarem no mundo os Espíritos errantes em busca da sua salvação.

Modificando as leis mosaicas, adaptando à sociedade do seu tempo a verdadeira lei de Deus, Jesus, entre outros ensinamentos e preceitos, aconselhou aos seus discípulos, como a toda a humanidade, que não jurassem, nem pelo céu, nem pela Terra, nem pelo templo de Jerusalém, nem pelas suas próprias cabeças. Seja o vosso falar, disse ele, sim, sim — não, não, pois que tudo o que daqui passa procede do mal.

É o que se encontra em Mateus, no capítulo V do seu Evangelho, vv. 33 e seguintes. (39)

(39) Mateus, cap. V, vv. 33 a 37.

O Evangelho, em que está estatuído esse grande ensinamento, o próprio Evangelho, servindo de base ao juramento dos crentes!

E jura-se sobre o livro santo, quando esse mesmo livro ordena ao cristão que não jure, mas que sempre, à luz da própria consciência, diga a verdade, perante Deus e perante os homens!

Mas, perguntamos nós: o verdadeiro cristão, aquele que considera o Evangelho como o Código Divino que é, poderá prestar esse juramento?

Certamente que não. E por que não protestou a Igreja, nem protesta contra esse abuso em torno dos ensinamentos do Amado Mestre?

Tomam-lhe o tempo outras preocupações que, para ela, têm mais valor, sem dúvida, do que difundir a verdade que se contém no Evangelho de N. S. Jesus-Cristo!

A sede de domínio, a manifesta intolerância, que por si só contradiz o que foi ensinado pelo Divino Cordeiro, a sua preocupação das coisas materiais, deixando no olvido as que entendem com a felicidade do Espírito — eis a verdadeira causa do desvirtuamento daquilo que está consagrado nas páginas luminosas do livro da nossa salvação!

Jesus era o amor sem termo; Jesus era a caridade, Jesus era a tolerância! Ele procurava sempre persuadir os seus irmãos da Terra e nunca vencê-los pela força do seu poder, que, no entanto, o tinha em superabundância!

Ora banquetecendo-se com Simão, o publicano, ora pedindo água à mulher samaritana, repudiada dos judeus, ele revelava-se o Espírito amante da conciliação, a alma disposta aos sentimentos da verdadeira

fraternidade, não distinguindo hereges ou gentios!

No entanto, que praticam aqueles que se dizem seus ministros sobre a Terra?

Criam o Syllabus, essa lei de ferro que tende a apertar o pensamento humano, reprimindo todas as aspirações do Espírito, por mais nobres que o sejam! Esse código que, estatuinto a Religião Católica Apostólica Romana como a única para todos os estados, com exclusão de todas as demais religiões, considera o estrangeiro como verdadeiro escravo, a quem se não deve permitir a prática do culto que professa!

O Syllabus que, entre outros atentados à doutrina de N. S. Jesus-Cristo, estabelece que o seu vigário na Terra não pode conciliar-se nem transigir com o espírito de liberalidade ou de civilização!

Mas, onde se encontra a sanção de todos esses absurdos no Evangelho do Amado Mestre? Em que página do Código Divino achareis uma palavra, uma só, que autorize essas leis de intolerância, que são a negação completa do amor de Deus e dos ensinamentos de N. S. Jesus-Cristo?

E seriam elas, porventura, feitas por um sucessor de Pedro, o pescador apóstolo?

E Pedro, que bebeu no seio do Amado Mestre os grandes ensinamentos do amor e da fraternidade, poderia permitir aos seus sucessores essas doutrinas que deturpam o Evangelho?

Certamente que não; não foi o sucessor de Pedro quem sancionou essas leis, como não foi o sucessor de Pedro quem, a despeito dos protestos dos verdadeiros cristãos, restabeleceu o culto aos ídolos, que outra coisa não é o que se pratica na igreja hodierna!

Oh! cumpre dizer a verdade! Saiba a cristandade, saibam os livres-pensadores que seis séculos de vida teve sobre a Terra a doutrina de N. S. Jesus-Cristo, completamente diversa da que se vê hoje!

A igreja de Jerusalém, assistida de Pedro, era o modelo de todas as outras; ali se estudava, se meditava sobre o Antigo e o Novo Testamento, preparando-se as almas nesse cadinho de amor para se elevarem às plantas sacratíssimas do seu Criador e Pai, pela prática dos sublimes ensinamentos do Amado Mestre!

Foi no século VII que surgiram as inovações, quando, talvez cansados os espíritos da meditação séria das sagradas letras, julgaram necessário

voltar aos tempos anteriores a N. S. Jesus-Cristo, restabelecendo a idolatria !

E tanto é isso uma verdade, que Gregório, o Grande (40), papa, apercebendo-se desse atentado, mandou retirar de todas as igrejas os ídolos, censurando os ministros que em tal haviam consentido. Mais tarde, porém, vieram os seus sucessores Bonifácio III e IV, que ordenaram não só o restabelecimento do culto aos ídolos, mas ainda o consideraram um dogma de fé!

(40) Nasceu em Roma em 540 e morreu em 604; foi eleito papa em 590. Reformou a liturgia; acusam-no de ter mandado destruir grande número de manuscritos da Antigüidade e de monumentos da arte pagã.

Mas, cristãos, se o Evangelho nos ensina que Deus é espírito e que só em espírito deve ser adorado por aqueles que verdadeiramente o adoram (41); se Pedro recebeu a investidura de chefe da Igreja e se durante séculos essas práticas absurdas foram desconhecidas, como poderemos admitir que a igreja hodierna seja a igreja de Pedro e traduza os ensinamentos de N. S. Jesus-Cristo?

(41) João, cap. IV, vv. 20 a 24.

É doloroso, é bem doloroso, mas, força é dizê-lo, a igreja hodierna é o maior atentado contra o Evangelho e contra a verdade!

E, apelem embora para o direito de sucessão à cadeira de Pedro, eu perguntarei à Igreja: A quem dais essa sucessão?

A João XXIII (42) ou a Bento XIII, depostos pelo Concílio de Constança (43), que mandou queimar vivo a João Huss (44)? A Honório I (45), anatematizado pelos seus sucessores?

(42) Baldassare Cossa, natural de Nápoles; foi eleito papa em 1410, em Bologna, por morte de Alexandre V, pelo voto de 16 cardeais, enquanto outros reconheciam papa Pedro de Luna, sob o nome de Bento XIII.

Convocou o Concílio de Constança, que o depôs em 1415; foi, então, lançado em prisão, onde esteve durante três anos. Morreu em Florença em 1419.

(43) Convocado por um edito do imperador Segismundo em 1413; reuniu-se em 1414, sob a presidência do papa João XXIII.

(44) Nasceu em 1373, na Boêmia; reitor da Universidade de Praga, em 1409. Por seus trabalhos, negando a autoridade do papa, censurando os vícios do clero, as excomunhões, as indulgências, etc., foi excomungado pelo papa Alexandre V. Apelando para o Concílio de Constança, foi nele declarado herege, sendo por ordem do mesmo concílio queimado vivo, em 1415, em Constança.

(45) Papa de 626 a 628. Nasceu em Cápuia, era filho do cônsul Petrônio. Foi anatematizado muitos anos depois da sua morte, no Concílio de Constantinopla; e durante séculos os papas não subiam ao trono sem pronunciarem um anátema no qual proferiam o nome de Honório. Esta condenação de um papa como herético é o melhor argumento contra a infalibilidade. Diz o P. Gratry: a condenação de Honório é e será o eterno obstáculo à doutrina da infalibilidade.

A Gregório, o Grande, que condenou o culto aos ídolos, ou a Bonifácio III e IV, que restabeleceram o mesmo culto?

Pedro era humilde, Pedro era o amor, era a fé e por isso o Mestre Divino o investiu da grandiosa missão de fundar a sua igreja sobre a Terra. Ele era o peregrino que, de cidade em cidade, de tribo em tribo, ia, como os demais apóstolos, apoiado em seu bordão e com o alforje vazio, levando a palavra do seu amado Mestre, a ensinar às almas o caminho do céu! Pedro nunca possuiu palácios dourados nem acumulou milhões, com afronta dos pobres; nunca vendeu indulgências ou relíquias de espécie alguma, para fazer dinheiro! E, tendo sempre diante dos olhos a imagem do seu querido Mestre expulsando do templo os mercadores, nunca poderia ter sido um mercador!

Aos seus sucessores, isto é, aos seus discípulos, ele não transmitiu essas fórmulas que desvirtuam, corrompem e obstruem o verdadeiro caminho que deve trilhar a cristandade!

Se aqueles que se propuseram ser os seus continuadores seguissem os seus exemplos, que são o reflexo da doutrina de N. S. Jesus-Cristo, a Igreja não estaria dividida, todos comungariam na mesma mesa, pois que a verdade é uma e única.

Se os seus pseudocontinuadores procurassem imitá-lo, nós, espíritas, não teríamos de assistir à adoração dos ídolos por cristãos que devem saber que Cristo condenou a idolatria; não presenciáramos o ridículo, perante Deus e perante a arte, do comércio, da feira de figuras ou imagens que, no dizer dos próprios padres, são bonecos, enquanto das suas mãos não recebem a água benta, simples imitação das águas lustrais do paganismo: não veríamos essas procissões, na praça pública, nas quais serve de escândalo aquilo que apresentam como a imagem de N. S. Jesus-Cristo!

E como não ser assim, se a igreja está dividida, se os espíritos Cultos não se podem amoldar a essas práticas do ridículo que lhes são impostas

por quem tudo pode representar na Terra, menos a doutrina do Amado Mestre?

Se os papas imitassem Pedro, se eles fossem outros tantos peregrinos de bordão em punho e alforje vazio, nós certamente não veríamos o ministro de Deus na Terra orando à borda de um sepulcro, onde a matéria se corrompe! E orando a quem? A matéria, à podridão?

E ignora, porventura, o sacerdote que no momento desse fenômeno, que o homem chama morte, o Espírito se evola, e que só o Espírito, na prece fervorosa, pode buscá-lo nas regiões do infinito?

E o sacerdote não conhece o Evangelho que nos ensina que aos mortos incumbe o enterramento dos mortos? (46)

(46) Mateus, cap. VIII, vv. 21 e 22.

Como, pois, se presta o ministro de Jesus, a troco da vil moeda, a render homenagem à carne que se corrompe?

Se os sucessores de Pedro bebessem no seu seio os verdadeiros ensinamentos do Mestre Divino não se fariam no próprio campo santo, por eles assim chamado, distinções; antes, nele existiria o nivelamento dos túmulos, mostrando, perante Deus, a igualdade do pó! Mas, no entanto, eles fazem questão do pedacinho de terra onde deve tombar a carne inerte que vestiu o Espírito numa existência; e, ainda desvirtuando os ensinamentos do Divino Modelo, não consentem que os adeptos de uma religião igual à sua, nos seus fundamentos, e apenas desigual na forma, tenham aí o repouso da sua vestimenta carnal!

E, ciosos da matéria, até na podridão, combatem a secularização dos cemitérios, como se isso fosse um grande atentado perante Deus e perante o Evangelho!

E, eivados do espírito de intolerância, não lhes importa cavar um profundo abismo entre a Igreja e os homens que raciocinam, os livres-pensadores, cujo concurso de idéias eles não deveriam desprezar, pois que não convém governar sobre a ignorância, tendo ascendência apenas sobre os que não meditam, não pensam, nem resolvem! E, assim procedendo, em vez de formarem crentes, fazem fanáticos que, não compreendendo os absurdos dessas leis e ritos, a eles se submetem cegamente, sem consciência do que praticam!

É assim que, penetrando nas necrópoles, eles admiram os grandes

mausoléus e, embebidos na sua contemplação, balbuciam as suas preces, voltando satisfeitos aos seus penates; os espíritos cultos, porém, os livres-pensadores, esses, quando aí entram e não encontram o nivelamento dos túmulos; quando vêem o sacerdote diante de um grande monumento, balbuciando no segredo de um túmulo que só encerra a podridão, vão mais longe, buscando a vala comum, onde os corpos dos assassinos se debruçam sobre os corpos das donzelas e, então, elevando ao céu o pensamento, exclamam: Senhor do desconhecido, estarei em erro não seguindo a religião do teu Amado Filho, ou haverá uma outra religião sobreposta à verdadeira, que se perdeu no silêncio dos tempos?

E voltam ao lar, não com a tranqüilidade do fanático, mas trazendo a alma presa de uma luta íntima e titânica entre a razão e o sentimento, pesando-lhe sobre o Espírito um mundo de trevas e de luz, de sombras e de incertezas, de cuja enormidade se contristam os seus guias, aos quais incumbe acompanhá-los no peregrinar do mundo!

Cristãos em Cristo, meditai sobre as palavras do Evangelho, soerguei-vos, levantando os vossos Espíritos dos lodaçais da Terra: abri o seio vosso à luz divina, evocai do íntimo de vossas almas o Espírito de Verdade, e, num supremo esforço, ascendei aos páramos da luz, para que compreendais os sublimes ensinamentos do Divino Cordeiro, os únicos que vos podem dar a felicidade que tanto almejais, dirimindo as vossas culpas.

Aí tendes o Espiritismo; estudai-o à luz do Evangelho e nele encontrareis a fonte que mitigue a vossa sede, o pão do céu — N. S. Jesus-Cristo!

Mas, para provar dessa água da vida que desaltera a alma do crente, para sentir o delicioso sabor desse pão do céu, simbolizado na doutrina do Amado Mestre, não podeis prescindir da meditação do Evangelho, não podeis substituir a essência dos seus divinos ensinamentos por essas fórmulas e convenções que o Espírito não pode aceitar sem mentir aos verdadeiros princípios da fé.

Buscar a água que desaltera a alma sequiosa do amor e da fé, buscar esse pão do céu, que alimenta o Espírito do crente de forma a ele jamais ter fome de saber, é procurar Jesus no silêncio da meditação, fora do tumultuar das paixões; é desprezar os símbolos materiais, que dizem

personificá-lo, elevando os olhos da alma aos espaços infinitos, voltando nas brancas asas da prece às etéreas mansões dos justos, onde se encontra o mais justo dos Espíritos — o Redentor do mundo.

Não é certamente no deslumbramento das grandes catedrais, cujos altares se decoram do ouro, da prata e das pedras preciosas, para que sobre eles se consumem sacrifícios que apenas na forma diferem dos celebrados outrora nos templos de Jerusalém; não é no silêncio do confessionário que iremos encontrar o Amantíssimo Mestre, o Cordeiro Imaculado, que a ninguém condenou, nem mesmo à mulher adúltera. (47)

(47) João, cap. VIII, vv. 1 a 11.

Não; só no Evangelho, a arca santa da nossa salvação, nesse grandioso livro que até hoje tem sido fechado à cristandade, encontraremos o Divino Mestre, pois só aí espande toda a sua alma, atraindo-nos para o seu sacratíssimo seio!

E deixai que o diga, cristãos em Cristo: por uma aberração do espírito, pela maldade dos homens, o que menos conheceis da religião é exatamente o Código Divino, a base onde repousa todo o edifício da verdadeira Igreja Cristã.

Os livros que eles fabricaram, os regulamentos eclesiásticos, os dogmas, as pastorais, todo esse acervo, enfim, de coisas mundanas, nada exprime, nem vos fala da Boa Nova, em cujo estudo e séria meditação podereis encontrar a verdadeira rota, na indagação da verdade e no justo anseio de remissão das vossas faltas!

E tudo materializaram, quando a matéria foi condenada pelo Divino Mestre!

E há dezenove séculos que o Espírito de Verdade desce ao coração da cristandade e nele não encontra amor!

E há dezenove séculos que o Espírito de Verdade sonda o coração dos que se dizem crentes e nele não encontra a fé!

E a família cristã se divide por preconceitos de cismas, e os ministros da Igreja preocupam-se com as coisas transitórias do mundo material, e à frente de exércitos conquistadores cavam no coração da humanidade profundos sulcos de lutas e dissensões; e, pretendendo alguma coisa fazer pela religião, transformam a tribuna sagrada em pelourinho, de onde atiram à multidão conceitos opostos à verdadeira doutrina, provocando o

escândalo previsto pelo Amantíssimo Cordeiro e promovendo nos espíritos cultos, senão o ódio, ao menos a indiferença por tudo quanto pertence à religião.

E como pretender encontrar Jesus, o enviado da paz e do amor, quando a alma se afoga nesse oceano imenso das paixões mundanas?

Como obter a misericórdia de Deus, que dá a cada um segundo as suas obras, quando o espírito transuda ódio pelo seu semelhante?

Pois será possível que encontremos Jesus numa igreja em que se ensina ainda a doutrina do passado, do dente por dente, do olho por olho; onde ainda se aconselha o amor para os que comungam das nossas idéias, e o ódio para os que as rejeitam?

Estará o Divino Nazareno numa igreja em que se proíbe a oração pelo desgraçado a quem faltou a resignação para suportar os tormentos de uma existência?

Numa igreja onde a intolerância predomina, onde o amor e a compaixão são letra morta, onde, sistematicamente, se persegue uma sociedade humanitária, e cujos representantes, em seu maior número, têm levantado catedrais, enriquecendo os templos, sob o nome de ordens religiosas?

Não, certamente.

Jesus está em toda parte onde se reunirem dois ou três em seu santíssimo nome — diz-nos o Evangelho (48); mas, para vos reunirdes em nome de Jesus, cristãos em Cristo, cumpre que tenhais sentimentos, senão iguais, ao menos aproximados ao do Divino Mestre. E não é decerto nas igrejas dessa ou daquela religião que podereis encontrar o Modelo Divino, mas na tranqüilidade da vossa consciência, na serenidade do vosso Espírito, fazendo da vossa alma de crente um tabernáculo de onde podereis ver a imagem do Divino Nazareno sobre vós refletindo todas as doçuras do seu amor sem termo.

(48) *Mateus, cap. XVIII, vv. 19 e 20.*

Pelo incenso sacratíssimo das vossas virtudes, com as lágrimas do vosso arrependimento, lavando dia a dia, momento a momento, as vossas culpas do passado, só assim podereis ter bem junto a vós aquele a quem deveis a seara da abundância e a quem vos cumpre apresentar, um dia, os frutos do vosso amor e reconhecimento.

Aí tendes o Espiritismo, a cujo estudo e meditação, ainda uma vez, eu

vos convido; mas, estudaí-o à luz do Evangelho, sem vos preocupardes do maravilhoso ou da satisfação de interesses materiais que dele pretendais obter. Procurai compreendê-lo em espírito e verdade e nele achareis os ensinamentos do Consolador prometido, que consubstanciam toda a doutrina do Amado Mestre.

Os tempos se aproximam; aí vem a hora da colheita e, antes que a noite do túmulo desça sobre vós, com essas surpresas que fazem o desespero da alma, cumpre que aproveiteis as horas do dia. Aproveitai-as para cavar a dura terra dos vossos erros e imperfeições, preparando-vos, assim, para o vosso ressurgir no seio doce e amantíssimo do Redentor do mundo!

Estudai o Evangelho à luz do Espiritismo, levantando o edifício da vossa crença sobre a rocha e não sobre a areia movediça, pois que nisso se encerra o critério da vossa fé, a base da vossa salvação; e assim tereis obtido a sonhada escada de Jacob para a ascensão aos páramos da luz e da verdade.

Construí o edifício da vossa crença sobre a rocha, isto é, compreendei e praticai a Doutrina de Jesus, dilatando os seios da vossa alma aos eflúvios desses sentimentos puros que santificam os anjos.

Se, porém, vos limitardes a ler o Evangelho, a compreendê-lo, sem o praticardes; se permanecerdes firmes e coerentes com as leis do passado, amando os vossos amigos, e aborrecendo os vossos inimigos, tereis edificado sobre a areia movediça, satisfazendo as necessidades da vossa alma com esses preceitos, com essas fórmulas que nada valem — tesouros que são corroídos pela traça —, bens que se corrompem, deixando os vossos Espíritos na nudez das verdadeiras riquezas — as riquezas do céu!

VII

O Espiritismo à luz dos Evangelhos. — Lei da reencarnação. — Eternidade do castigo, segundo a Igreja de Roma. — O festim do Grande Rei. — Anátemas da Igreja Católica. — Parábolas da mulher adúltera e do filho pródigo. — A oração dominical. — Casamento e celibato.

Convidando a cristandade ao estudo meditativo do Espiritismo, à luz do Evangelho, eu tenho principalmente em vista desviar os meus irmãos da Terra do desejo do maravilhoso, que geralmente é o que mais preocupa os que se iniciam no estudo da Nova Revelação.

O Espiritismo não consiste nesse contínuo permutar de idéias com os que se foram da vida transitória da matéria, apenas trazendo ao homem a embriaguez das maravilhas que lhe assombram o espírito ávido dos segredos da vida de além-túmulo.

Não, absolutamente; ele é uma dádiva de N. S. Jesus-Cristo e como tal constitui uma doutrina santa e pura, cuja prática realiza um princípio de utilidade para os povos aos quais foi feita a promessa da vinda do Consolador.

E assim como, ao penetrarmos nos templos católicos, investigamos se o que neles se passa está de perfeito acordo com o Código Divino, o Evangelho do nosso Redentor, assim também, nas oficinas do trabalho espiritual, indagaremos se aqueles que estudam o Espiritismo — a Nova Revelação — pautam seguramente os seus atos pelos preceitos contidos na Boa Nova.

E essa é a razão por que, àqueles que o desconhecem, pedimos que procurem conhecê-lo pelo Evangelho.

Se os que se dizem espíritas, se os inspirados não praticam os ensinamentos que pelo Redentor lhes foram dados como meios de salvação; se, o que é monstruoso, nas próprias oficinas do labor espírita o homem for encontrar, como nos templos católicos, a feira de Jerusalém; se, por uma obcecação do verdadeiro sentimento religioso e cristão, os espíritas se tiverem esquecido do que se contém no Evangelho de Mateus, cap. X, v. 8 (49), poderemos afirmar que aí nesses centros não existe a luz de que necessita a cristandade para novamente encontrar o carreiro do

qual foi desviada pela ambição, pelo orgulho, pelo tumultuar das paixões que invadiram os seios da alma daqueles a quem foi dada a missão grandiosa de sobre a Terra espalhar a doutrina de N. S. Jesus-Cristo.

(49) Mateus, cap. X, v. 8.

Não nos move o intento de atacar religiões; combatemos o templo católico, como a igreja protestante, a sinagoga judaica, como a mesquita maometana, desde que neles não encontramos, como base fundamental de todo o ensino religioso, o amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si próprio.

Estudar o Espiritismo, compreendendo-o em espírito e verdade, é buscar a chave de todo o mistério da criação.

Estudar essa doutrina, compreendê-la, é conseguir a resolução desses grandes problemas da vida, que preocupam a criatura, do berço ao túmulo.

E estudando-a e compreendendo-a, à luz bendita dos Santos Evangelhos, ela se habilita para, em vãos certeiros da alma, libertar-se dos paus da terra para a felicidade suprema!

É pela sua meditação que o homem logra saber que, vindo de uma série de existências, ele é a larva imunda a passar através dos seus crimes e erros, até encontrar no Evangelho o casulo onde se deve transformar em crisálida para o jardim do céu!

E, assim, ele consegue a explicação para um sem-número de fatos que até então lhe pareciam anômalos e absurdos, encontrando um apoio para a sua fé, um abrigo para as suas tristezas, um bálsamo para as suas dores.

E bendiz o pobre a sua pobreza e o operário humilde oscula os calos que nas suas pesadas mãos se lhe afiguram outros tantos focos da luz bendita que lhe deve esclarecer o caminho, na viagem para o desconhecido.

E o rico compreende que tudo o que possui o homem, exceto a maldade, vem de Deus e que, portanto, ele deve ao menos tirar do seu supérfluo aquilo com que minore os sofrimentos dos seus irmãos, lázaros que, talvez, um dia lhe estenderão a mão para mostrarem Jesus.

E o homem começa a compreender o Criador que, nas páginas sagradas do livro do seu Amado Filho, se lhe manifesta esplendorosamente, como o Deus do amor e da misericórdia, como o Pai

que não quer a morte do pecador e sim a sua salvação (50). E assim se esboroa o inferno, essa criação absurda da Igreja; despontam na alma do crente as alvoradas da fé e da esperança na misericórdia divina, que lhe asseguram que nem tudo está perdido, por maiores que sejam as faltas cometidas; e, animada desses puros sentimentos, a criatura, dia a dia, instante a instante, procura desprender-se das lepras do pecado, olhos fixos na sacrossanta imagem do Divino Nazareno, a cujo pálio de amor se acolhe, em busca da luz que lhe deve iluminar a estrada, cheia de abrolhos, da sua regeneração.

(50) *Ezequiel, cap. XXXIII, v. 11. 2ª Epíst. de Pedro, cap. III, v. 9.*

E o homem compreende a lei da reencarnação, a lei das misericórdias, essa lei sublime em virtude, da qual pode o Espírito indefinidamente reabilitar-se, compreendendo o grande amor de Deus pelas suas criaturas, amor que ele, por sua vez, deve também distribuir pelos seus semelhantes, pelo perdão indefinido das injúrias, das calúnias, da maldade, enfim, que deles tenha, porventura, recebido.

Mas, dirão os ministros da Igreja, essa doutrina da reencarnação é um absurdo; não existe tal lei, e de real apenas há o inferno, o céu e o purgatório; as almas mal depuradas preparam-se, onde quer que seja, para a sua ascensão ao céu, por graça do Senhor; as condenadas, porém, descem às profundezas do inferno, onde as chamas que se não apagam jamais lhes infligem o sofrimento suficiente, em consequência das suas maldades!

A lei da reencarnação não existe! Conviria que não existisse, antes deveriam dizê-lo, pois muitos são os interesses materiais prejudicados com a afirmação dessa lei e, portanto, mister se faz realmente combatê-la, denunciando os seus apregoadores como loucos ou visionários.

Aos católicos sinceros, porém, aos homens de boa-fé eu os convidarei ao exame dos textos bíblicos e, então, veremos de que processo sofístico será necessário lançar mão para desvirtuar o pensamento claro e positivo de N. S. Jesus-Cristo, tratando de João Batista, na pessoa de Elias.

Terá sido realmente Elias arrebatado, em corpo e alma, às regiões do infinito, voltando à Terra ainda que sob outro nome, como o quer a Igreja?

E poderemos, porventura, aceitar essa asserção como a verdade perante

o Evangelho que nos desvenda o mistério do nascimento de João Batista, nas sublimes palavras com que o inspirado Lucas nos refere o estremecimento do precursor no seio de Isabel, ao se aproximar dela a Virgem Mãe Imaculada? (51)

(51) Lucas, cap. I, vv. 39 a 45.

Abramos o Evangelho de Mateus, cap. XI, vv. 13 a 15, e cap. XVII, vv. 10 a 13, e vejamos como não será preciso inverter o pensamento de Jesus, manifestado quando, interrogado pelos seus discípulos sobre a vinda de Elias, lhes dizia que Elias já tinha vindo e que João Batista, se eles bem o quisessem compreender, era o mesmo Elias; e quem tivesse ouvidos de ouvir, ouvisse! (52)

(52) Mateus, cap. XI, vv. 13 a 15. Idem, cap. XVII, vv. 10 a 13.

Eis, portanto, a doutrina firmada na doutrina; a lei baseada no Evangelho, segundo uma afirmação do Divino Mestre, o que constitui uma verdade da qual a ninguém é lícito duvidar!

E teria sido, porventura, esse fato uma exceção?

Sem dúvida que não, pois a exceção é do homem, pertence à humanidade e não a Deus.

A lei é uma e única; o que se deu com Elias se realiza desde a infância da humanidade, porquanto o Espírito prova a morte muitas vezes, e isso acontece porque os seus erros o impelem ao cárcere da matéria, onde ele se deve regenerar.

E agora, homens de boa-fé, católicos sinceros, digam-me onde haverá mais Deus, mais misericórdia, mais justiça e mais amor: nessa doutrina forjada pelos homens, segundo a qual a criatura, pelos seus desvarios de momento, é condenada à eternidade do sofrimento, fechando-se-lhe o coração à consoladora esperança de poder receber um dia, como lenitivo às suas dores, a doce e misericordiosa luz que sobre todos os que sofrem se irradia do sacratíssimo seio de N. S. Jesus-Cristo, ou nessa outra que nos consola e conforta pela certeza de que, um dia, redimidos pelo nosso próprio esforço, teremos uma outra vida melhor, a verdadeira vida, onde fruirmos a felicidade suprema?

Onde haverá mais Deus: no Evangelho que estudamos como loucos e visionários, mas buscando conhecer a verdade e só a verdade, ou nesse amontoado de livros, de bulas e de autos do Santo Ofício, que ao homem

dá, quando ele mais precisa de refrigério à sede que o devora, quando mais ele necessita de comiseração dos seus iguais, quando se lhe deve a alma fazer desabrochar a flor de uma esperança, apenas as chamas inextinguíveis do inferno e a eternidade do castigo, pelas culpas de um momento?!

Estudai, cristãos, o Evangelho; predisponde o vosso espírito para me seguides até o Calvário, onde poderemos encontrar o verdadeiro Jesus!

Convidando os católicos sinceros, os homens de boa-fé, a buscarem o verdadeiro Jesus, o bendito pastor das almas, pela maldade dos homens encoberto aos olhos da cristandade, vem a pelo lembrar a divina parábola que se encontra em Lucas, cap. XIV, vv. 16 a 24, na qual, sob o véu da letra, o Divino Mestre convida os pobres e estropiados à confraternização humana, ao banquete divino, que um dia será presidido pelo Amantíssimo Cordeiro — o predestinado a sofrer, em seu divino Espírito, todas as dores e infortúnios da miseranda humanidade. (53)

(53) Lucas, cap. XIV, vv. 16 a 24.

Aproximam-se os tempos; aos homens aos quais foi dada uma existência na Terra, não certamente para os gozos da matéria mas para o preparo do seu Espírito e depuração de sua alma, visando a conquista da felicidade suprema, é feito, ainda uma vez, o magnânimo convite para o festim do Grande Rei, e ai deles se, porventura, alegando interesses materiais, deixarem de comparecer!

Jesus fundou a sua igreja, dando-lhe por chefe espiritual o grande Apóstolo Pedro; ficou assim, desde então, preparada a mesa farta da comunhão divina, à qual se deviam sentar aqueles que, sendo os primeiros a pedi-lo, haviam obtido a esmola que a misericórdia divina a ninguém recusa; mas, os interesses individuais determinaram as escusas que os levaram a abandonar o lugar que se lhes destinava no festim e, o que é pior, prejudicando-o com o alarido das suas paixões e com os seus brados cobiçosos, atordoando aqueles que, bem compreendendo o convite que lhes era feito, poderiam vir congregar-se para receberem gostosamente o pão da vida, único manjar que se distribui nesse banquete todo espiritual!

E, com o correr dos tempos, tudo passa, tudo desaparece; a palavra de Jesus, porém, os seus ensinamentos, esses, ainda que deturpados, prevalecem sempre, porque representam a verdade, e a verdade é eterna!

Chegaram os tempos da reivindicação; cumpre falar abertamente à cristandade, revivendo na memória do homem essa esplêndida parábola que traduz, desde os primeiros tempos, a mais sublime afirmação da misericórdia de Deus pelas suas criaturas.

E vós, cristãos, não vos iludais, tentando lançar um véu sobre a vossa razão, pois que a crença, a fé que se não apóia nesse grande fundamento — a razão, é um sentimento degenerado que facilmente se esboroa, é semente lançada em pedregulho, que morre à míngua da terra em que deve germinar.

E por isso que sois cristãos, e sentis a necessidade de acreditar em alguma coisa de bom, de sério e de divino, vos conformais com tudo o que simplesmente fala ao coração, sem vos lembrardes de que assim estabeleceis a luta constante entre a vossa razão e o vosso sentimento, o que dá em resultado a possibilidade da vossa fraqueza, da vossa queda e do vosso aniquilamento.

Cumpre, no entanto, que raciocineis, buscando os fundamentos para a vossa fé, e para isso um único meio seguro se vos depara: o estudo dos Santos Evangelhos à luz do Espiritismo.

Receais, talvez, entrar na indagação dessas sublimes e divinas verdades?

Temeis porventura os anátemas da Igreja, que vos ensina que fora dela não há salvação?

Mas, essa igreja não é a de Jesus-Cristo, essa igreja é a dos padres; foi ela quem lançou o anátema sobre os santos varões Agostinho (54) e Aurélio, Arcebispo de Cartago.

(54) Nasceu em 354 em Tagasta, da Numidia (África). Seguiu por muito tempo a doutrina dos manicheus, porém, por esforços de sua mãe — Santa Mônica, converteu-se ao Cristianismo, batizando-se com a idade de 32 anos. Em 391 recebeu ordens. Em seus discursos escritos combateu os donatistas e manicheus, suas obras principais são: A Cidade de Deus, Tratados sobre a graça e livre-arbítrio, que lhe deu o apelido de Doutor da Graça; os Solilóquios, Retratações, Confissões e grande número de trabalhos contra os hereges do seu tempo. Santo Agostinho foi notável por sua vasta erudição científica como pela sua eloquência e grande piedade; morreu em Hipone em 430, durante o sitio desta cidade pelos vândalos.

Essa igreja, cristãos, mandou envenenar Clemente XIV (55) por que

protestava contra os enxertos, contra as inverdades e reformas que se fizeram no Código Divino!

(55) Laurent Ganganelli — da ordem dos Franciscanos; nasceu em 1705 e em 1769 sucedeu a Clemente XIII. Dotado de espírito conciliador, viveu em boa harmonia com as cortes da Europa. Em 1773 publicou um breve suprimindo a ordem dos Jesuítas. Morreu envenenado, em 1774.

Essa igreja lançou à fogueira Jerônimo de Savonarola (56), outro protestante que pagou com a vida o grande crime de clamar contra o desvirtuamento que, então, os pseudo-sucessores de Pedro fizeram nos sublimes ensinamentos do Divino Mestre.

(56) Célebre pregador dominicano, nascido em Ferrara (Itália) em 1452. Nomeado prior do Convento de S. Marcos em Florença, distinguiu-se por sua eloquência e grande talento, tornando-se querido do povo. Censurou violentamente o clero e a Santa Sé; e, acusado de heresia pelos religiosos franciscanos, anatematizado pelo papa Alexandre VI, foi encarcerado e condenado como herege. Morreu na fogueira em 23 de maio de 1498.

E a santa doutrina de amor e de perdão do Cordeiro Imaculado, que veio entre os homens ensinar-lhes o amor a Deus e ao próximo, determinava aos seus representantes na Terra o extermínio dos albigenses (57), afogando-se num mar de sangue, para que triunfasse o egoísmo, a sede do poder temporal, e isso tudo para a glória e em nome de Jesus!

(57) Heréticos que seguiam as doutrinas dos manicheus. Eles ocupavam as cidades de Alby (que lhes deu o nome), Béziers, Carcassone, Toulouse, Montauban, Avignon. O papa Alexandre III excomungou-os no terceiro concílio de Latrão. Em 1209, os cruzados enviados pelo papa Inocêncio III apoderaram-se de Béziers, assassinando 60.000 homens, não sendo poupados nem mesmo os católicos que se achavam na cidade. Inocêncio III criou a inquisição para extirpar a heresia, e enviou novas cruzadas contra os albigenses, que foram exterminados quase completamente.

E serão os anátemas dessa igreja que vos causam temor, cristãos?

Pois não vedes que o caminho da luz, o trilho santo de N. S. Jesus-Cristo abriga, a todos os que por ele enveredam, desses anátemas, dessas maldições, de todas essas convenções absurdas que nem mesmo no Antigo Testamento, onde as leis de ferro eram reclamadas pelas necessidades da época, encontram apoio ou justificação?!

Não, cristãos, não vos preocupeis com anátemas e excomunhões; abri o Evangelho e aí nessa sublime passagem da mulher adúltera (58)

encontrareis Jesus, o Divino Modelo, sem, no entanto, justificar o pecado, codificando a lei santa do perdão e da misericórdia.

(58) João, cap. VIII, vv. 1 a 11.

Ainda nos Santos Evangelhos, na bela parábola do filho pródigo (59), vereis que, a todo tempo, o Espírito pode dirimir os seus erros, resgatar as suas faltas, ascendendo aos páramos da luz!

(59) Lucas, cap. XV, vv. 1 a 32.

Não vos arreceeis, pois, dos anátemas da Igreja de Roma; estudai, enquanto tendes luz, para poderdes ler! Solidificai a vossa crença, a vossa fé na razão, à luz do Evangelho!

Vinde, vós que não sois bispos nem papas, pobres sem outros merecimentos que não aqueles que vos dá o desejo de serdes cristãos em Cristo, vinde para a mesa do festim comer do pão da vida, devorando, na avidez do vosso pobre Espírito, esse manjar celeste que vos foi dado há dezenove séculos e do qual não tendes ainda podido provar, pois que o interesse dos homens o escondeu de vós!

Vinde aprender a mansidão do Justo, a caridade do Bom, essa caridade sublime que na suposta igreja de Jesus se não encontra, porque para essa igreja basta estar dentro dela para ter salvação!

Vinde compreender em espírito e verdade a oração dominical, aprendendo o supremo ensinamento pelo Divino Mestre dado aos seus apóstolos, para que eles por sua vez o dessem à humanidade inteira, de que SEM CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO!

PERDOAI, SENHOR, AS MINHAS DÍVIDAS ASSIM COMO EU PERDÔO AOS MEUS DEVEDORES; tal é a forma a mais singela e a mais sublime da misericórdia e do amor de Deus!

Eis a razão por que nos abstraímos das fórmulas exteriores das igrejas, quaisquer que elas sejam; eis por que consideramos destituído de princípios básicos todo esse amontoado de convenções religiosas que se desviam dos princípios consagrados na doutrina do Mestre Divino.

E, certamente, se o homem tem caridade, se ele sabe perdoar ao seu semelhante as suas dívidas, por que precisará da intervenção do padre ou do representante de qualquer outra igreja para que também de Deus obtenha o perdão das suas culpas? Se, independente desse perdão espontâneo, desse pronunciamento da alma cristã, o homem tivesse

necessidade de buscar esse ou aquele lugar, as fórmulas dessa ou daquela religião, para ser por Deus perdoado, seria a criatura superior ao seu Criador! Isso, porém, constitui um absurdo que a razão rejeita, desde que procura meditar nas verdades que por misericórdia do Altíssimo foram pelo seu Divino Filho trazidas à humanidade, para a sua salvação.

Assim, na oração dominical encontra o homem a verdadeira e única fórmula da sua reabilitação, independente da intervenção do representante dessa ou daquela igreja; compreende ele a lei sublime do perdão e da caridade, convencendo-se de que sem ela não lhe é possível a salvação, por mais brilhantes que sejam as lentejoulas, as formalidades de qualquer culto a que se filie.

E ainda que tivéssemos o empenho de não tocar nas coisas que entendem com a Religião Católica Apostólica Romana, não poderíamos fazê-lo, porquanto, correndo-nos o dever de ser sincero e verdadeiro, propomo-nos a falar à cristandade, ainda que sem o prestígio da autoridade moral, sobre assuntos que dizem respeito à sua salvação.

O empenho constante da Igreja Católica em absorver toda a autoridade espiritual e temporal, no seio da humanidade; a sua sofreguidão de monopolizar a verdade divina, mascarando-a de acordo com os seus interesses, tem ocasionado lutas constantes de muitos séculos, donde surgem várias agremiações filosóficas que buscam, por uma necessidade natural do espírito, conciliar o sentimento com a inteligência e a razão.

Mas, firmamos o ponto: o casamento será realmente um sacramento, como determina a Igreja Católica?

Certamente que não; porquanto os princípios da religião que não encontram sanção nos Santos Evangelhos não fazem parte da doutrina de N. S. Jesus-Cristo.

Ora, nos textos bíblicos, quer do Antigo, quer do Novo Testamento, não existe uma expressão sequer que isso justifique! E, se percorrermos a história, veremos que os papas, os bispos dos primeiros séculos foram casados civilmente, isto é, tomaram perante o poder civil uma responsabilidade como cidadãos, que em nada poderia prejudicar a realização dos compromissos por eles também assumidos perante Deus, de acordo com a sua consciência e os seus princípios da sua religião!

Mas, aos deturpadores das santas verdades afigurava-se-lhes uma

necessidade tornar essa mera função do poder temporal um sacramento, para que assim, e por meios artificiosos, se pudesse lançar a irrisão e o escárnio sobre a família dos representantes de outras seitas, que por eles era considerada o fruto do concubinato!

Cumpria, servindo os próprios interesses e não os interesses do Evangelho, forçar a consciência alheia, ainda que mentindo a essas mesmas convenções, a vir prestar um preito que só pode ser aceito quando parte profunda e sinceramente dos seios da alma, porque então, e só assim, deixa de ser uma hipocrisia para ser uma verdade.

E se o casamento não é mais do que o consenso de duas almas que se ligam pelos sentimentos recíprocos de afeto e de amor para a constituição da família, como considerá-lo um sacramento?

E se o fizermos, não seremos levados a admitir que os primeiros bispos da Igreja tenham cometido um atentado, visto que o mesmo concílio, que assim considerou esse ato da vida social, fez do celibato um dogma?!

E será realmente o celibato uma condição essencial para que o indivíduo possa ser ministro de Jesus na Terra? Sem dúvida que não, pois, se assim fosse, se o celibato constituísse condição indispensável para o regular funcionamento da Igreja, a Pedro, o grande apóstolo, que era chefe de família, não teria sido dada a suprema missão de dirigir essa mesma Igreja; o Divino Mestre teria colocado no mundo, para essa missão, varão tão ilustre como o bom pescador, ou o próprio Pedro que, então, não se teria obrigado pelos vínculos conjugais.

A Igreja, no entanto, conhece perfeitamente a verdade; os seus representantes sabem que os votos de castidade que fazem não passam de simples palavras! E os escândalos dão-se, e a humanidade, presenciando esses desvarios que têm esse nome na lei da própria Igreja, pergunta, buscando um apoio à sua fé que se esboroa: Senhor, onde está a verdade, onde a verdadeira religião?

E nós, pela Igreja, respondemos à humanidade: a verdade, cristãos em Cristo, está no Evangelho, e só no Evangelho!

Só nesse livro santo, nessas páginas sublimes de amor e de luz puríssima que se irradia do sacratíssimo seio do Divino e Imaculado Filho de Maria podereis aprender os verdadeiros costumes da sã moral,

constituindo família para que, começando no pequeno núcleo dos vossos afeiçoados a fazer desabrochar a flor desse sublime sentimento do amor, possais chegar um dia a cultivá-la no grande núcleo — a humanidade!

VIII

A verdadeira morte: a morte do Espírito. — Enfermidade de Lázaro; sua morte aparente e sua ressurreição. — Os escribas e fariseus resolvem dar a morte a Jesus, aconselhados por Caifás. — Entrada do Divino Mestre em Jerusalém.

Provada a contradição em que vive a Igreja Católica Apostólica Romana, em face dos princípios consagrados na doutrina de N. S. Jesus-Cristo, o que fez o objeto dos capítulos anteriores, acompanhem os passos do Senhor, buscando o conhecimento de outras verdades que mais nos atestem a elevação do seu puríssimo Espírito, no desempenho da grandiosa missão de levar pelo caminho da salvação e da felicidade a mísera humanidade, escrava ainda dos seus erros e culpas.

Não é nosso intento, porém, desdobrar aos olhos da cristandade todo o Evangelho, porquanto, nos livros de Allan Kardec, na revelação dada a Roustaing, nos trabalhos de Sayão, Júlio César e tantos outros, encontram os bem-intencionados grande fonte, onde podem beber, à farta, os ensinamentos do Nosso Divino Mestre, velados até então pela má-vontade de uns, ou pela maldade de outros.

Procuremos, pois, ferir os pontos principais, dos quais possamos tirar mais alguma luz para a orientação e compreensão dos textos bíblicos.

Assim, abramos o Evangelho, e, no cap. XI de João, admiremos os prodígios da fé, procurando compreender em espírito e verdade o que se passou na pequena aldeia de Betânia, onde o amigo do Senhor jazia enfermo, provando a morte aparente, para dela ressurgir, dando glória a Deus. (60)

(60) João, cap. XI, vv. 1 a 57.

Estava enfermo Lázaro, e as suas bondosas irmãs, temerosas por verem a marcha ascendente da moléstia que em breve lhes iria roubar uma parte de sua alma, mandaram enviados a N. S. Jesus-Cristo, comunicando-lhe o estado aflitivo dos seus corações.

E o Senhor, como se fosse indiferente à dor de Marta e de Maria, como se na sua alma divina não vibrassem os sentimentos puros da caridade, deixou-se ficar, por algum tempo, no lugar em que se achava, sem acudir

ao chamado, declarando que a enfermidade de Lázaro não se encaminhava a morrer, mas a dar glória a Deus.

Depois, dirigindo-se aos seus discípulos, lhes disse: Lázaro dorme, ao que lhe responderam eles: Se ele dorme, Senhor, será então salvo! Diante dessa afirmação de seus discípulos, diz-nos o evangelista que o Divino Mestre declarara abertamente: Lázaro é morto!

Lázaro morto!

Para os discípulos, como para todos os que assistiam na casa de Marta e de Maria, Lázaro era morto, pois que se lhe manifestavam no semblante os traços cadavéricos e o seu corpo apresentava a inércia dos músculos; para N. S. Jesus-Cristo, era Lázaro também morto, é certo, mas da morte do Espírito, da verdadeira morte de que falam os enviados, incessantemente, aos que se dedicam ao estudo da Doutrina Espírita; dessa morte a que se refere sempre o Divino Mestre em todas as passagens dos Santos Evangelhos, e que mais não é do que o aniquilamento passageiro em que se encontra o Espírito quando baixa à Terra, para entrar no sepulcro de carne em que deve expiar as faltas cometidas.

E é exatamente o contrário disso o julgar da humanidade, quando considera que a morte é a vida e que a vida é a morte.

Eis, portanto, o Divino Mestre revelando uma verdade ao entendimento daqueles que presenciaram o estado cataléptico de Lázaro, verdade que está de acordo com aquilo que é perfeitamente conhecido em todo o mundo espiritual.

Lázaro não podia estar morto dessa morte compreendida pelos homens porque, sendo imutáveis as leis do Senhor, uma vez que o Espírito quebra os laços que o prendem à matéria, uma vez que é absorvido no grande todo o fluido vital que animava a carne que o revestia, quando então começa a provar a lei da decomposição, ele não pode absolutamente regressar ao cadáver, para de novo viver a vida material.

E poderia, porventura, Jesus explicar a um povo inculto, e, portanto, sem os elementos necessários para compreendê-lo, o fenômeno que então se realizava na pessoa de Lázaro?

Se, ainda hoje, nós não encontramos palavras com que possamos dizer toda a verdade, explicando, a ponto de sermos compreendidos, todos os

fenômenos que se realizam sob as vistas do homem, como poderia o Divino Mestre desfazer no entendimento daquelas criaturas a idéia do milagre?

Lázaro, portanto, sofria de catalepsia, fenômeno que hoje é mais que conhecido, pelo estudo que a ciência tem feito desse estado patológico.

É certo que, depois de darem as irmãs de Lázaro o maior testemunho da sua grande fé, da confiança e certeza que tinham de que, se o Divino Mestre estivesse presente, Lázaro não morreria, o que deu lugar a dizer o bom pastor das almas: Eu sou a ressurreição e a vida, ao ordenar o Senhor que levantassem a campa do sepulcro, Marta observou que o cadáver já cheirava mal, pois que era de quatro dias.

Isso porém, compreende-se, constitui apenas uma presunção, natural no entanto, em vista da época da sua morte aparente; e quando mesmo existisse esse mau odor, seria ele proveniente da moléstia pútrida de que fora acometido Lázaro, antes de ser tomado do sono cataléptico; o seu corpo, porém, não tinha o odor cadavérico, pois não se tendo dado a morte real não poderia haver a decomposição.

Cristãos em Cristo, almas simples e boas que, apesar do grande naufrágio da barca de Pedro, podeis ainda divisar no horizonte a vela branca, que vem buscando o rumo da salvação do vosso Espírito! Almas simples e boas que, na negra noite que cerra o espaço, no vosso mísero planeta, podeis ainda avistar o facho luminoso que, qual estrela dos Magos, vos guia à palhoça do Redentor do mundo: fortalecei em vós os sentimentos de Marta e de Maria, vicejai em vossos Espíritos a flor ressequida das esperanças, aguardando que rorem sobre a sua corola os eflúvios suaves que, lá dos páramos da luz, descem do seio do Bendito Mestre!

Tende confiança, como essas humildes mulheres, de que onde está Jesus está a ressurreição e a vida; considerai-vos Lázaros, que vos encontrais dentro dos vossos sepulcros de carne, tendo por sobre vós a pesada campa dessa Igreja de Roma que vos oprime o coração!

Crede e esperai em N. S. Jesus-Cristo, que vos vem trazer o ressurgimento, o levantamento da vossa alma dilacerada pela dor que vos produzem os espinhos e abrolhos que juncam a estrada do vosso peregrinar terreno!

E, no entanto, esse fato extraordinário, considerado milagre, pelo Divino Mestre realizado na pessoa de Lázaro, foi a causa imediata da condenação do Senhor.

Espalhada essa nova por toda a Judéia, vinha o povo em massa procurar o pouso desse Espírito que, além de fazer andar os paralíticos, dar vista aos cegos, ressurgia os mortos; e assim, atônitos, uns sequiosos do maravilhoso, cheios de arrependimento outros, vinham prostrar-se aos pés do Senhor, pedindo o perdão de suas culpas!

Em distância, na distância do orgulho e do egoísmo, colocaram-se os escribas e fariseus, murmurando contra o Divino Cordeiro que atraía para junto de si a turba que o cercava, sequiosa da luz puríssima que refulgia no seu divino e sereno rosto.

E, temendo que o proclamassem rei, diziam entre si: nós, que temos as posições oficiais que nos foram concedidas pela Roma de César, nós, que temos interesses a zelar, deveremos consentir nessa absorção do nosso poder?

E Roma não virá com seus exércitos de novo reduzir-nos à escravidão, não lhe bastando já o tributo de ouro que pagamos ao César?

Assim confabulavam, quando Caifás, pontífice daquele ano, dando a sua sábia opinião, declara que cumpria que morresse aquele homem, para que se salvasse a nação! Pobre, que o era, ele não compreendia que aquele grande Espírito devia desaparecer da superfície da Terra não para a salvação de um simples povo, mas para a salvação de toda a humanidade!

E, resolvido assim o negro problema, só se esperava a ocasião para dar a morte ao Divino Mestre; mas, como não era chegado ainda o momento em que devia ter plena liberdade o Espírito das trevas, para que pudesse agir com toda a fereza dos corações tigrinos, Jesus buscou um pequeno retiro, onde se conservou por alguns dias, com seus discípulos, longe dos judeus.

Seis dias antes das festas, diz-nos ainda o Discípulo Amado, prepara-se o Senhor para partir em demanda da Filha de Sião, onde devia comer a Páscoa com seus discípulos. Mal corre entre o povo essa nova, todos se aprestam para levar em triunfo, à cidade santa, o Filho de Maria. E, no povo bom e humilde, estabelecia-se o sentimento íntimo e verdadeiro de que ia prestar as grandes e últimas homenagens a que tinha direito o mais

amante, o mais puro dos Espíritos, baixado à Terra. E a estrada cobre-se de palmas e de flores; lançam-se as vestes no caminho por onde devia passar, montando a humilde alimária de que se serviam os pobres, o Divino Redentor, aclamado pelos velhos, pelos moços e pelas crianças, que diziam: HOSANAS AO QUE VEM EM NOME DO SENHOR! (61)

(61) Mateus, cap. XXI, vv. 1 a 11. Marcos, cap. XI, vv. 1 a 11. Lucas, cap. XIX, vv. 29 a 40. João, cap. XII, vv. 12 a 15.

E esses hinos arrebatadores de glória abafavam o alarido de muitos outros que diziam: Morte, morte ao Filho de Maria!

Amedrontados, alguns dos fariseus suplicavam ao Divino Mestre que mandasse calar as turbas que o aclamavam, ao que o Manso Cordeiro lhes respondeu: Asseguro-vos que, se eles se calarem, clamarão as próprias pedras do caminho!

E, na verdade, talvez fossem menos endurecidas as pedras do caminho do que aqueles corações que desejavam o silêncio, premeditando a prática de um crime nefando!

Mas, a despeito de tudo, entrou o Divino Mestre em Jerusalém, recebendo do povo as últimas homenagens que na Terra lhe prestavam, a caminho do Gólgota!

Acompanhemo-lo, cristãos em Cristo; assistamos à sua ceia, nela buscando outros tantos exemplos de humildade e de amor do Divino Cordeiro para com os seus discípulos e para com a humanidade inteira!

IX

A Ceia Pascoal. — A Eucaristia. — Jesus lava os pés dos seus discípulos. — Predição da traição de Judas. — As muitas moradas da Casa do Pai. — O Consolador. — Jesus prediz a Pedro que ele o negará três vezes. (62)

(62) *Mateus, cap. XXVI, vv. 17 a 35. Marcos, cap. XIV, vv. 12 a 31. Lucas, cap. XXII, vv. 7 a 34. João, cap. XIII.*

O ressurgimento de Lázaro encheu o cálice das fezes das paixões as mais nefandas, que, transbordando, deviam produzir o tremendo atentado contra o meigo filho de Maria — o Redentor dos homens!

Prevendo os acontecimentos que de futuro se iam dar, o Divino Mestre quer, pela última vez, comemorar a Páscoa com seus discípulos; avizinhandose o momento terrível das angústias, depois do qual devia subir ao Pai, ele busca, na solenidade dessa cerimônia que se realizava à aproximação da sua morte, fazer o seu testamento, repartindo com os seus amados discípulos os seus grandes tesouros de amor, até mesmo com o ingrato que, levado pela ambição, o devia entregar às mãos dos seus algozes!

E, de todos os seus bens, da sua paz, de seu amor, de sua humildade, ele dispôs, como pai extremoso, mostrando aos seus discípulos o caminho iluminado que os devia conduzir à conquista da verdade suprema, lá nessas muitas moradas da casa de seu Pai, à qual Ele ia, adiante deles, a preparar-lhes os lugares.

Mas, de toda essa solenidade, de tudo quanto nessa terrível noite de angústias se passou, dois fatos extraordinários se realizaram, para os quais chamamos a atenção da Cristandade, procurando explicá-los, tanto quanto couber em nosso entendimento e nos for concedido pela soberana graça do Senhor!

Sentado à mesa, cheio de tristeza, pois que o seu divino Espírito antevia o drama terrível que nas trevas se estava urdindo contra ele, o Senhor toma do pão e, oferecendo-o aos seus discípulos, diz-lhes: Comei, este é o meu corpo; e, apresentando-lhes o cálice do vinho, onde um artista havia esculpido o sacrifício de Isaac, diz-lhes ainda: Bebei, este é o meu

sangue! (63)

(63) *Mateus, cap. XXVI, vv. 26 a 28. Marcos, cap. XIV, vv. 22 a 24. Lucas, cap. XXII, vv. 19 e 20.*

Mas, poderemos nós, tomando ao pé da letra as palavras do Mestre Divino, considerar o pão e o vinho — o corpo e o sangue de N. S. Jesus-Cristo?

Ou ocultarão, talvez, essas expressões verdade que naqueles tempos não podia ser compreendida?

E, tratando dessa passagem, não poderia ter havido por parte dos evangelistas omissão de alguma palavra?

Sim, certamente; essa omissão se deu, eu vo-lo afirmo, cristãos em Cristo: Jesus, oferecendo o pão e o vinho aos seus discípulos, lhes disse: Comei, este é o emblema do meu corpo; bebei, este é o emblema do meu sangue!

E, assim, materialmente, Jesus proferira uma verdade, pois, como já tive ocasião de dizer-vos no cap. I deste humilde trabalho, o seu corpo, aparentemente humano, compunha-se exatamente dos fluidos constitutivos desses dois elementos de vida, como, espiritualmente, verdade ainda Ele dissera, pois nessa festa solene da Páscoa representava o Senhor o Manso Cordeiro que, para a salvação de toda a humanidade, devia ser imolado!

Comei do pão, bebei do vinho, símbolos da constituição do meu corpo, que julgais igual ao vosso, e fazei isso, todos os anos, em memória do meu nome!

E isto apenas quer dizer: assim como os judeus se reuniam todos os anos em família, para solenizarem o dia da sua passagem das terras do cativeiro para as da liberdade, assim também os discípulos de Jesus se deviam reunir para solenizarem o dia das suas angústias, que também é o dia em que ele, pela sua palavra divina, os levantava das sombras da morte para as alvoradas da vida !

Os homens, porém, no empenho de tudo materializarem, criaram, pela sublimidade dessa cerimônia, um sacramento a que deram o nome de Eucaristia!

Mas, Deus meu, será preciso que, rompendo o silêncio do túmulo, venhamos dizer-lhes o quanto há de absurdo nessa criação da Igreja

Católica, que degrada a memória do maior dos Espíritos baixado a Terra? Será ainda preciso que vos venhamos dizer o quanto repugna à alma do crente esse ato, segundo o qual se consagra uma hóstia que, simbolizando o corpo fluídico do Divino Cordeiro, deve ser ingerida e pelo organismo humano eliminada, obedecendo à lei iniludível da nutrição dos seres?!

Que subterfúgios de linguagem, que habilidade não serão necessários para justificar tal atentado?!

Pois, não se compreende que as palavras de Jesus eram e são espírito e vida, e que, ainda que veladas pela letra, tinham por fim dar aos discípulos, como a toda a humanidade, os verdadeiros ensinamentos que, trazendo ao homem a resolução dos grandes problemas da vida, independem absolutamente das fórmulas materiais, que para nada servem e de nada valem porque, como já vos tenho dito, não encontram base nos Santos Evangelhos?!

E, em pleno século dezenove, quando nos bate à porta o Consolador prometido, vemos o sacerdote tomar do corpo emblemático de N. S. Jesus-Cristo e ingeri-lo perante a multidão ignorante, a quem se procura convencer de que essa cerimônia é bastante para a remissão dos pecados!

Cristãos em Cristo, os verdadeiros sucessores de Pedro, eu vo-lo afirmo, nunca, nem por sonhos, um momento sequer, imaginaram comemorar esse fato solene da Páscoa acreditando sorverem no pão e no vinho o corpo e o sangue do nosso Divino Redentor! Nunca o fizeram, porque nunca se desviaram do reto caminho da justiça e da misericórdia; e assim sempre tiveram, em suas almas, a luz bastante para compreenderem em espírito e vida as palavras do Amado Mestre, que lhes revelavam a santa doutrina de amor e de paz que lhes incumbia difundir sobre a Terra!

E, ao passo que tais atentados se praticam em nome do Evangelho, nós vamos nessa mesma noite memorável encontrar o Manso Cordeiro, o representante de Deus na Terra, de joelhos, às plantas dos seus discípulos, lavando-as e enxugando-as à toalha com que se havia cingido, levantando-se da mesa! E foi esse o maior exemplo de humildade que lhes deu o Divino Mestre para que, seguindo-o, pudessem desempenhar a alta missão de apascentar o seu rebanho.

— Vós me chamais Mestre e Senhor, e bem o dizeis, porque o sou! Mas, se sendo eu vosso mestre e senhor vos lavo os pés, o que deveis

vós fazer uns aos outros? Sede humildes; amai-vos, como eu vos amo e como vos ama o Pai, e só assim vos fareis conhecidos como meus verdadeiros discípulos. (64)

(64) João, cap. XIII, vv. 4 a 15.

Eis as sublimes palavras do Enviado de Deus, que baixou à Terra para mostrar à triste humanidade, ainda escrava das suas próprias paixões, o caminho de luz que deve conduzi-la, redimida e limpa do pecado, aos pés do Criador!

E, no entanto, existe na Terra um homem, um sucessor de Pedro, que, lendo esse trecho grandioso do Evangelho, lição suprema da humildade cristã, interpreta-o e o põe em prática sentando-se em suntuosa cadeira, de onde assiste ao desfilar dos peregrinos que de todas as partes do mundo, reverentes, lhe vêm beijar os pés!

E assim se interpreta o Evangelho de N. S. Jesus-Cristo!

Eu sei, cristãos em Cristo, que fundas amarguras ferirão as vossas almas ao lerdes estas páginas, que ora digo; eu vejo que um mundo de incertezas povoa o vosso Espírito, atordoando-vos, fazendo-vos desfalecer, abalando-vos a fé, pois que, acostumados a essas práticas, já vos tínheis determinado a aceitar todos esses absurdos como uma verdade!

E se eu viesse conturbar a serenidade da vossa alma, sem que pudesse logo oferecer-vos um lenitivo, um bálsamo ao vosso desespero, pelo esboroamento das crenças que tínheis naquilo que até então era para vós uma verdade, eu seria certamente um perverso; mas, se assim vos falo, é porque entre vós já se acha o CONSOLADOR PROMETIDO — A DOCTRINA ESPÍRITA —, fonte abundante de todas as verdades que devem substituir o edifício carcomido das vossas crenças, mostrando-vos a rota segura, a porta estreita, o coração, a alma do Divino Mestre que, perdoando os vossos erros, vos cobre com o seu divino manto de amor, conduzindo-vos à felicidade suprema!

— Eu sou a videira e meu Pai é o agricultor — diz o Divino Cordeiro!

Nós, cristãos, somos as varas que, permanecendo no divino tronco — o nosso Divino Mestre —, precisamos dar frutos que atestem o aproveitamento dos ensinamentos que há tantos séculos nos foram dados pela misericórdia de Deus.

E, se é certo que a maldade dos homens procura corromper-vos a seiva,

ai tendes o rocio celeste banhando-vos a alma, para que possais dar os frutos que de vós se espera. E certamente o conseguireis, cristãos em Cristo, se estudardes a Boa Nova, a doutrina consoladora que por amor dos homens, ainda uma vez, o Senhor mandou a Terra!

E não sejam os vossos erros motivo de desânimo; lembrai-vos que o Divino Jesus, à mesa da Ceia Pascoal, deu também a Judas, que o devia traiçoar, o pão e o vinho que repartira com todos os seus discípulos; lembrai-vos que aos seus pés ele se ajoelhou, também, para lavá-los! E do alto da cruz, invocando o perdão para todos os que o odiavam, ele estende o seu infinito amor, a sua divina misericórdia a todos aqueles que o buscam nas asas da prece fervorosa, enveredando-os pelo luminoso carreiro que os deve conduzir, puros e limpos das máculas do pecado, aos pés do seu e nosso Criador e Pai!

Sem nos determos, porém, nessa sublime passagem dos Santos Evangelhos em que mais se exalta Jesus, o nosso Divino Mestre, o maior dos Espíritos baixado à Terra, humilhando-se aos pés dos homens, acompanhemos a narrativa do Discípulo Amado, buscando novos ensinamentos que, dando-nos alento, nos encorajem na nova cruzada em que nos empenhamos, para o restabelecimento das verdades evangélicas.

E, visto que não podemos, de modo algum, tomar ao pé da letra aquilo que se encontra nos Evangelhos, cumpre nos esforcemos para, interpretando em espírito e vida os sublimes ensinamentos, bem compreendermos a Boa Nova de N. S. Jesus-Cristo.

Diz-nos o Discípulo Amado (65) que, depois que o Senhor deu a Judas o pão molhado, nele entrou Satanás, que devia, na Terra, levá-lo à prática da negra traição ao Divino Mestre. Se interpretarmos à letra as palavras do evangelista, cairemos no absurdo de admitir que N. S. Jesus-Cristo dava ao Espírito das trevas a posse de Judas, no alimento que lhe oferecera à mesa da Ceia Páscoa.

(65) *João, cap. XIII, vv, 26 e 27.*

Essas palavras, porém — entrou nele Satanás —, são figuradas e apenas significam que no espírito de Judas germinava a idéia do crime, que então se fazia resolução.

Era chegado o momento de se realizarem as profecias; cumpria que o Manso Cordeiro fosse levado ao sacrifício, para redenção dos homens!

E, folheando os Evangelhos, encontrareis, cristãos em Cristo, em muitas passagens, o nosso Divino Mestre perseguido pelas multidões que tentam tirar-lhe a vida, encobrando-se às suas vistas, pois que o seu momento ainda não era chegado, o que em abundância prova que o corpo que o revestia era de natureza fluídica.

O príncipe deste mundo, isto é, o mal, não podia ainda ter acesso naqueles que deviam levar à morte o Amantíssimo Cordeiro; rodeava-o uma atmosfera de luz onde não podiam penetrar os maus — aqueles que odiavam a Jesus e aos seus queridos discípulos, os encarregados de espalhar sobre a superfície da Terra a santa doutrina do amor e de perdão que ele pregara.

Findo o banquete divino, tendo o Senhor feito o seu testamento, isto é, tendo dado aos seus discípulos as instruções necessárias para que eles pudessem desempenhar a santa missão de que os incumbira na Terra, desfaz-se essa atmosfera de luz, por ação da sua divina vontade, principiando, então, o reinado das trevas; e, perfeitamente livres, os pérfidos e ingratos atuam sobre aqueles nos quais encontram os elementos necessários para o sacrifício do Divino Redentor!

Os evangelistas, apesar da elevação dos seus Espíritos e do alto ministério de que estavam revestidos, não podiam compreender, em espírito e verdade, todos os ensinamentos do Amado Mestre; assim, desde que viram Judas, recebendo o pão molhado, desaparecer transfigurado da sala do banquete, deduziram que Satanás dele se havia apoderado, no momento de receber o alimento.

E, no entanto, nesse momento, realizava-se a profecia do Manso Cordeiro, que, respondendo à pergunta dos seus queridos discípulos, lhes mostrava o traidor; e os adversários de Jesus, os adversários da sua doutrina de salvação, entraram na plenitude de toda a sua ação maléfica, sendo Judas, por sua ambição de ouro e de poder, o escolhido para entregar aos escribas e fariseus o meigo e dileto Filho de Maria!

O Divino Mestre não podia desvendar, aos olhos dos seus discípulos, toda a verdade dos ensinamentos que lhes dava; ele mesmo o disse, segundo se lê em João, cap. XVI, v. 12: Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós não as podeis suportar agora.

É assim que, falando das muitas moradas da Casa de seu Pai (66), vê-

se perfeitamente que aos discípulos, almas simples e ignorantes, ainda que cheias de amor, de luz e de fé, ele de modo algum poderia explicar-lhes que essas muitas moradas que constituem a Casa do Pai, que é o Universo, mais não eram, como hoje já o sabemos, do que esses milhões de planetas que povoam o espaço, e onde os Espíritos buscam progredir, desempenhando as suas missões, segundo o grau de seu adiantamento moral e intelectual, pois que a hierarquia ascensional desses mundos está em relação com a dos Espíritos que neles habitam.

(66) *João, cap. XIV, v. 2.*

Eles não podiam, portanto, suportar o desdobramento de todos os seus divinos ensinamentos, mas tempo viria, e esse já é chegado, em que a Boa Nova, a essência das verdades ensinadas pelo Manso Cordeiro, será compreendida por seus discípulos, como por toda a humanidade. É o que se encontra em João, cap. XIV, v. 26, onde o Divino Mestre declara que virá o Consolador, que é o Espírito Santo, isto é, a plêiade dos enviados do Senhor, para ensinar todas as coisas, fazendo lembrar tudo o que por ele fora dito.

O Consolador é o Espiritismo; por ele os ensinamentos de Jesus serão compreendidos em espírito e verdade, e aqueles que, acreditando sinceramente em N. S. Jesus-Cristo, se colocarem à sombra do seu santo lábaro terão luz em abundância, para seguir o luminoso trilho que conduz a criatura ao seio do seu Criador e Pai.

Mas, voltemos à narração do evangelista.

Feito o seu testamento, manifestando o Senhor aos seus discípulos a resolução de afastar-se da Terra para um lugar onde eles então não o podiam acompanhar, Pedro, não compreendendo as palavras do seu Divino Mestre, pede-lhe a razão por que o não podia seguir, visto que estava disposto a dar por ele a sua alma e a sua vida.

A esta interrogação, responde o Senhor, ferindo a atenção do apóstolo fervoroso da fé, e dos demais discípulos, para melhor gravar-lhes no espírito a sua predição: Darás então por mim a tua vida? Em verdade, em verdade eu te digo, não cantará o galo sem que me tenhas por três vezes negado! (67)

(67) *João, cap. XIII, v. 38. Lucas, cap. XXII, v. 34. Marcos, cap. XIV, v. 30. Mateus, cap. XXVI v. 34,*

Pedro, portanto, também fora escolhido pelos Espíritos das trevas para escandalizar o Senhor; eles pretendiam joeirá-lo também, e o conseguiriam talvez, pela fraqueza da carne que o revestia, se o Divino Mestre não intercedesse pelo velho pescador, a quem confiara na Terra a chefia da sua. Igreja.

Isso prova, cristãos em Cristo, o quanto devemos ser no mundo vigilantes, principalmente quando pelo nosso Mestre e Senhor nos tivermos resolvido a dar a nossa vida e a nossa alma.

E, parecendo uma incongruência, é isso uma verdade!

Quanto mais procura o Espírito desprender-se dos vícios e paixões que o degradam mais o cercam os infelizes, buscando demovê-lo dos seus bons intentos.

Pedro era homem, o seu Espírito vestia a carne que, como tantas vezes disse o Divino Senhor, é fraca; e, ainda que desejando ardentemente não abandonar um só instante o seu doce amigo, influências estranhas atuam sobre ele e, não podendo corromper-lhe os seios da alma, porque esses já tinham recebido os bafejos sacratíssimos do seu Divino Mestre, infundem-lhe o terror, por meio do qual conseguem fazê-lo negar publicamente a N. S. Jesus-Cristo, realizando-se o escândalo por eles tão desejado.

E assim, lendo no futuro, foi que o Manso Cordeiro lhe predisse que ele o negaria por três vezes.

Continuando a sua narrativa, diz o evangelista que o Senhor, depois de dar as últimas instruções aos seus discípulos, com eles dirigiu-se à outra banda do ribeiro de Cedron, onde havia um horto, no qual buscou retiro.

Será esse o assunto do capítulo seguinte.

X

O ósculo da denúncia. — Pedro fere a orelha de Malco. — As três negativas do apóstolo da fé. — Esforços de Pilatos para livrar o Divino Senhor. — Arrependimento de Judas. — Palavras do Manso Cordeiro às filhas de Jerusalém. — O Calvário. — Palavras de Jesus à Virgem Santíssima e ao Discípulo Amado. — Últimas palavras do Divino Mestre. — Nicodemos e José de Arimatéia depõem no sepulcro o corpo de Jesus.

O horto das oliveiras, o ameno sítio pelo Senhor buscado tantas vezes para repouso dos seus humildes discípulos e companheiros, e onde, afastado das grandes multidões, ele lhes revelava as verdades da vida de além-túmulo, confortando-lhes a alma nesses doces momentos em que se entreabriam os cálices das rosas, como a lhe falarem também na misteriosa linguagem dos perfumes, o horto das oliveiras foi o lugar escolhido para o grande escândalo que ainda hoje conturba e enche de pavor os corações cristãos!

Os amigos e discípulos, tomados de tristeza pelas últimas palavras que lhes proferira o Amado Mestre, deitam-se na alfombra e, cansados, adormecem; Jesus, narram os evangelistas (68), deles se afastando um pouco, dobra os joelhos sobre a terra e numa doce súplica pede ao Pai que lhe desvie o cálice das sevas agonias, fazendo-se, no entanto, a sua divina vontade.

(68) *Mateus, cap. XXVI, vv. 36 a 39. Marcos, cap. XIV, vv. 32 a 36. Lucas, cap. XXII, vv. 39 a 42.*

E, certamente, o Divino Cordeiro orou nesse instante, mas a prece ungida que lhe saiu dos lábios buscou as plantas do Criador, em súplicas pelos seus duros algozes. O seu Espírito sem mácula não provava o desfalecimento que conturba os que se avizinham da morte; havia, é certo, na sua alma, a tristeza e a agonia, mas a tristeza que lhe causava a ingratidão dos homens, a agonia que lhe inspirava a visão do futuro, que lhe assegurava o quanto, pelo seu nome e por sua santa doutrina, iam padecer aqueles que, descuidosos, se deixavam adormecer sobre a relva.

E se, para afastar dos seus queridos companheiros os amargos

sofrimentos que os esperavam, fosse mister que dos seus divinos lábios se desviasse o cálice, Jesus pediu ao Pai que isso se fizesse, mas que, no entanto, prevalecesse sempre e sempre a sua santíssima vontade.

Feita esta súplica, o Senhor acerca-se dos seus amados companheiros, desperta-os, advertindo-os de que cumpria que eles fossem vigilantes, pois que o príncipe deste mundo, isto é, a legião do ódio, da inveja e da mentira aí vinha a buscá-los.

E mal acaba o Senhor de aconselhá-los, quando surge a coorte dos seus feros inimigos.

Judas, que à sua frente vinha, para torná-lo de pronto conhecido, dele se aproxima, dando-lhe o ósculo da denúncia. O Divino Mestre fita compassivamente o discípulo ingrato e, voltando-se para os que o acompanhavam, lhes pergunta: A quem buscais? — A Jesus Nazareno, respondem eles. — Eu o sou, diz o Divino Cordeiro; e a estas palavras caem por terra os escribas e fariseus.

Este fato bem demonstra à cristandade o poder de N. S. Jesus-Cristo; quando o Senhor declara que é realmente o Justo Pré-eleito, o seu Espírito soberano se revela em toda a sua grandeza, irradia-se a sua luz puríssima, ilumina-se o horto e rolam por terra, confundidos, os soldados da coorte.

Mas, como já era chegada a sua hora, Jesus encobre-se de novo, toma as formas do homem deste mundo, concentra no seu seio toda essa irradiação divina, para então se entregar como um cativo. Pedro, porém, toma da espada e fere um dos soldados da coorte! (69)

(69) João, cap. XVIII, vv. 1 a 11. Lucas, cap. XXII, vv. 47 a 51. Marcos, cap. XIV, vv. 43 a 47. Mateus, cap. XXVI, vv. 47 a 52.

E por que, perguntareis certamente, por que se arma um discípulo de N. S. Jesus-Cristo contra os inimigos do seu Mestre?

— Simplesmente porque, tomando à letra o conselho que lhe fora dado, poucos momentos antes, julgara que devia lançar mão do instrumento de morte, para se defender a si e aos seus amigos!

E, no entanto, o conselho do Divino Cordeiro apenas traduzia um símbolo que o humilde pescador não pôde compreender.

— Quando eu vos mandei caminhar sem bolsa e sem alforje — pergunta o Divino Mestre aos seus discípulos —, faltou-vos, porventura, alguma coisa? Pois agora vos digo eu: tomai bolsa e alforje, e quem não a

tiver venda a túnica e compre espada!

E suprirá, porventura, a espada a falta da bolsa? Não, certamente.

Jesus falara aos seus discípulos simbolicamente; ele aludira à única e verdadeira espada que pode ser empunhada pelo cristão: a espada da fé, a única de que ele deve usar para que lhe não falte o alimento do corpo, o alimento do Espírito — a coragem na luta que se ia travar entre a verdade e o erro, entre a luz e as trevas!

E assim dizia Jesus: enquanto estáveis comigo, nada vos faltou, porque o meu poder de tudo vos supria; agora, porém, que eu vou para o Pai e vos deixo órfãos no mundo, cumpre que vos premunais desse elemento poderoso de combate — a fé que santifica, a fé que tem a força incoercível para todos os cometimentos do espírito.

Mas, não obstante a ilusão do grande apóstolo da fé, cumpria que o fato se realizasse, pois constituía ele um ensinamento para o futuro.

E, de outro modo, seria um ilogismo que Jesus, que aconselhou a seus discípulos que tomassem espada, dissesse a Pedro, momentos depois, como nos referem os textos bíblicos: Embainha a tua espada, porque todo o que mata à espada à espada morrerá.

Essas palavras do Divino Mestre eram a condenação positiva das guerras religiosas que de futuro se iam dar, como no-lo refere a história da humanidade, nas quais, num mar de sangue, se tem afogado o coração humano, em nome do Divino Cordeiro.

Eram uma advertência a todos aqueles que, mais tarde, se deviam apresentar como continuadores da sua santa obra e que, indiferentes às verdades contidas na sua Boa Nova, substituíram a cruz pelo gládio, espalhando-se pela superfície da Terra a pretexto de propaganda, para semear cardos e espinhos na seara do Senhor, até abafarem as mimosas plantas que viriam refluindo pelo esforço santificado, pelo labor evangélico dos seus verdadeiros discípulos.

Jesus, portanto, não aconselhou Pedro a armar-se contra os adversários da sua doutrina, como não autorizou os pseudocristãos a fazerem prosélitos à custa do sangue dos seus irmãos.

E, a par desse ensinamento, outro maior ainda ele oferece aos seus discípulos, sarando a orelha de Malco, praticando, assim, a caridade com o seu perseguidor.

Em seguida, sem mais resistência, entrega-se e caminha para a casa dos seus juízes. Os discípulos, apavorados por todos esses fatos de que foram testemunhas, fogem; Pedro, porém, que se tinha disposto a não abandonar o seu doce amigo, oferecendo por ele a própria vida, acompanha a turba ignara e, conseguindo penetrar no pátio do palácio do juiz do Senhor, assenta-se sobre uma pedra, onde tranqüilamente espera o resultado do julgamento.

Uma escrava se lhe aproxima, perguntando se ele também pertencia à comunhão do Senhor; o apóstolo, temendo que a sua resposta influísse de algum modo para a condenação de seu Divino Mestre, responde-lhe negativamente. Um outro, ainda, faz-lhe a mesma pergunta e Pedro, pela segunda vez, nega-o; vem ainda um terceiro que, reconhecendo-o, o denuncia como aquele que, armado de espada, ferira um dos escravos da lei, e terceira vez Pedro responde negativamente, e imediatamente canta o galo.

Realiza-se assim a profecia do Mestre Divino, que, por entre as grades da casa de Caifás, lança um olhar piedoso sobre o grande apóstolo. (70)

(70) *Mateus, cap. XXVI, vv. 69 a 75. Marcos, cap. XIV, vv. 66 a 72. Lucas, cap. XXII, vv. 55 a 62. João, cap. XVIII, vv. 15 a 18. Idem, cap. XVIII, vv. 25 a 27.*

Pedro chora amargamente, porque reconhece que não soube resistir, então, com a verdadeira espada para dizer a verdade, porque esta se publica sempre quando se tem fé, quando se tem a verdadeira crença, porque a verdade é Deus, a verdade é Jesus!

Dentro do palácio, julgavam o Divino Cordeiro, acusando-o de grandes crimes; para aquele povo, o amor e a caridade eram uma injúria, a piedade e a misericórdia um grito de sedição, que podia fazer ruir por terra o trono do César!

E, na turbamulta que os rodeava, buscavam, com todo o empenho, alguém que viesse, clara e positivamente, acusar o Divino Mestre e, como o não encontrassem, mandavam os senhores da Judéia, de uns para os outros, o mísero cativo, até que um dentre eles tivesse a argúcia de achar um crime que o levasse à cruz!

E o crime foi achado: Jesus proferira a frase mais escandalosa que podia ser ouvida na Palestina. Confessara, em público e perante o próprio juiz, que ele era Filho de Deus!

Baldados foram os esforços de Pilatos para livrar da sanha tigrina daquele povo o meigo filho de Maria! Propôs-lhes a liberdade do Divino Cordeiro, como um ato de indulto, que então era costume praticar por ocasião das festas de Páscoa, mas os escribas e fariseus, o povo fanático e feroz preferiu a liberdade de um celerado, pedindo o crucifícamento de N. S. Jesus-Cristo.

Acovardado e por interesse pessoal, Pilatos manda vestir-lhe a túnica do condenado, e, lavando as mãos diante da multidão, exclama: Eu sou inocente do sangue deste justo, e, lavrando a sua sentença, entrega-o à sanha dos soldados.

Estes, por escárnio, pois o julgavam ambicioso de um trono, vestem-no de púrpura, colocam-lhe na frente uma coroa de espinhos e à mão direita uma cana verde arrancada aos paus da Palestina, e, ludíbrico da população, caminha o Senhor, completando-se a nefanda obra do Espírito das trevas!
(71)

(71) João, cap. XVIII, vv. 28 a 40. Idem, cap. XIX, vv. 1 a 19. Mateus, cap. XXVII, vv. 1 a 37. Marcos, cap. XV, vv. 1 a 26. Lucas, cap. XXIII, vv. 1 a 38.

E livre a consciência de Judas, vai ele, tocado de arrependimento, apressadamente restituir as trinta moedas àqueles que lhe haviam comprado a dedicação e os afetos do seu Divino Mestre.

Era tarde; Jesus recebera já a sua sentença de morte. O traidor, espavorido, atira às plantas dos fariseus e escribas esse dinheiro que lhe queimava as mãos e procura desaparecer da face da Terra, cometendo ainda um outro crime: o suicídio.

Os sacerdotes tomam desse dinheiro, que por ser preço de sangue não podia ser lançado na arca das esmolas, e resolvem empregá-lo na compra do campo de um oleiro, que destinam para cemitério de forasteiros. Esse campo se ficou chamando — Campo de Sangue; e, assim, esse dinheiro, com o qual se corrompera uma consciência, para se crucificar um justo, serviu ainda para a prática da caridade!

E caminhava o Senhor; e o povo, as mulheres, as crianças e os velhos choravam e, em altos brados, diziam: Quando isso acontece ao lenho verde, o que será do lenho seco?!

E as criancinhas, as suas doces amiguinhas que tantas vezes pousaram em seus joelhos, dele recebendo os divinos bafejos, olhavam-no atônitas,

sem compreender para onde o conduziam, afastando-o dos seus corações amantes!

E o Divino Mestre, lançando um olhar compassivo à multidão que o seguia, exclama: Não choreis por mim, filhas de Jerusalém, chorai por vós mesmas, porque tempo virá em que dirão os povos: bendita aquela a cujos peitos ninguém se amamentou; ditosas as estéreis, cujos ventres não geraram!

Vidente divino, ele previa os horrores da guerra civil que de futuro se ia ferir entre os judeus, pela dissidência de fórmulas religiosas que tão ardentemente combatera, a troco do seu aspérrimo martírio! Ele via talada pelo ferro e pelo incêndio a Cidade Santa coberta de triunfos e de glórias, de onde há pouco ele viera.

Como que assistindo desde logo a esse horroroso morticínio por que iam passar os filhos de Jerusalém, subjugados pelos grandes exércitos romanos, que ainda uma vez vinham disputar, pela força, o domínio de toda a Palestina, nesses dias de horrores em que as mães, desesperadas pela fome, devoravam os próprios filhos, em que no coração humano emudeciam todos os afetos da alma, prevalecendo o instinto de conservação, seguia o Divino Mestre a sua ominosa viagem para o Calvário e, ao ver nos semblantes dos que o acompanhavam, pálidos de assombro pelo seu martírio acerbo, rorejar o pranto, lhes diz: Não choreis por mim, filhos de Jerusalém; chorai por vós mesmos e por vossa descendência!

Setenta anos depois, o templo onde tantas vezes penetrara o Amantíssimo Cordeiro, para mostrar ao povo a sublimidade da sua doutrina de salvação, era um montão de escombros; os livros sagrados eram trasladados para a Roma pagã, servindo de escárnio às turbas ignaras!

Os verdadeiros crentes, aqueles que tinham recebido a semente em boa terra, aprisionados, eram feitos, uns, escravos, outros às feras atirados, para divertimento da infrene população!

E foi dentre as sombras do seu duro martírio que o Senhor, descortinando esse nefando quadro, pediu às pobres mulheres que o não lamentassem, pois aos paços do seu Excelso Pai ele volvia, enquanto elas e as gerações futuras ficariam, até que soasse a hora do arrasamento da

Cidade Santa!

Curvado ao peso do madeiro, por entre soluços e gemidos dos amados companheiros, segue Jesus para o sólio da redenção, para o altar do mundo — o Gólgota! E, mais de uma vez, cedendo ao peso enorme, tombou na terra o seu divino rosto; e tardava a hora do grande sacrifício!

Foi então que os escribas e fariseus, não por piedade mas porque se aproximava a noite, convidaram alguém para ajudar o Senhor a carregar a sua cruz. Simão, filho de Cirene, saindo da multidão, apresentou-se, e assim pôde o Senhor chegar à negra montanha do Calvário, onde ia sofrer morte afrontosa. Lá, cheia das célicas resignações, ferida nos seus mais doces sentimentos de mãe, estava a amargurada Virgem Santa, com o Discípulo Amado, esperando o seu pobre e desventurado filho que, como ela o julgava, ia morrer por muito ter amado!

E o ódio e a inveja não se satisfaziam com o crucifícamento do Redentor do Mundo! Queriam também o opróbrio e deram-no, ladeando o Senhor de dois ladrões!

Cumpria que perante o povo ele fosse confundido com os bandidos; e então, para provarem que o Divino Cordeiro não passava de um impostor, que todas as suas obras, chamadas miraculosas, mais não eram do que a criação dos cérebros enfermos dos seus discípulos, eles, em altos brados, o convidavam para que, fazendo mais um prodígio, descesse da cruz, confundindo os seus algozes!

E a essas invectivas e escárnios respondia o meigo Nazareno: **PERDOAI-LHES, MEU PAI, PORQUE ELES NÃO SABEM O QUE FAZEM!**

Eram essas palavras mais um exemplo de amor e de resignação que o Divino Mestre dava ao mundo! Nas suas agonias, nas suas dores mais profundas, nem uma só palavra de recriminação ele profere!

E, à turbamulta que o cerca infrene, compassivo ele lança um doce olhar, luz pura e divina que, qual sol dos sóis, da terra ao desprender-se, antes de obumbrar-se no ocidente, esparge os fúlgidos clarões sobre as cabeças dos seus feros e torvos inimigos!

Depois de provar o cálice das fezes, símbolo das suas amargas provações, o Senhor dirige-se à Virgem Santa e, mostrando-lhe, com o olhar, o Discípulo Amado, exclama: Mulher, eis o teu filho!

E assim, ainda uma vez, sob o véu da letra, ele ensinava aos homens que aquela angustiada Virgem, a sua companheira de infortúnios, não lhe havia dado o ser como sua mãe, que o não era, mas que nem por isso era menor a sua dor, a sua mágoa, pois, se ali não existiam mãe e filho, havia duas almas gêmeas do mesmo afeto que as criara, do mesmo sentimento, do verdadeiro e puro amor que só no céu se conhece! (72)

(72) *João, cap. XIX, vv. 26 e 27.*

E reinava a orgia no topo do Calvário; satisfeitos os corações tigrinos, bebiam e folgavam, procurando abafar o eco doloroso dos gemidos com a grita desenfreada da nefanda bacanal.

E, para se cumprirem às profecias, jogaram dados sobre a túnica do Senhor, até que, à hora sexta, tendo-se tudo cumprido, soltou Jesus um grande brado, para chamar a atenção da multidão, dizendo: TUDO ESTÁ CONSUMADO! A VÓS ENTREGO, SENHOR, O MEU ESPÍRITO!

Antes, porém, tendo o Divino Mestre prometido ao bom ladrão, assim chamado na frase do Evangelho, que consigo ele seria no paraíso, este, vendo baixar a fronte do Senhor, proferiu estas palavras que foram atribuídas a Jesus: Ely, Ely, lamma sabachtani! — Senhor, Senhor, por que me desamparaste?!

Tal era a confusão, tão medonha a tragédia, tão negro o quadro, que, conturbados os espíritos, julgaram partirem dos divinos lábios do Amantíssimo Cordeiro essas palavras de aflição e desalento!

Mas, assim não foi, nem poderia ser: Jesus, o Justo pré-eleito, cujo Espírito se alava constantemente aos pés do seu glorioso Pai; Jesus, que afrontara todas as iras, todas maldades dos homens, não podia, nesse momento supremo, participar desses desfalecimentos que só provam as almas pecadoras.

Não, cristãos em Cristo, eu vos afirmo, como Espírito que sou, e pela verdade que recebo dos meus maiores, os Espíritos elevados que me assistem neste trabalho: as palavras de Jesus, nos seus últimos momentos, foram estas, e unicamente estas: TUDO ESTÁ CONSUMADO! A VÓS, SENHOR, ENTREGO O MEU ESPÍRITO!

Nicodemos e José de Arimatéia, discípulos de N. S. Jesus-Cristo, se bem que ocultos, por medo dos judeus, obtiveram de Pilatos consentimento para tirarem da cruz o corpo do Senhor, o que fizeram, e,

depois de amortalhá-lo e embalsamá-lo com os mais suaves aromas, o depositaram num sepulcro virgem que havia próximo ao lugar em que o Divino Mestre fora crucificado.

Os escribas e fariseus, porém, temendo que os discípulos viessem à noite roubar o corpo do seu Mestre, para fazerem acreditar na sua esperada ressurreição, pediram também a Pilatos uma guarda para vigilância do sepulcro, guarda numerosa que pudesse alternadamente velá-lo, com toda a segurança. (73)

(73) João, cap. XIX, vv. 28 a 42. Lucas, cap. XXIII, vv. 39 a 56. Marcos, cap. XV, vv. 27 a 47. Mateus, cap. XXVII, vv. 38 a 66.

Como o Senhor ressurgiu e quais os fatos que se realizaram após a sua ressurreição serão os assuntos do nosso próximo e último capítulo.

XI

Visita das piedosas mulheres ao santo sepulcro. — Aparição do Divino Mestre a Maria Madalena. — Madalena, por ordem do Senhor, comunica aos discípulos a sua ressurreição. — Aparição do Divino Mestre aos seus discípulos. — Incredulidade de Tomé. — Manifesta-se Jesus, uma outra vez, aos seus discípulos, na presença de Tomé. — Palavras do Divino Senhor ao Apóstolo da Fé. — Ascensão do Senhor — O Consolador entre os homens — A Doutrina Espírita

Em meio de aplausos e de orgias terminara a tragédia do Calvário.

A noite silenciosa vinha da amplidão sideral, amortalhando da Palestina o solo tantas vezes perlustrado pelo Manso Cordeiro, que aí deixara, na sua passagem, sulcos profundos de amor sem termo.

Nas frondes dos arvoredos buscavam as mansas aves os resguardados ninhos e, como que partilhando da tristeza das almas boas, pipilavam as nênias da saudade.

Longe, tomados ainda de assombro pelo negro atentado da cruz, os amigos do Senhor reuniam-se para rememorem os seus santos ensinamentos, buscando no mútuo alento de irmãos as forças necessárias para levarem a longínquas terras a Boa Nova do Amado Mestre.

E logo que a noite da face da terra suspendia o mesmo manto, surgindo nas faixas do oriente os primeiros fogos da aurora, lá vinham, afrontando os insultos e remoques da pretoriana guarda, as boas mulheres, as filhas de Jerusalém, trazendo as frescas rosas, os bálsamos inebriantes, para encherem de perfumes o sepulcro santo; e, cheias de unção, oravam, e copiosas lágrimas banhavam--lhes as faces, dorido pranto que resumia talvez toda essa dor imensa que se aninhava no seio da mais pura, da mais santa das mulheres — a Virgem Mãe Imaculada! (74)

(74) *Mateus, cap. XXVIII, vv. 1 a 10. Marcos, cap. XVI, vv. 1 a 16. Lucas, cap. XXIV, vv. 1 a 40. João, cap. XX, vv. 1 a 23.*

Um dia, porém, o primeiro da semana, quando, ao romper da manhã, vieram as piedosas mulheres, como nos outros dias, trazer as flores e perfumes ao morto sagrado, foram tomadas de assombro, ao encontrarem removida a pedra do sepulcro e, no vazio da cova, cuidadosamente

dobrados, o sudário e paramentos do condenado dos homens.

Assaltadas pela suspeita de que houvessem profanado o túmulo do Senhor, para assim evitarem essa visita que, a eles, já se lhes ia tornando importuna, correm a dar parte aos discípulos do Divino Cordeiro de tudo que tinham presenciado.

Madalena procura Pedro, a quem transmite a triste nova; este, porém, não lhe dando crédito, vai com ela e com o Discípulo Amado ao sepulcro, onde verifica a verdade das palavras da arrependida. Parte, então, com João, e comunica aos companheiros esse fato extraordinário.

Maria, porém, deixa-se ficar chorando à beira do túmulo, quando dois Espíritos, tornando-se-lhe visíveis, a interrogam sobre o motivo do seu pranto.

— Levaram o meu Senhor — responde a triste amargurada —, ao que lhe diz um dos divinos guardas do sepulcro: Procura-o mais longe!

Ouvindo estas palavras, Maria afasta-se alguns passos e, assombrada, vê, diante de si, um Espírito radiante que também a interroga sobre a sua mágoa.

Maria dá-lhe a mesma resposta, e, então, esse Espírito, tomando as formas do Divino Cordeiro, profere o seu nome; cheia de júbilo, corre a arrependida para cobrir de ósculos as plantas do seu Divino Mestre.

Jesus, porém, não o consente, dizendo-lhe: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai!

O Divino Mestre, como sabem todos os que estudam a Nova Revelação, logo após a consumação do seu sacrifício, entregara à sanha dos fariseus e dos escribas, e ao zelo e veneração dos bons, esse corpo aparente com que se apresentara no mundo para o exercício da sua sagrada missão; logo, porém, que esse corpo foi encerrado no túmulo, caindo sobre ele a pesada laje que fechava o sepulcro, Jesus, pela ação da sua divina vontade, o atraiu ao espaço, restabelecendo as suas condições que sempre foram puramente fluídicas.

Esse outro corpo, porém, visto por Madalena, era o perispírito do Divino Mestre, que por ela não podia ser tocado, pois, se o fizesse, apenas nele encontraria o vácuo; e tal foi o motivo por que N. S. Jesus-Cristo, que tantas vezes consentira nas explosões do amor da arrependida, deixando que ela lhe osculasse as plantas e as mãos e, banhando-as com

as suas abundantes lágrimas, as enxugasse em seus cabelos, nesse momento, a pretexto de que ainda não tinha subido ao Pai, não se deixa tocar por ela.

— Vai — diz-lhe o Senhor —, comunica aos meus discípulos que eu ressurgi dos mortos; e a Madalena, pressurosa, corre a dar-lhes a boa nova.

Eles, porém, não o creram, porque não tinham bem de memória o que diziam as Escrituras, quando afirmavam que importava que, no terceiro dia, ressurgisse o Salvador do mundo.

E às horas do crepúsculo desse mesmo dia estavam os amigos do Senhor, a portas fechadas, por medo dos judeus, no convívio santo da oração e da saudade, quando no meio deles apareceu o Divino Mestre. O que se passou nesse momento não há palavras que o possam exprimir!

Abre-lhes, o Senhor, o entendimento; rasga-se o véu que encobria àquelas inteligências a grandeza da missão de N. S. Jesus-Cristo; e, médiuns videntes e auditivos que o eram, inconscientes, porém, revela-se-lhes então, completamente, o dom da mediunidade, que os torna aptos a receber o Espírito Santo, isto é, a plêiade de Espíritos puros que os deviam acompanhar na grandiosa missão de difundirem pela superfície da Terra a palavra do EVANGELHO — A BOA NOVA da salvação de toda a humanidade.

E o Senhor, dias depois, à borda do Mar de Tiberíades, aproveita a ocasião para obter de Pedro a recíproca das suas três negativas, fazendo-o confirmar por três vezes, perante os seus discípulos, o amor que ele, o apóstolo da fé, lhe consagrava.

— Pedro, mais do que estes, tu me amas?

— Apascenta os meus cordeiros! (75)

(75) João, cap. XXI, vv. 1 a 17

Tais foram as palavras que o Divino Senhor dirigiu ao grande apóstolo, ao chefe da sua Igreja, manifestando-lhe o desejo de que ele tomasse parte nos trabalhos destinados a guiar os primeiros passos do Cristianismo.

— Pedro, chefe da minha Igreja, pelo meu amor, pelo amor da minha doutrina; entrego-te o grande aprisco do mundo! Cuida zelosamente do rebanho das almas, porque eu vou para o Pai!

— Por amor da minha doutrina, empunha o teu bordão de peregrino e

vai, à frente dos meus amados discípulos, abrir esses sulcos de salvação, esses novos caminhos desconhecidos dos gentios e heréticos! Ensina aos pobres desterrados nesses presídios da Terra tudo o que ouviste dos meus lábios; conta-lhes todos os fatos maravilhosos que presenciaste, todas as minhas angústias, que também provaste por amor de mim, para que se aproximem os tempos em que se torne este mundo o que agora ainda não pode ser — o meu verdadeiro reino!

E, falando aos seus discípulos, assoprou o Divino Mestre sobre as suas cabeças, dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo —, e assim os investiu de todos os poderes, para levarem por diante a sua sagrada missão.

Como, porém, não estivesse presente quando se realizaram estes fatos, o discípulo Tomé, ao voltar à comunhão dos seus amigos, sabendo que o Senhor estivera entre eles, manifestou incredulidade, participando, assim, desse triste sentimento que avassala a humanidade — a dúvida do poder de Deus, que sobre toda a Natureza se manifesta de um modo grandioso e extraordinário, mas que não pode ser visto nem tocado, dado o orgulho e a vaidade do homem.

Tomé errou, foi fraco; mas, por essa fraqueza não podia ele ser banido da santa comunhão; e por isso, cheio de misericórdia e de perdão, procura o Senhor tornar-se visto outra vez por seus discípulos, na presença de Tomé.

Retomando o seu corpo fluídico, o mesmo que tinha servido para saciar a sede de sangue dos escribas e fariseus, deu-lhe o Senhor as suas mãos, para que as tocasse e, entreabrindo a túnica, mostrou as chagas, para que o fraco discípulo pudesse vencer a sua incredulidade.

Banhado em pranto, roja-se ele aos pés do Divino Mestre, exclamando: Meu Deus e meu Senhor!

— Bem-aventurados aqueles que não viram e creram —, diz-lhe o Manso Cordeiro! (76)

(76) *João, cap. XX, vv. 24 a 29.*

E nós repetiremos: bem-aventurados aqueles que, não tendo tido a agridoce ventura de assistir às cenas da Palestina, acreditam na narração dos evangelistas e na confirmação que dela trazem os Enviados do Senhor!

Bem-aventurados os verdadeiros cristãos que não perlustraram aquelas

terras nem tiveram a ventura de ouvir a palavra do Salvador do mundo mas que, no entanto, nela acreditam, e, por essa crença, elevam dos seios dalma o incenso das preces que sobem às regiões sideral, para testemunharem ao meigo Filho da Virgem Imaculada que as sementes por ele lançadas germinaram em boa terra, onde vão florindo, a exalarem doces perfumes dignos de se confundirem com os puros aromas que as santas mulheres levavam ao seu sepulcro!

Bem-aventurados todos aqueles que, diante dos esplendores do Universo, não precisam tocar Deus, nem N. S. Jesus-Cristo, para se considerarem criaturas do Altíssimo!

E triste e terrível contraste! Enquanto o Divino Mestre buscava inculcar na alma dos seus amados discípulos a fé, a coragem, os entusiasmos para que, por toda parte, levassem os frutos doces e sazonados da sua santa doutrina, lá, mais longe, compravam os representantes da lei a consciência dos soldados, insinuando-lhes a ignóbil mentira, para que aos olhos do povo, atônito pela ressurreição do Senhor, esse fato prodigioso que lhes atestava a sua hierarquia divina passasse como uma farsa adrede preparada pelos seus discípulos! (77)

(77) *Mateus, cap. XXVIII, vv. 11 a 15.*

Não convinha absolutamente que o povo se convencesse de mais esse prodígio, que elevava o nome do Mártir do Gólgota às alturas divinas de onde ele baixara.

A verdade, porém, devia impor-se e, apesar do negro drama, em pouco tempo tornou-se evidente, aos olhos dos que queriam ver, a ressurreição do Divino Mestre, do Filho de Deus vivo sobre a Terra.

Jesus, por largos dias, visita os seus discípulos, animando-os e os encorajando para a missão a que os destinara, até que, chegado o momento de deixar a superfície da Terra, para ascender aos páramos da luz, os convida a se dirigirem para um monte da Galiléia, onde, depois de dizer-lhes as últimas palavras de animação e de conforto, abençoando-os, Astro de Amor, eleva-se aos espaços, até os pés do seu Divino Pai, deixando na Terra os valorosos arautos que por toda parte deviam levar a sua doce e divina palavra. (78)

(78) *Marcos, cap. XVI, v. 19*

Como desempenharam esses santos varões a sagrada missão que lhes

fora confiada sabe-o a cristandade, pelo testemunho que disso lhe dá o Novo Testamento; e a humanidade inteira de sobejo conhece, pela história, como obraram mais tarde aqueles que lhes sucederam!

A doutrina de Jesus, por toda parte espalhada por seus amados discípulos, tornou-se, depois, a pedra de escândalo perante as consciências puras e sãs.

Invertendo-se calculadamente todos os princípios básicos do Evangelho; deixando-se de parte a pureza e santidade do Código do Senhor, para atender-se unicamente aos interesses mundanos, erguem-se fogueiras, inventam-se os mais horrendos suplícios e, em nome de Jesus, os sucessores dos discípulos do Amantíssimo Cordeiro praticam as maiores atrocidades, levando por toda parte o incêndio, a destruição e a ignomínia!

Como se não bastasse todo esse acervo de práticas criminosas, que lançavam o Evangelho num pântano de sangue, como um escárnio à Divindade, convidava-se a família cristã à adoração de ídolos, verdadeiros assassinos inquisidores, que pela vontade dos homens eram elevados à categoria de santos!

E a cristandade suportava esse pesado jugo sem a liberdade de pensar, sem a liberdade de sentir, obrigada a uma obediência passiva de escravos, e tudo isso por imposição daqueles a quem cabia iluminar-lhe a consciência, dando-lhe o pleno gozo da liberdade que é uma emanção de Deus!

Levantavam-se prelos, não para levar a palavra doce e salvadora do meigo Nazareno às consciências mortas; não para a vivificação da palavra escrita, das sementes lançadas pelas mãos benditas de N. S. Jesus-Cristo, mas para estabelecer o ódio, a calúnia, a perseguição, todo esse conjunto, enfim, de coisas ignóbeis que fazem o desespero das criaturas no lodaçal da Terra.

E, em nome de Jesus, viam-se os bispos da Igreja à frente de aguerridos exércitos, não para o conforto dos desgraçados que tombassem no campo de batalha, fazendo desabrochar-lhes nalma a doce e consoladora esperança na misericórdia do seu Divino Redentor, mas para incitá-los à luta, acendendo-lhes a sede de sangue, e sangue não de povos bárbaros, o que ainda assim não teria justificativa, mas o de povos cultos que se

batiam em prol das suas liberdades!

Pois bem; diante desse horrendo quadro, que perfunctoriamente descrevo à cristandade, apresenta-se o Consolador, o espírito de reforma, que baixa à Terra pela soberana vontade de Deus para dizer-lhe:

— Basta de sangue, basta de hipocrisia, basta de lodo! Levantai-vos! Vinde abrir esse sagrado livro, cujas páginas luminosas ocultaram ao vosso olhar, por tantos séculos!

Vinde conhecer toda a verdade que vos sonegaram, toda a luz que vos roubaram do coração e dos olhos!

Vinde aprender a amar sinceramente o Filho de Deus, N. S. Jesus-Cristo, mas com o amor do verdadeiro crente, não nas montanhas de Jerusalém, não no deslumbramento das vossas soberbas catedrais, mas dentro do vosso próprio coração, de que fareis um tabernáculo, praticando os divinos ensinamentos do Manso Cordeiro, os únicos que rasgam os seios dalma, tornando-a apta a receber os Enviados do Eterno!

Está, pois, sobre a terra o Consolador — o Espiritismo; e vós, espíritas, trabalhadores da última hora, permiti que o mais humilde servo do Senhor vos chame a atenção para as responsabilidades que vos pesam sobre os ombros.

Lembrai-vos que, assim como a Igreja deturpou os ensinamentos do Amado Mestre, possível é também que alguém tente deturpar os ensinamentos da Doutrina Espírita, que é o reflexo do Código Divino.

Tende bem presente à vossa memória a parábola das virgens do Evangelho de Mateus. (79)

(79) Mateus, cap. XXV, vv. 1 a 13.

Considerai que, assim como a Casa de Deus foi transformada em mercado de sacramentos e de indulgências, é possível também que alguns dos que se dizem espíritas procurem fazer da sua oficina de trabalho o meio de satisfação dos seus interesses individuais!

Mas, ai dos que assim praticarem!

Melhor fora que nunca tivessem lido esse livro de salvação, melhor fora nunca terem compreendido Deus!

Espíritas, lembrai-vos de que Jesus vos escolheu para a reivindicação das verdades que ele proferiu na Terra.

Elas constituem um esplêndido tesouro que, qual pérola de grande preço, estava oculto dos homens; vós o descobristes. Pois bem, a preço das vossas virtudes, comprai o campo que o encerra e não o abandoneis jamais, pois que Jesus confia na seriedade das crenças que dizeis professar, esperando que saibais empregar esse tesouro para a vossa salvação e para a salvação de todo o seu rebanho na Terra!

Médiuns ou não, procurai estar sempre em contato com os vossos Guias, a fim de que deles possais receber a inspiração do que vos convém fazer quotidianamente, para que se acelere o estabelecimento do reinado de Jesus sobre a Terra, que é o da paz e do amor!

Varrei da vossa alma o interesse e o egoísmo e vigiai para que, sob pretexto algum, penetre a moeda na vossa oficina de trabalho!

Se sois médiuns, receitistas ou curadores, dai de graça o que de graça recebeis; buscando os trilhos sagrados dos verdadeiros discípulos de N. S. Jesus-Cristo, predisponde a vossa alma a todos os sacrifícios pela humanidade!

Assim como os primeiros cristãos se entregavam gostosamente a todos os martírios, cantando hosanas ao santo nome de Jesus, procurai resistir, com toda a coragem da vossa fé e da vossa crença, a esse terrível embate que não tarda a dar-se, pois que é chegado o momento da queda de Roma, para o império do Evangelho.

E tais são os amargos frutos da maldade dos homens: após dezenove séculos de lutas, assiste o mundo pensante ao tremendo espetáculo — Roma não pode conciliar-se com o Evangelho, o Evangelho não se pode conciliar com Roma!

A religião, estatui o Syllabus, não se pode conformar com o progresso!

E, no entanto, assim deve ser. O progresso é lei eterna que preside aos destinos dos povos, pelo influxo da vontade de Deus; ele resulta do estudo e da prática dos ensinamentos de N. S. Jesus-Cristo, que condenam os prejuízos do obscurantismo.

O progresso tem a sua origem e o seu fim na Bíblia (80); e, desgraçadamente, a maldade dos homens vai até o ponto de induzir as massas ignorantes a considerarem esse substantivo sagrado uma expressão de injúria, de afronta e de desprezo.

(80) *De bíblos, biblion que quer dizer livro: nome que se dá ao livro que contém*

as Sagradas Escrituras. Dividem-se em duas partes — Antigo e Novo Testamento. A primeira parte compreende a história do povo de Deus, até o nascimento de N. S. Jesus-Cristo, contendo: os cinco livros da Lei ou Pentateuco de Moisés — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; — Josué, Juizes, Ruth; os quatro livros dos Reis, Paralipomenos; Esdras e Neemias; Ester, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes; o Cântico dos Cânticos; Profecias de Isaías, de Jeremias, de Ezequiel e Daniel; o livro dos doze profetas: Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonia, Ageu, Zacarias e Malaquias.

O Novo Testamento, além dos quatro Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, contém os Atos dos Apóstolos, as quatorze epístolas de Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas, e Apocalipse.

E, assim, certamente, a religião não se pode conciliar com o progresso, pois que Roma é a sede da mentira, ao passo que o Evangelho é a sede da verdade, onde todos os progressos são possíveis!

Chegamos, porém, ao termo da penosa jornada: basta de hipocrisia, basta de perfídia!

E vós, espíritas, legionários da revelação nova, como leões, fortes na fé, e mansos no amor, quais pombas, vinde levantar nas consciências mortas o cruzeiro do Gólgota!

E, apontando-o aos vossos irmãos, dizei-lhes:

— Filhos pródigos dos grandes tesouros do céu, eis o símbolo do amor, que esteve oculto aos vossos olhos! Amai-vos! Eis a cruz sacrossanta — o símbolo da humildade —, onde expirou, por amor de vós, o mais puro dos Espíritos que têm baixado à Terra: o Cordeiro de Deus! Sede humildes! Levantai nas vossas consciências o culto da justiça e do dever, que é o culto do Senhor; abri mão dos vossos prejuízos mundanos e vinde para a grande vinha cultivar as sementes do Evangelho, que isso importa a vossa salvação e a vossa felicidade futura!

Assim deveis falar à cristandade, nessa linguagem enérgica do verdadeiro crente, pois que os tempos são chegados e cumpre que desempenheis a missão que vos foi dada, de levantar esse código de salvação — o Evangelho de Jesus — das ruínarias e dos escombros a que o lançou a Igreja de Roma.

Loucos e visionários chamar-vos-ão, sem dúvida; mas, não vos intimidem esses epítetos. Tomai das vossas armas, as armas do Evangelho, e, impávidos, entrai nos prélios, porque a vitória será vossa, a

vitória será da verdade!

Loucos e visionários!

Assim considerou Roma, pela boca da Inquisição, o fundador da física experimental: o grande Galileu (81)! E como louco e visionário foi ele entregue ao martírio, porque explicou a passagem bíblica de Josué (82), com seus exércitos, em socorro dos gabaonitas, pelos fluidos luminosos que, aparentando a luz do dia que se extinguiu, o acompanharam, a fim de que ele pudesse alcançar a vitória. E, no entanto, ficou de pé o princípio científico apresentado pelo mártir, amparado pela ciência dos homens; e subsiste também a verdade religiosa amparada pela Nova Revelação, que hoje já podemos compreender, pela misericórdia de N. S. Jesus-Cristo e pelo esforço que humildemente empregamos para investigar as coisas divinas.

(81) Natural de Pisa; filho de uma família nobre e pobre, dedicou-se à medicina e depois às ciências matemáticas; foi por algum tempo professor na Universidade da sua cidade natal e, depois, em Pádua e Florença.

Em 1633, foi denunciado ao tribunal da Inquisição de Roma, acusado de contradizer a Bíblia em um trabalho que publicou, provando o movimento da Terra e a imobilidade do Sol. Condenado, foi obrigado a abjurar suas doutrinas, e privado da liberdade por muito tempo.

Diz-se que ele, depois de abjurar, pronunciou em voz baixa as seguintes palavras: não obstante, ela se move.

Galileu foi o verdadeiro fundador da física experimental e a ele se devem muitas e importantes descobertas científicas.

Suas principais obras, são: Sidereus nuntius, sobre astronomia; Diálogos sobre os sistemas de Ptolomeu e de Copérnico; Diálogos sobre o movimento e resistência dos fluidos, e várias outras. Morreu cego, em 1642.

(82) Chefe do povo hebreu; sucedeu a Moisés, e introduziu os hebreus na Terra Prometida. Passou o rio Jordão, apoderou-se de Jericó, cujas muralhas abateu ao som das trombetas, e venceu, em Gabaon, a cinco reis aliados; durante a batalha, Deus fez parar o sol, para que se prolongasse o dia, a fim de que ele conseguisse a vitória.

Josué levou seis anos a conquistar o país de Canaã, dividindo-o pelas doze tribos. A Bíblia contém um livro que traz o seu nome e narra a sua história.

Loucos e visionários, empenhai-vos na luta entre a luz e as trevas, certos de que, lá do alto, Jesus, o Divino Mestre, projeta sobre as vossas cabeças a luz grandiosa do seu amor, abençoando-vos pelos esforços que

empregais para a reivindicação das verdades da sua santa doutrina!

Eu vos peço, porém, instantemente, que conserveis sempre bem na memória o cap. XXIV de Mateus, pois que falsos cristãos, falsos profetas se levantarão, mercadores do templo que procurarão penetrar no vosso campo de luta, para apunhalar-vos pelas costas!

E observando, em toda a sua pureza e integridade, os ensinamentos divinos do Código do Amado Mestre, dai à cristandade, pelos vossos atos, o exemplo da virtude, para que ela possa ver Jesus, compreender os seus deveres, encaminhando-se para essa vida onde tudo é luz, onde tudo é amor e felicidade para aqueles que nutrem em sua alma o amor de Deus e o amor ao próximo!

E a vós, oh! meu Jesus, meu Senhor e meu Divino Mestre! Obrigado!

Vós me concedestes a graça de poder concluir a minha tarefa, mesquinha prova do meu amor pela vossa Santa Doutrina! Não fora a vossa misericórdia, o vosso infinito amor, ficaria em meio este trabalho, que tem por fim unicamente mostrar à cristandade a vossa santa e divina imagem!

Permiti, Senhor, que eles me possam compreender!

Concedei que este livro, correndo mundo, vá despertar nas almas o amor pelo estudo do Evangelho! Que ele seja a luz de uma esperança, ensinando que nada está perdido, e que, após tantas lutas, tantas ingratidões, ainda é possível encontrar, no mar sereno e doce da vossa santa doutrina, a barca do vosso amado Pedro, trazendo-vos, oh! meu divino Jesus, como timoneiro!

Obrigado, Senhor!

Últimas Palavras

Ainda sob a impressão do grandioso fenômeno que convulsiona o mundo, a comunicação dos vivos com os mortos, em nosso caso mais que grandioso, por se tratar não de simples comunicações, a que estamos habituados, mas do mimoso presente de um livro, escrínio de belezas e grandezas divinais; nós, os pequenos e humildes crentes da Nova Revelação, vimos aqui ajuntar nossa débil palavra às do inspirado Espírito que, em linguagem e pensamentos fulgurantes, gravou, nessa obra inestimável, a imagem de Jesus, não como no-la apresenta a Igreja romana, mas como é, em verdade, em sua excelsa e divina majestade.

Nada podemos acrescentar a este livro, cuja contextura intelectual e moral é de resistir à ação dos séculos; podemos, porém, dar testemunho de que ele foi ditado mediunicamente pelo Espírito que, na vida do tempo, foi o notável poeta cristão, Dr. Francisco Leite Bittencourt Sampaio. E o nosso testemunho é verdadeiro.

Aos homens de letras cabe a tarefa de verificarem, pelo princípio de que o estilo é o homem, se *A Divina Epopéia* e não revelam a identidade de seu autor, com aquela segurança com que, lendo-se a *Legenda dos Séculos*, jura-se que é obra do autor das *Orientais*.

Nem se pense, pois que a obra foi tomada mediunicamente, que é resultante da transmissão do pensamento, desde que afirmamos por nossa honra: que nenhum dos circunstantes, inclusive o médium, possui a precisa capacidade para produzir um monumento que, em estilo e pensamento, desafia os mais celebrados de todos os tempos.

E, pois, em face desta dupla prova, só a mais requintada má-fé, ou supina ignorância, qual mais lamentável em fatos desta ordem, poderá recusar ao autor de *A Divina Epopéia*, escrita por Bittencourt Sampaio em vida, a autoria de Jesus perante a Cristandade, ditado por Bittencourt Sampaio, depois de morto.

São, evidentemente, duas folhas da mesma árvore — duas pétalas da mesma flor —, irmãos gêmeos, que denunciam a identidade de sua origem paternal.

Sobre este ponto nem mais uma palavra.

Não veio de surpresa a famosa obra que tem feito os gastos das nossas últimas palavras.

No que foi dado à luz em 1896, sob o título Trabalhos Espíritas, publicado por Antônio Luiz Sayão, vem inscrita uma notável comunicação, mediunicamente recebida, sobre a luta, agora mais que nunca acesa, entre os sustentadores das verdades evangélicas, em sua pureza espiritual, e os da Terra e do espaço que as repelem ou as deturpam, por contrárias a seus interesses e paixões.

Nessa importantíssima peça, o alto Espírito que a ditou faz sentir, com veemência, a necessidade de cerrarem fileiras os que desejam ser verdadeiros discípulos de Jesus, no intuito de restabelecer-se e firmar-se, em espírito e verdade, a puríssima doutrina do Evangelho.

E para a obtenção de tão auspicioso desiderato prometeu ditar um livro, em que se apresente aos olhos da humanidade a imagem de Nosso Senhor Jesus-Cristo perante a história do Cristianismo.

Essa promessa foi fielmente cumprida por quem a fez: o nosso ex-companheiro de trabalhos, Bittencourt Sampaio, nome aureolado na política, que lhe seria a túnica de Nesso se, em boa hora, não a tivesse ele arrancado, desprezando as vanglórias do mundo pelo ardente desejo de conhecer as coisas divinas, a cujo estudo, especialmente ao do Evangelho à luz do Espiritismo, dedicou todas as potências de sua alma.

Não correu sereno, como em mar de rosas, o batel que desfraldou a bandeira branca da Fé, iriada pelos fulgurantes raios da Verdade, que é Jesus, de Jesus, que é a vida, da vida, que é a glorificação do Supremo Criador.

O príncipe das trevas, que ainda o é deste mundo, não podia ser indiferente a um empreendimento que, aumentando a esfera de irradiação da luz da verdade, faria recuar os limites de seu nefando império.

E evocando, em fúria, todas as potências do mal, atirou-se contra os humildes crentes, seguro de tolher-lhes a ação e de frustrar a empresa que lhe era odiosa.

Muitas vezes fomos assaltados por esses infelizes, com a violência de quem alimenta a certeza de exterminar a todos.

Deus, porém, que lhes permitiu o emprego de todas as suas forças, para

lhes dar a prova de que jamais poderá o mal prevalecer contra o bem, cobriu-nos com o pálio de sua misericórdia, e as falanges negras foram rechaçadas em seu danado empenho, e os pequenos e fracos continuaram a receber o maná do Céu, que lhes trouxe Bittencourt Sampaio.

Glória ao Pai e ao Filho, que nos fizeram a graça de dar-nos, para distribuir pelos famintos, o pão alvo de sua puríssima caridade!

Graças a Bittencourt Sampaio, que, conhecedor das fraquezas de seus velhos companheiros, alcançou de Jesus, para eles, a esmola da luz, este livro, que lhes ensina o caminho, que lhes abre os olhos sobre tantos erros que obcecaram a razão humana, que lhes dá a força da fé raciocinada, com a qual removerão as montanhas de suas próprias iniquidades.

Em nome da Rainha dos Anjos, paz aos trabalhadores de boa-vontade, misericórdia para todos os que sofrem as conseqüências de seus erros, assim na Terra como no espaço.

Agosto — 1898.

Adolfo Bezerra de Menezes
Frederico Pereira da Silva Júnior
Antônio Luiz Sayão
Luiz Antônio dos Santos
Pedro Richard
José Antônio de Mattos Cid
Tiago Bevilacqua
José Dias de Carvalho Neto
João Augusto Ramos da Silveira
José Luiz de Almeida
José Augusto Ramos da Silveira
Cândido José de Abrantes
Pedro Luiz de Oliveira Sayão

